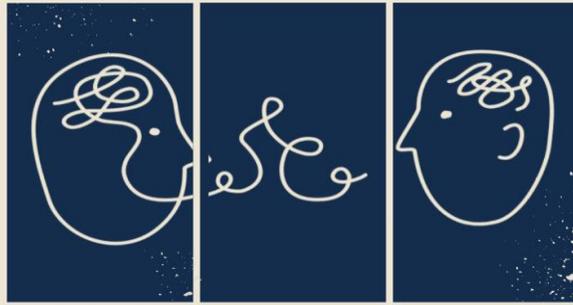


I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



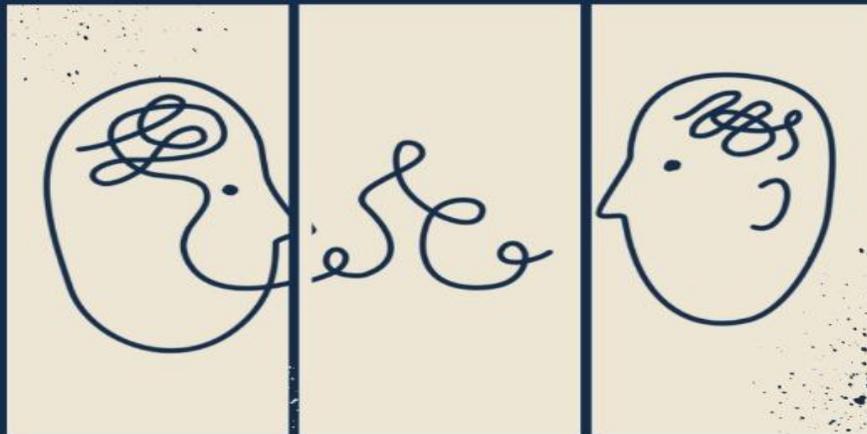
20.03
21.03

2025

LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE
LAP - UEL 2025



I CONGRESSO DA LIGA DE PSICANÁLISE DA UEL



*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE SUBJETIVAÇÃO*

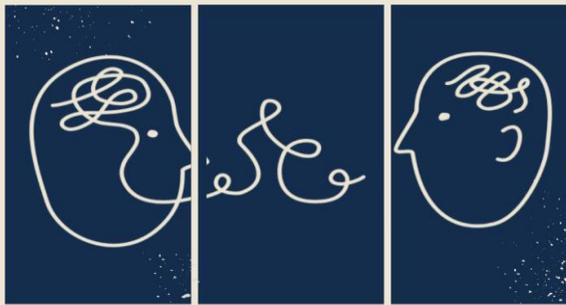
ANAIIS

RESUMO EXPANDIDO



I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina
Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

C749a Congresso da Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL (1. : 2025 :
Londrina, PR).
Anais [do] I Congresso da Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL
[livro eletrônico]: pós-modernidade e dispositivos de subjetivação / Ana
Sophia Ludvig Bortholazzi, Gabriel Feijó Aliberti (organizadores). —
Londrina : UEL, 2025.
1 arquivo digital : il.

ISBN 978-85-7846-628-2
Vários autores.
Evento realizado nos dias 20, 21 de março de 2025.
Inclui bibliografia.
Contém resumos expandidos.
Disponível em: <https://sites.uel.br/ligapsicanalise/publicacoes/>

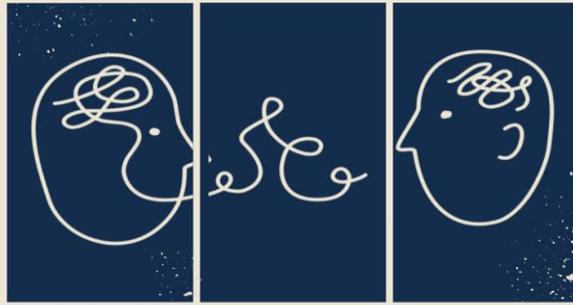
1. Psicanálise – Anais. 2. Psicanálise – Pós-modernidade – Anais.
I. Bortholazzi, Ana Sophia Ludvig. II. Aliberti, Gabriel Feijó. III.
I. Congresso da Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL : pós-modernidade
e dispositivos de subjetivação. IV. Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL.
V. Título.

CDU 159.964.2

Bibliotecária: Eliane Maria da Silva Jovanovich – CRB9/1250

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Ana Sophia Ludvig Bortholazzi

Gabriel Feijó Aliberti

(ORGANIZADORES)

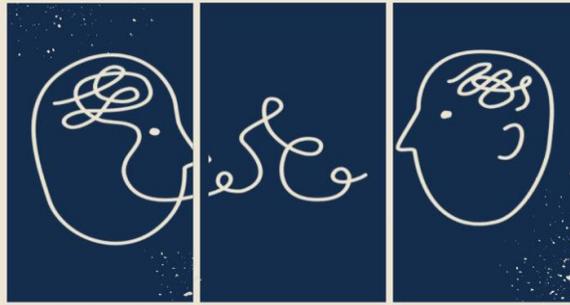
ANAIS DO I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL: PÓS-MODERNIDADE E DISPOSITIVOS DE SUBJETIVAÇÃO

1ª EDIÇÃO

LONDRINA/PR
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
2025

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

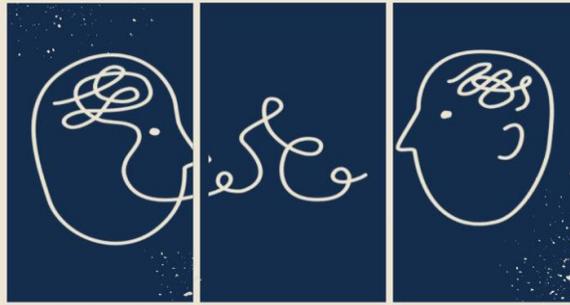
2025

SUMÁRIO

ANAIS DO I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL: PÓS-MODERNIDADE E DISPOSITIVOS DE SUBJETIVAÇÃO	3
PROGRAMAÇÃO	7
COMISSÕES	10
APRESENTAÇÃO	12
RESUMOS	16
EIXO 1: SUBJETIVIDADE, VÍNCULOS E RELAÇÕES FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE	17
1.1 PSICOTERAPIA DE CASAL E VINCULAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: ENTRE A FRAGILIDADE NAS RELAÇÕES E O DESEJO DE CONEXÃO	18
1.2 A MÃE COMO EPICENTRO DO CUIDADO: MONOPARENTALIDADE... FEMININA, PSICANÁLISE E OS DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE	24
1.3 NÃO MONOGAMIA E AS FORMAS DE SE RELACIONAR NA PÓS-MODERNIDADE	31
1.4 O ENCONTRO INESPERADO COM O VAZIO: A PERDA FETAL À LUZ DA TEORIA PSICANALÍTICA	37
1.5 RELACIONAMENTOS ABUSIVOS, CONTROLE E VIOLÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS	44
1.6 TRANSMISSÃO PSÍQUICA TRANSGERACIONAL FACE AO ABUSO SEXUAL: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOTERAPIA DE CASAL	47
1.7 O VÍNCULO AMBIVALENTE COM A FIGURA PATERNA: IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS NO TRATAMENTO DA ANSIEDADE E CONFLITOS EMOCIONAIS.	52
1.8 A DELINQUÊNCIA INFANTOJUVENIL NA PÓS-MODERNIDADE: OLHARES WINNICOTTIANOS SOBRE O ATO INFRACIONAL E O PAPEL DAS. MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS PARA O PROCESSO DE AMADURECIMENTO	57
1.9 ENTRE O PRAZER E O SOFRIMENTO: O USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA ENQUANTO DISPOSITIVO DE SUBJETIVAÇÃO	60
EIXO 2: DESAFIOS CLÍNICOS E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA	66
2.1 A SUJEIRA DEBAIXO DO TAPETE AINDA É VISTA?: UM ESTUDO DE CASO BASEADO NA TEORIA WINNICOTTIANA	67

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



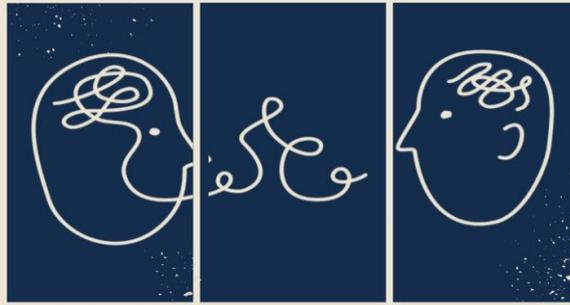
20.03
21.03

2025

2.2 DESAFIOS E VIVÊNCIAS DA MATERNIDADE GEMELAR	73
2.3 DOR CRÔNICA, CORPO E SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICANÁLISE	78
2.4 GRUPOS POLÍTICOS E SUBJETIVAÇÃO: O SUJEITO NO COLETIVO PÓS-MODERNO.....	85
2.5 O GRUPO DE ACOLHIMENTO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO DISPOSITIVO DE SUBJETIVAÇÃO: COMO ABORDAR O SOFRIMENTO E A FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS NA PÓS- MODERNIDADE?	92
2.6 TRIAGEM PSICOLÓGICA NO SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA PAULISTA.....	98
EIXO 3: ARTE, SUBJETIVIDADE E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS.....	104
3.1 PARA ALÉM DO “ARABESQUE”: O PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA CLÁSSICA COMO POSSIBILIDADE DE EXPRESSÃO DO VERDADEIRO SELF	105
3.2 A EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE ATRAVÉS DA SUBLIMAÇÃO COMO FATOR PROTETOR DA SAÚDE NO TRABALHO	111
3.3 A MATERIALIDADE DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA NA CLÍNICA VINCULAR FRENTE AO USO DE RECURSOS DIGITAIS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	117
3.4 ARTE MERCADOLÓGICA E DESEJO:	122
3.5 AS EXPRESSÕES DO SUPEREGO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO.....	127
3.6 A PSICANÁLISE DE FREUD VISITA LISPECTOR: OLHARES MELANCÓLICOS	133
3.7 O ENCONTRO DA PSICANÁLISE COM A ARTE: REFLEXÕES SOBRE A PSICONEUROSE NARCÍSICA EM PRIMADONNA	138
3.8 INTERLOCUÇÕES ENTRE O DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO LACANIANO, A OBRA “O PEQUENO PRÍNCIPE” E OS EFEITOS DA PÓS-MODERNIDADE	144
EIXO 4: PSICANÁLISE E TRANSFORMAÇÕES NO SISTEMA SOCIAL: IMPACTOS DA ERA DIGITAL E PÓS-MODERNA	151
4.1 A INFLUÊNCIA DO ÂMBITO VIRTUAL E DA PÓS-MODERNIDADE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA SUBJETIVIDADE.....	152
4.2 A MODALIDADE ON-LINE AFETA A PSICOTERAPIA DE CASAL? A VISÃO DOS PACIENTES....	159
4.3 ENTRE FREUD E A FRAUDE: O PROTAGONISMO DA SUBJETIVIDADE HUMANA NA ERA DAS INVESTIGAÇÕES MEDIADAS POR IA	164
4.4 ENTRE OS EXCESSOS DE FALA E OS VACÚOLOS DE SILÊNCIO: POSSIBILIDADES ANALÍTICAS NA CONTEMPORANEIDADE.....	170

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



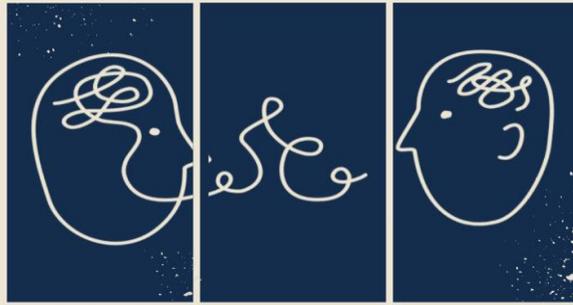
20.03
21.03

2025

4.5 JOGOS ELETRÔNICOS, FENÔMENOS TRANSICIONAIS E A CONTRIBUIÇÃO DOS GAMES PARA O PROCESSO DE AMADURECIMENTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	176
4.6 O REAL DO CAPITAL: O HÁBITO DE MAIS-GOZAR	182
4.7 QUEIXAS CLÍNICAS DE CRIANÇAS NA CONTEMPORANEIRDADE:DADOS DE UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA PÚBLICO NO INTERIOR PAULISTA	188
4.8 REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A ESCUTA CLÍNICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO BÁSICO	196

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



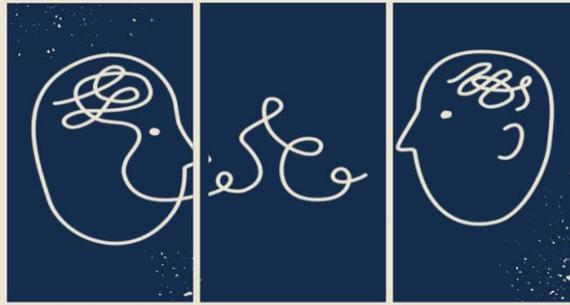
20.03
21.03

2025

PROGRAMAÇÃO

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

PROGRAMAÇÃO

20 de Março de 2025

18h30 – 19h30

Credenciamento e Recepção

19h30 – 21h30

Mesa de Abertura: *Tecnologias Sociais*

Prof. Dr. Marco Rossi

Prof. Felipe Melhado

Psi. Marianna Davanso

21h30 – 22h00

Coffee de Encerramento

21 de Março de 2025

08h20 – 10h00

Mesa 1: *Clínica da Pós-Modernidade com:*

Psi. Isadora Nicastro

Psi. Beatriz Lourenção

Psi. Nathan Bettim

Psi. Lara Balera

10h00 – 10h20

Coffee Break

10h20 – 12h00

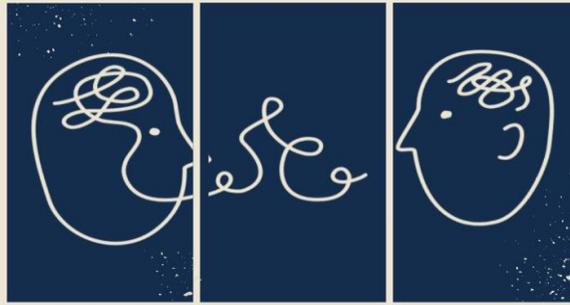
Mesa 2: *Pós-Modernidade e Tecnologias*

Psi. Felipe Barbeiro

Psi. Polyana Pompilho

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

14h00 – 15h20

Mesa 3: *Enquadre, Setting e Vínculo em Diferentes Dispositivos Clínicos na Modalidade*

On-line

Psi. Ana Carolina de Moraes Silva

Psi. Ananda Kenney da Cunha Nascimento

15h20 – 15h40

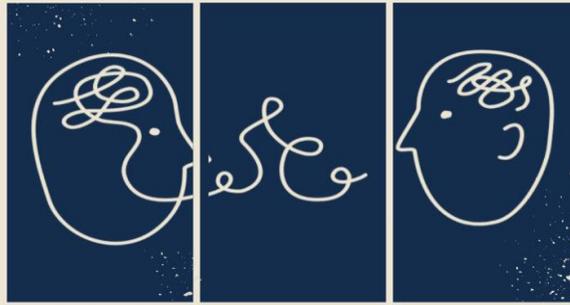
Intervalo

15h40 – 18h00

Apresentação de Trabalhos

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



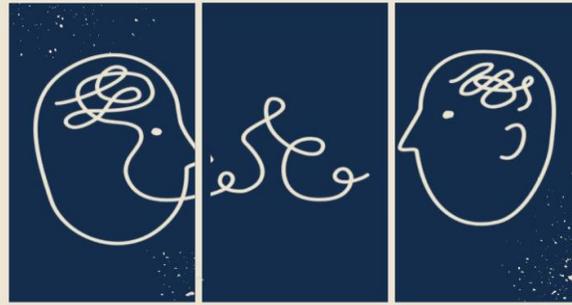
20.03
21.03

2025

COMISSÕES

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Comissões

Comissão Organizadora

Ana Sophia Ludvig Bortholazzi
André Luiz Tramontini Agostinho
David Paio Marini
Gabriel Feijó Aliberti
Ítalo Bitencourt Ciccotti
Laura Forlan de Paula
Maíra Bonafé Sei
Maria Eduarda Bersaneti Miranda
Mariana de Araújo Fregolente
Mariana Guimarães Ulian
Marina Heitzmann Hara
Natália Duarte Tinti

Monitores

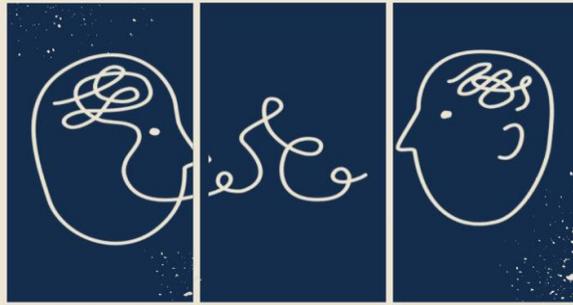
Ana Beatriz Parminondi Andrade
Anna Laura Pereira de Queiroz
Clara Pavanelo Garbelini
Estella Faustino Neves
Gabriela Zuccari dos Santos
Karlos Eduardo Orsi Martins
Luana Moure
Maria Eduarda Fialho Roza
Maria Fernanda Ortega de Moraes

Comissão Científica

Beatriz Leal Santos
Guilherme Gazola Ferrari
Hellen Maysa Reis Pierangeli
Ian Bandeira de Oliveira
Natália Duarte Tinti
Nathalia Januário Buono

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



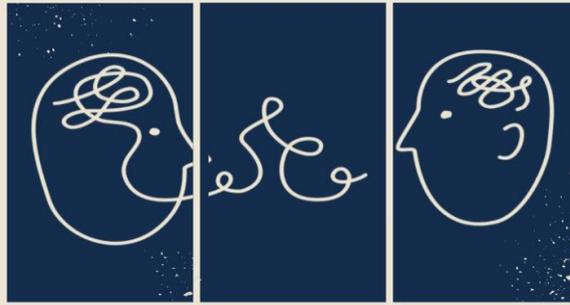
20.03
21.03

2025

APRESENTAÇÃO

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

APRESENTAÇÃO

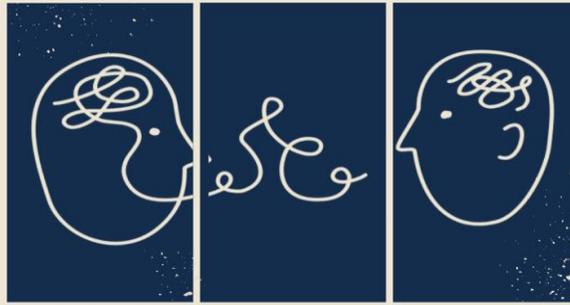
O I Congresso da Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL, realizado nos dias 20 e 21 de março de 2025, com o tema "Pós-Modernidade e Dispositivos de Subjetivação", proporcionou um espaço de encontro acadêmico para que profissionais e estudantes pudessem dialogar e debater acerca das interfaces entre a Psicanálise e os desafios impostos pela Pós-Modernidade. Também foram fomentadas reflexões críticas sobre os dispositivos contemporâneos de subjetivação e quais impactos podem ser causados na constituição da subjetividade dos sujeitos.

Para isso, foram realizadas quatro mesas de debates. Sendo a mesa de abertura realizada no dia 20 de março de 2025, com o tema "Tecnologias sociais", que teve a colaboração dos palestrantes o sociólogo e professor da UEL Marco Rossi, o jornalista e doutorando em comunicação Felipe Melhado e a psicóloga Marianna Davanso. Essa mesa teve como objetivo promover uma discussão sobre o papel das redes sociais e da tecnologia no impacto psíquico que esses elementos exercem sobre o sujeito e a sociedade.

No dia seguinte foram realizadas mais três mesas de debates. A primeira mesa do dia foi intitulada "Clínica Pós-modernidade" a qual foi conduzida pelos profissionais em psicologia Isadora Nicastro Salvador, Beatriz Lourenção, Lara Balera e Nathan Bettim. Nessa mesa foram abordadas as questões que envolvem o manejo clínico no atual tempo histórico. A segunda mesa do dia teve como tema "Pós-modernidade e Tecnologia", e contou com os profissionais de psicologia Felipe Barbeiro e Polyana Pompilio. Que trouxe à discussão os impactos das tecnologias atuais nas subjetividades contemporâneas. Por fim, a terceira mesa teve como temática "Enquadramento, Configurações e Integração de Diferentes Dispositivos Clínicos em Modos Online", que trouxe ao debate a relação dos profissionais e dos pacientes em contextos de atendimentos virtuais. Essa discussão foi conduzida pela psicóloga e

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

professora de graduação Ananda Kenney da Cunha Nascimento, e pela psicóloga e mestranda Ana Carolina de Moraes Silva.

Com o objetivo de estimular um espaço de produção científica, o Congresso possibilitou que os participantes submetessem trabalhos de sua autoria para apresentação oral, apresentação que também ocorreu no dia 21. Para compor a comissão científica responsável pela avaliação dos resumos submetidos, foram selecionados mestrandos da área. Além dessa função, a comissão científica também assumiu a responsabilidade de proporcionar momentos de debate após as apresentações nos quais os autores dos resumos pudessem se expressar sobre sua produção científica.

Tivemos no total de 34 resumos submetidos no qual destes 31 foram aprovados e realizados a apresentação. Para a avaliação desses resumos foram criados 4 eixos temáticos no quais os resumos e as apresentações foram amplamente distribuídos. São eles:

Eixo 1: Subjetividade, Vínculos e Relações Familiares na Contemporaneidade: os trabalhos nesse eixo abordam sobre as dinâmicas vinculares atuais, refletindo sobre os desafios subjetivos diante das mudanças sociais e culturais do mundo contemporâneo.

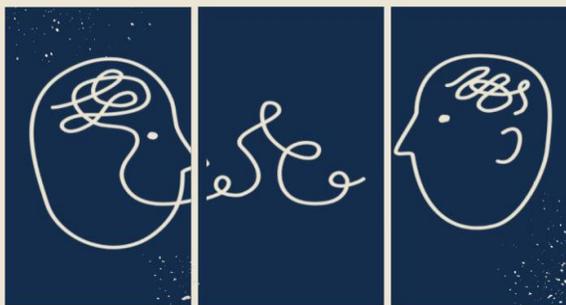
Eixo 2: Desafios Clínicos e Formação Profissional na Psicanálise Contemporânea: foram reunidos trabalhos que buscavam trazer reflexões sobre os processos formativos dos psicanalistas e os desafios enfrentados na clínica atual.

Eixo 3: Arte, Subjetividade e Transformações Sociais: Facetas da Psicanálise na Contemporaneidade: foram reunidos trabalhos que promovem uma intersecção entre arte, cultura e subjetividade com a Psicanálise.

Eixo 4: Psicanálise e Transformações no Sistema Social: Impactos da Era Digital e Pós-Moderna: ficaram agrupados os trabalhos que abordam sobre as mudanças

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

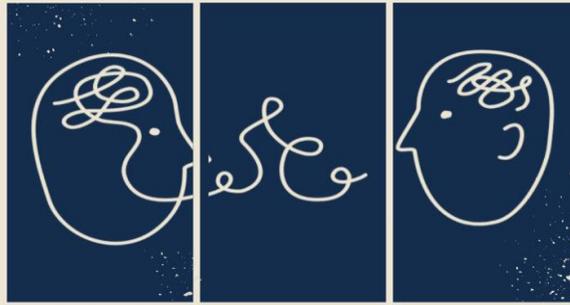
2025

tecnológicas e socioculturais na prática e no pensamento psicanalítico.

Por fim, esperamos que os resumos aqui apresentados promovam reflexões e ampliem os horizontes de compreensão dessa temática, colaborando com a produção de conhecimento na psicanálise.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



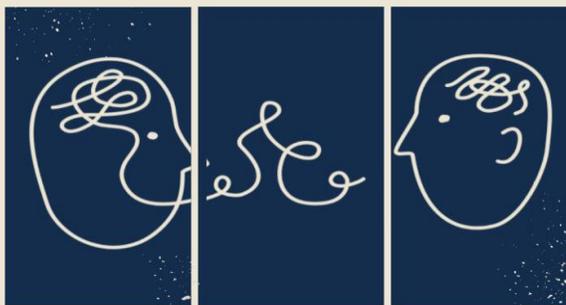
20.03
21.03

2025

RESUMOS

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



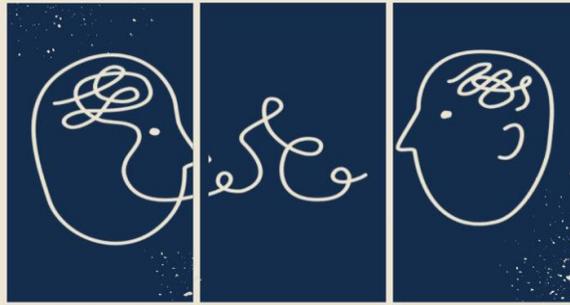
20.03
21.03

2025

EIXO 1: SUBJETIVIDADE, VÍNCULOS E RELAÇÕES FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

PSICOTERAPIA DE CASAL E VINCULAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: ENTRE A FRAGILIDADE NAS RELAÇÕES E O DESEJO DE CONEXÃO

André Alves Brasil¹

Maíra Bonafé Sei²

RESUMO

Palavras-chave: *Amor líquido; Psicoterapia de casal; Fragilidade de vínculos; Modos de vinculação; Mudanças nas relações afetivas.*

As relações contemporâneas passaram por transformações estruturais intensas. A crescente fluidez dos vínculos, impulsionada por fatores socioculturais e tecnológicos, trouxe novas formas de conexão, mas também instabilidade, flexibilização e fugacidade nos vínculos (Bauman, 2004). Essas novas relações tendem a uma lógica a partir da qual os laços interpessoais se tornam frágeis e descartáveis. O “amor líquido” é um reflexo desse novo modo de se relacionar, estruturando-se dentro de uma dinâmica de redes (Bauman, 2004).

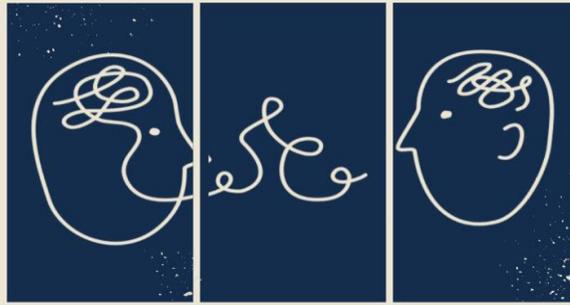
Contudo, observa-se um fenômeno supostamente paradoxal: enquanto os vínculos se tornam mais efêmeros, ocorre um aumento na procura pela psicoterapia

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); e-mail: andre.alves.brasil@uel.br

² Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pelo IP-USP; Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, e-mail: mairabonafe@uel.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

de casal (Neumann, 2014). O que motiva essa procura? Seria uma resposta à fragilidade das relações contemporâneas ou um desejo de fortalecimento dos laços frente à instabilidade das relações?

A psicoterapia de casal surge, nesse contexto, como um espaço para ressignificação ou mecanismo refletor da lógica fluida e instrumental dos relacionamentos modernos, onde as relações são vistas como produtos a serem consertados ou descartados?

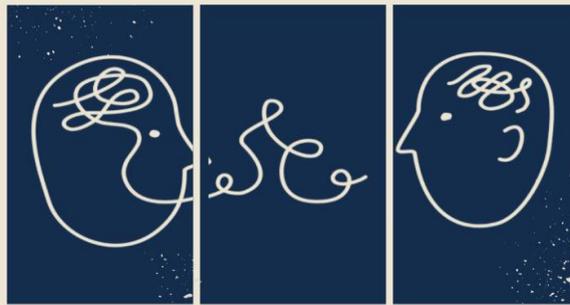
A busca pela psicoterapia de casal não é homogênea, sendo que os casais que procuram ajuda terapêutica frequentemente apresentam dificuldades na comunicação e conflitos no alinhamento de expectativas (Santos, 2014). Outros autores adicionam camadas à discussão, como a transmissão psíquica intergeracional de padrões relacionais disfuncionais (Sei; Gomes, 2012), o que somado à liquidez moderna, pode produzir efeitos na frequência de busca e demandas na clínica de casal.

Diante desses questionamentos, este estudo visou analisar a busca pela psicoterapia de casal no contexto atual, investigando as motivações dessa demanda e sua relação com as mudanças nos modos de vinculação. Busca-se compreender se a psicoterapia é uma tentativa de adaptação à modernidade fluida ou se representa um movimento de resistência a essa tendência.

Ao analisar essa demanda sob a visão psicanalítica, pode-se compreender que a busca pela psicoterapia de casal pode estar ligada à dificuldade em lidar com a alteridade do outro. A manutenção do vínculo afetivo duradouro exige um trabalho psíquico contínuo, no qual os sujeitos precisam confrontar suas limitações e expectativas. Emerge, assim, a incapacidade de lidar com a diferença e a tendência a projetar no outro aspectos não elaborados do próprio psiquismo ou, também, a repetição de padrões familiares (Sei; Gomes, 2012). Tal fato ocasiona um processo

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

muitas vezes insatisfatório, tornando a vinculação afetiva um campo de tensões, no qual o parceiro perde a autonomia e se torna um reflexo de angústias e inseguranças.

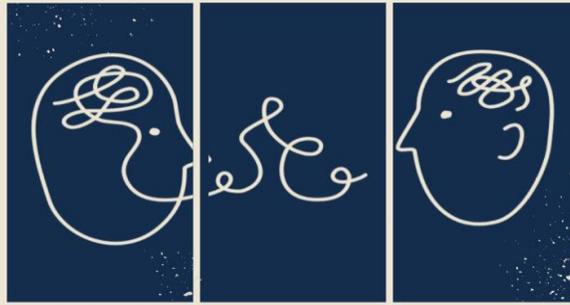
Esse fenômeno se torna mais evidente na contemporaneidade, onde a individualização das experiências afetivas e a fluidez dos vínculos muitas vezes impossibilitam a estruturação de uma relação a dois. A ausência de modelos relacionais mais estruturados também fortalece a inserção de um cenário emocional de maior vulnerabilidade (Zanetti; Gomes, 2013), levando a uma maior busca por apoio terapêutico, na tentativa de dar contorno a vínculos que, de outra forma, permaneceriam difusos. Esse cenário está, igualmente, relacionado ao crescimento da validação externa nas relações amorosas, a busca de reconhecimento por meio do olhar do outro, com a aprovação social se tornando central na manutenção e sustentação de uma relação.

Nesse contexto, a psicoterapia de casal pode tanto ser um reflexo da fragilidade dos vínculos quanto uma tentativa de resistência a essa lógica. Para alguns casais, ela representa um espaço de ressignificação, elaboração de contratos conscientes e inconscientes, e formalização de compromisso, permitindo que as expectativas sejam trabalhadas frente à realidade. Para outros, no entanto, pode funcionar como um meio de prolongar artificialmente uma relação, na tentativa de alimentar um vínculo, funcionando como um paliativo, sem a real mobilização ou transformação efetiva da dinâmica vincular do casal.

Outro ponto relevante a ser considerado é a forma como a busca pela psicoterapia de casal se relaciona com a temporalidade da relação. Anteriormente, a psicoterapia de casal era predominantemente procurada por casais em relacionamentos de longa duração, muitas vezes casados ou em coabitação e que enfrentavam crises estruturais. Atualmente, é possível visualizar uma mudança nesse perfil, com indicativos de um crescimento no número de casais mais jovens, incluindo

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

namorados, que buscam esse tipo de atendimento, ainda nos estágios iniciais da relação (Santos, 2014). Isso indica que a insegurança afetiva e problemas estruturais deixou de ser um fenômeno restrito a relações estabelecidas e passou a se manifestar de maneira mais precoce, evidenciando um padrão relacional marcado pela necessidade de validação constante.

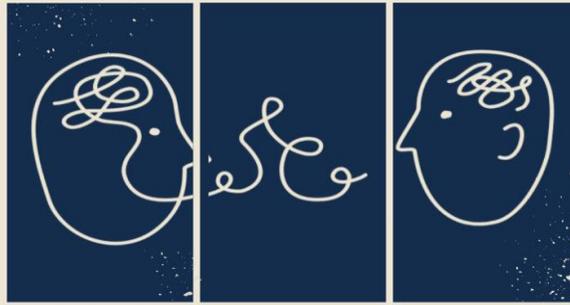
Essa mudança pode ser vista como um reflexo da diminuição constante da viscosidade das relações e conexões entre os indivíduos, mas também, pode indicar uma preocupação maior com a qualidade das relações e um desejo, nem sempre consciente, de evitar padrões disfuncionais antes de sua consolidação. Em outras palavras, as novas características das demandas por psicoterapia de casal, pode tanto representar um sintoma da fragilidade dos vínculos modernos quanto um movimento consciente de prevenção e fortalecimento das relações.

Diante desse panorama, a psicoterapia de casal pode ser compreendida como um fenômeno multifacetado. Na contemporaneidade, que exige uma negociação constante das relações, a psicoterapia pode se tornar um espaço essencial para a construção de laços sólidos. No entanto, a crescente procura por casais mais jovens também levanta questões sobre a capacidade dos indivíduos em lidar com as incertezas e desafios inerentes ao se relacionarem com outra pessoa.

O aumento da busca pela psicoterapia de casal, mais do que um reflexo da instabilidade dos vínculos contemporâneos, revela um deslocamento na maneira como os indivíduos experienciam o compromisso e o pertencimento. Se antes a estabilidade conjugal era sustentada por normas sociais rígidas e modelos relacionais bem definidos, hoje ela depende de uma construção contínua, marcada por negociações constantes entre autonomia e desejo de conexão. A psicoterapia, nesse sentido, surge não apenas como um recurso para reparar relações desgastadas, mas como um instrumento de adaptação às novas dinâmicas afetivas, ajudando os casais a

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

encontrar um sentido compartilhado dentro de um contexto no qual a flexibilidade das relações desafiam as noções antepostas de vínculo e compromisso.

Em um tempo onde o imediato é valorizado e a frustração tende a ser evitada, a necessidade de validação externa pode indicar uma dificuldade crescente em lidar com os desafios inerentes aos relacionamentos sem recorrer a um espaço de mediação. Assim, a psicoterapia de casal torna-se tanto um espaço legítimo que possibilita a construção ou dissolução de um vínculo quanto um reflexo da contemporaneidade. No fim, o aumento da demanda não aponta apenas em direção à fragilidade dos vínculos, mas para a própria transformação das relações, onde o desejo de conexão convive, paradoxalmente, com a fragilidade dos vínculos.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e ao CNPq pela concessão da bolsa de iniciação científica.

REFERÊNCIAS

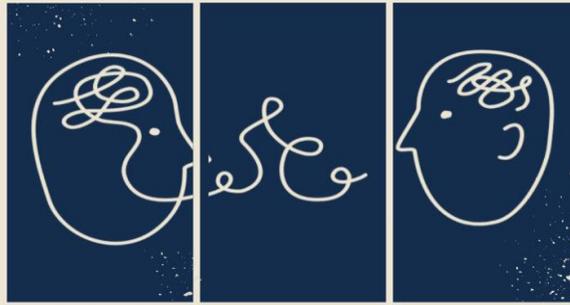
BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

NEUMANN, A. P. *A busca pela terapia de casal e família: caracterização da clientela atendida em uma clínica-escola*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SANTOS, M. E. *Terapia de casal: da queixa à demanda*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

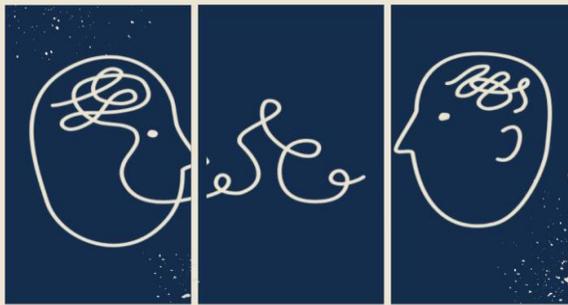
2025

SEI, M. B.; GOMES, I. C. *Demandas por atendimento psicológico e a transmissão psíquica transgeracional*. *Omnia Saúde*, v. 8, n. 1, p. 26-35, 2012.

ZANETTI, S. A. S.; GOMES, I. C. *Vínculos amorosos contemporâneos frágeis*. *Omnia Saúde*, v. 10, n.1, p. 36-45, 2013

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO



20.03
21.03
2025

A MÃE COMO EPICENTRO DO CUIDADO: MONOPARENTALIDADE FEMININA, PSICANÁLISE E OS DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE

Natália Duarte Tinti¹

Sttefani de Freitas Crispim²

Maíra Bonafé Sei³

RESUMO

Palavras-chave: *maternidade; monoparentalidade; configurações familiares; Psicanálise.*

O presente escrito objetiva refletir, por meio de vinheta clínica fictícia, sobre aspectos da monoparentalidade feminina face às demandas sociais e de gênero, repensando elementos da teoria psicanalítica. Trata-se de um estudo teórico-clínico, com a vinheta clínica fictícia construída a partir da experiência das escutas clínicas das autoras em uma clínica psicológica universitária. Nomeia-se de Gaia a personagem que representará a mãe solo, Atlas o seu filho e de Eros o pai de Atlas.

Gaia e Eros tiveram um relacionamento fugaz quando tinham cerca de 26 anos e desse encontro nasceu Atlas. Quando Eros soube que Gaia estava grávida, não exitou em se abster de suas obrigações parentais e se distanciou deste envolvimento

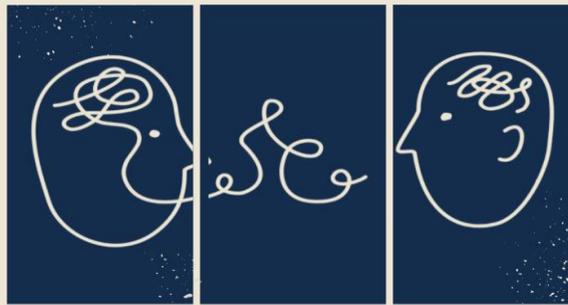
1 Psicóloga/ Mestranda do Programa de Pós-graduação da UNESP-Assis; Universidade Estadual Paulista; natalia.tinti@unesp.br

2 Estudante de Psicologia; Universidade Estadual de Londrina; sttefani.freitas@uel.br

3 Pós-doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP/ Profa. Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual de Londrina; mairabonafe@uel.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

amoroso. Gaia, portanto, teve que gerar e cuidar de Atlas sozinha. Gaia contava com o apoio familiar, principalmente de sua mãe, que ficava responsável pelos cuidados de Atlas enquanto Gaia trabalhava como balconista em uma rede de supermercados.

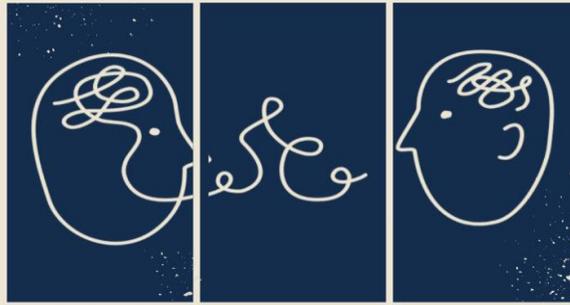
Eros, por vezes, se fazia presente na vida de Atlas, pagava pensão alimentícia, entretanto, logo saía de cena – permanecendo longos períodos longe. Era Gaia quem corrigia quando Atlas fazia algo errado e dava carinho quando este precisava de amparo. Levava à escola, médico, psicoterapia, casa dos avós, onde precisasse. Gaia trabalhava, cuidava da casa e de Atlas, sentindo-se esgotada física, emocional e financeiramente ao final do dia.

A experiência de Gaia ilustra como as dinâmicas familiares podem sofrer alterações significativas em sua estrutura ao longo dos anos. Gaia experienciava diariamente uma configuração familiar que exige (re)adaptação constante, a fim de sustentar-se com solidez face não só ao fim de um relacionamento, mas também à falta de um pai para seu filho. É sabido que, socialmente, o modelo de família nuclear tem sido historicamente privilegiado com a estrutura predominante do grupo familiar. Nesse contexto de sociedade, a mãe ocupa um lugar imprescindível, considerado quase que obrigatório para a sobrevivência da unidade familiar.

Diante desse cenário, reflete-se sobre o conceito de família, caracterizada pela união afetiva – laços consanguíneos ou não – de duas ou mais pessoas que podem compartilhar da mesma habitação e mantêm uma relação entre si, normalmente hierarquizada e permeada por questões de gênero, raciais, morais e religiosas (Dias, 2021). É responsável pela transmissão psíquica, social e cultural dos valores, regras e comportamentos aos novos descendentes, sendo que Lévi-Strauss (1979) aponta para a universalidade da proibição incestual, permitindo a concepção de família interdependentes e a continuidade de linhagens e novos enlaces familiares.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

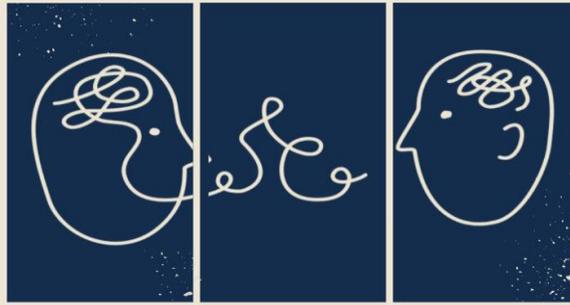
Ao longo do tempo, as configurações familiares foram se modificando. Primeiramente, a dita família tradicional serviu para assegurar a transmissão do patrimônio, com os arranjos conjugais sendo realizados entre os pais sem consideração pela vida amorosa. Em meados do século XVIII e XX, a concepção familiar econômico-burguesa fundamenta-se no amor romântico, tratando a família como procriadora da nova classe trabalhista ou de novos herdeiros para a burguesia (Foucault, 1999; Roudinesco, 2003). Tem como base “três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos” (Roudinesco, 2003, p. 21). Em contrapartida, “a partir dos anos 1960, impõe-se a família dita ‘contemporânea’ — ou ‘pósmoderna’ —, que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual” (Roudinesco, 2003, p. 12). Novas configurações familiares, como uma mãe com seus filhos advindos de relacionamentos casuais, apresentam-se com maior frequência. Ressalta-se, contudo, que em todo o percurso histórico vislumbra-se a subordinação feminina frente à masculina como característica da sociedade ocidental. Os termos

patriarcado e matriarcado [...], uma fundada na autoridade paterna, a outra no poder das mães [...], permitiam pensar a história da família sob a categoria não apenas da diferença sexual — o masculino contra o feminino e vice-versa — mas também da contradição entre duas formas de dominação econômica e psíquica: paternalocentrismo de um lado, maternalocentrismo de outro (Roudinesco 2003, p.20).

Tal cenário parte de uma concepção da maternidade como algo inato para as mulheres. O discurso reproduzido no seio familiar é pautado em teorias econômicas, religiosas e científicas e reproduzem os cuidados maternos como uma única via de satisfação e construção subjetiva para as mulheres no mundo ocidental (Badinter, 1980).

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

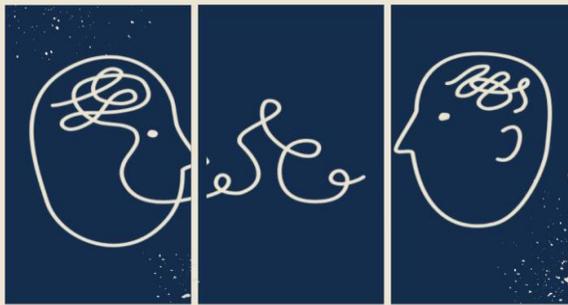
Esse discurso repete-se na perspectiva da teoria psicanalítica, visto que, a família é colocada como núcleo da formação psíquica, estabelecendo-se os seguintes lugares: o pai, que deverá impor regras/limites; a mãe, que exercerá um papel de cuidado e amparo. A estruturação do psiquismo do bebê ocorreria por meio dos cuidados maternos, focalizando a mulher como epicentro deste cuidar da prole e única responsável, de forma que “ali, onde o humano se constitui como tal, haveria a mãe e sua função edificante, neurotizante, perversa ou enlouquecedora; enfim, nela se encontraria a etiologia de grande parte dos quadros de adoecimento psíquico de crianças e adultos. Afinal, eram elas que tinham total responsabilidade no cuidado com o nascituro” (Iaconelli, 2023, p. 80). A teoria se construiu a partir desta configuração familiar tradicional e burguesa, sem consideração acerca de questões econômicas e prerrogativas de gênero. Muitas mudanças sociais ocorreram desde então e novas configurações familiares se estabeleceram face ao tradicionalismo.

o Estatuto da Mulher Casada (Lei nº 4.121/1962) que alterou diversos artigos do Código Civil de 1916, retirando a mulher casada do rol das incapacidades e ampliando a sua autonomia em relação ao exercício de seus direitos civis; alterou a obrigatoriedade do acréscimo do sobrenome do marido, passando a ser uma faculdade; possibilitou também a contribuição da mulher nas decisões do interesse comum do casal e dos filhos e no próprio exercício do poder familiar, muito embora em caso de divergência deveria prevalecer a decisão do pai, ressalvado à mãe o direito de recorrer ao judiciário para sanar a divergência (Borges, 2020, p. 302).

Já a Lei do Divórcio (Lei 6.515/1977) possibilitou o rompimento do vínculo matrimonial, antes era possível somente em decorrência do falecimento de um dos cônjuges, com a Constituição Federal de 1988 reconhecendo a existência de famílias monoparentais (Borges, 2020). As mudanças sociais favoreceram, assim, novas formas de configurações familiares e de subjetivação e empoderamento feminino. A entrada da mulher no mercado de trabalho demarcou, igualmente, um aspecto

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

importante no seio familiar tradicional, por poder também contribuir financeiramente para o sustento da família. Contudo, compreende-se que tais avanços caracterizaram-se por uma unilateralidade, dado que a garantia de direitos às mulheres não foi acompanhada de avanços sociais e de gênero que permitiriam a divisão dos trabalhos invisíveis, como o cuidado da prole e do lar. O estruturalismo do machismo ainda demarca a construção e perpetuação da subjetividade dos indivíduos que compõem o laço social.

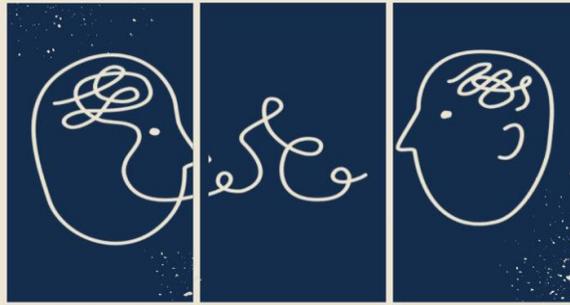
Tem-se, pois, que o abandono e omissão paterna, não apenas no aspecto material, como intelectual, moral, psicológico, educacional e mesmo em decorrência do próprio dever de cuidado é uma realidade numerosa que incorre na sobrecarga da mulher no acúmulo de tantas funções (Borges, 2020, p. 309).

A partir disso, pensa-se que em famílias monoparentais femininas, essa faceta social fica mais bem exposta. O trabalho convocado pela parentalidade fica sob exclusiva e única responsabilidade da mulher-mãe. Assumir, estar e querer esse papel corresponderia às implicações sociais de gênero, tendo a responsabilidade de bancar, na criação e formação do pequeno infante, as funções maternas e paternas, fundamentais - na visão psicanalítica - para o desenvolvimento do psiquismo infantil.

Em suma, a discussão levantada acerca da família monoparental ocidental faz-se necessária à medida que tais padrões hegemônicos ainda são vistos como a única ordem social, havendo impacto e influenciando outras formas de configuração. Assim, acredita-se que o analista deve atentar-se à escuta do inédito, da incerteza e do subjetivo que possa vir dessas famílias monoparentais. Não cabe ao psicólogo fazer uso de uma normatização imposta pela sociedade, mas cabe ajudá-los a criar normas para si mesmo a partir dos seus desejos (Rodrigues; Machado, 2024).

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Estadual de Londrina por possibilitar a realização de eventos acadêmicos que incentivam a escrita científica e os estudos em Psicanálise e à Liga de Psicanálise por promover eventos como esse.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

BORGES, L. Mãe solteira não. Mãe Solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. In: MELO, Ezilda (Org.). **Maternidade e Direito**. 1. ed. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020. p. 299-314. Disponível em: <https://emporiododireito.com.br/uploads/livros/pdf/1590851166.pdf#page=299>.

Acesso em: 25 fev. 2025.

DIAS, M. L. Família. In: LEVISKY, R. B.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. L. (Orgs.). **Dicionário de psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 249–255.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

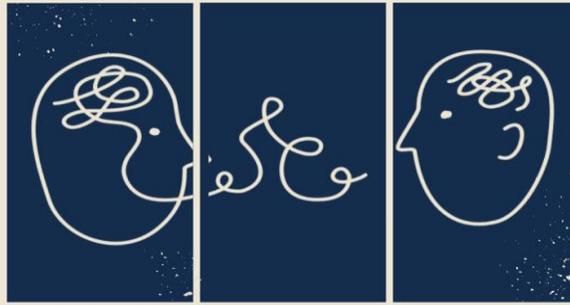
IACONELLI, V. **Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas de reprodução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LÉVI-STRAUSS, C. **La famille**. In: LÉVI-STRAUSS, C. **Textes de et sur Claude Lévi-Strauss**. Paris: Gallimard, 1979.

RODRIGUES, N. S. A.; MACHADO, R. N. **Famílias monoparentais femininas: repercussões do abandono paterno e transmissões de representações maternas aos filhos**. Mosaico: Estudos em Psicologia, Belo Horizonte, Brasil, v. 12, n. 1, 2024.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

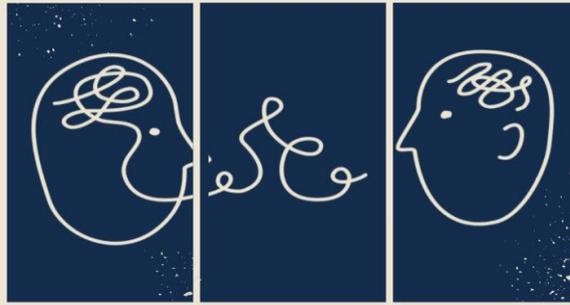
Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/49419>.

Acesso em: 25 fev. 2025.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

NÃO MONOGAMIA E AS FORMAS DE SE RELACIONAR NA PÓS- MODERNIDADE

Rafaela Aparecida da Costa Luchiari¹

Maíra Bonafé Sei²

RESUMO

Palavras-chave: *vínculos amorosos; pós-modernidade, não monogamia; psicanálise.*

Nos últimos anos, houve uma série de transformações nos arranjos conjugais e familiares, resultando em diversas e variadas formas de relacionamento (Kerbaui & De Dominicis, 2024). A flexibilidade das formas de relacionamento amoroso é bem reconhecida tanto por estudiosos quanto por aqueles que vivenciam diversas experiências dentro da não monogamia. Somos influenciados por um novo vocabulário criado para descrevê-las e, muitas vezes, sem compreender completamente o significado desses termos, somos levados a adotá-los e utilizá-los (Paiva, 2019).

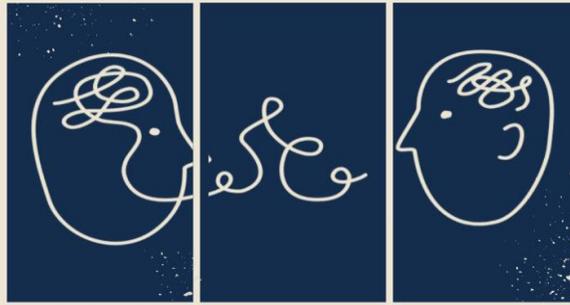
Segundo os estudiosos, o termo "não monogamia" funciona como um conceito abrangente, utilizado para se referir a todas as formas de relacionamento afetivosexual que, de algum modo, rompem com a norma da monogamia, isto é, o compromisso de

¹ Graduanda em Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, rafaela.costaluchiari@uel.br.

² Professora Doutora do Depto. de Psicologia e Psicanálise; Universidade Estadual de Londrina, mairabonafe@uel.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

exclusividade sexual entre duas pessoas (Tebexreni, 2022). Isso ocorre porque existem diversos tipos de arranjos que quebram essa norma de formas variadas, sendo agrupados sob esse termo, apesar de suas diferenças.

Tebexreni (2002) destaca como os mais comuns no Brasil as seguintes práticas: o swing (uma troca consensual de casais limitada à relação sexual), o relacionamento aberto (onde um casal decide permitir a interação com outras pessoas fora do vínculo estabelecido), o poliamor (onde se mantém relações amorosas simultâneas com mais de uma pessoa, como no caso de um "trisal"), a anarquia relacional e as relações livres. Esses dois últimos questionam as etiquetas tradicionais que hierarquizam os relacionamentos, como "amigo", "namorado" ou "marido". Essas e outras experiências que fogem da norma monogâmica são englobadas pela expressão "não monogamia".

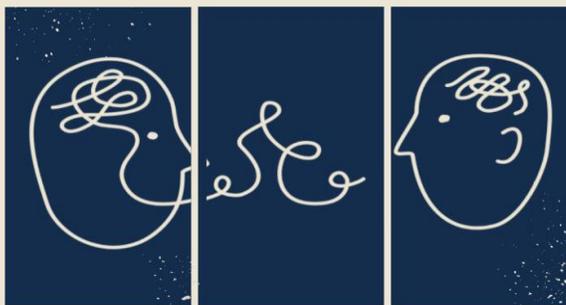
Hodiernamente, têm surgido várias iniciativas com o objetivo de legitimar alternativas amorosas que se enquadram na não monogamia. Contudo, esse movimento ainda está em seus estágios iniciais, apesar de essa forma de subjetividade, de se relacionar e de viver já existir há bastante tempo (Paranhos, 2023).

No Brasil, ainda há confusão entre esses conceitos devido à escassez de estudos sobre o tema (Paranhos, 2023). Nesse sentido, conforme aponta Kerbauy e De Dominicis (2024), a importância de expandir os estudos e as discussões sobre o tema torna-se clara diante do crescimento dos casamentos "não tradicionais" e das relações não monogâmicas na pós-modernidade.

Diante do que foi exposto, o objetivo deste trabalho é trazer ao debate questões relacionadas às diferentes formas de subjetivação e vinculação na pós-modernidade. As discussões surgiram a partir de atendimentos clínicos realizados a casais não monogâmicos atendidos pelo Projeto de Extensão "Clínica Psicanalítica de Casal e

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Família na Clínica Psicológica da UEL” do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina.

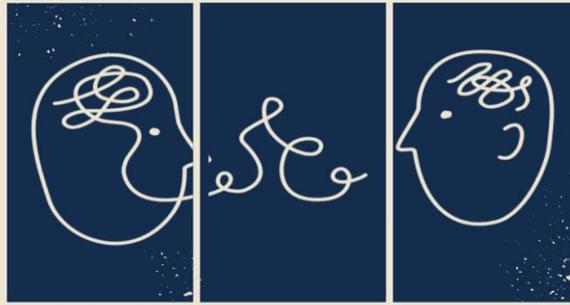
Trata-se de um estudo teórico, por meio do qual discute-se a questão da não monogamia, a partir da ótica da Psicanálise. A escolha desse tema para discussão surgiu a partir da participação da estudante do 5º ano de Psicologia e colaboradora do projeto nas supervisões semanais grupais do projeto “Clínica Psicanalítica de Casal e Família na Clínica Psicológica da UEL”, que tem como propósito oferecer psicoterapia psicanalítica gratuita a casais e famílias. Tal estudo justifica-se ao se pensar na relevância de contextualizar a clínica em novos recortes e a escassez de estudos brasileiros na área da Psicologia que explorem a dinâmica conjugal à luz da não monogamia.

A escolha pela discussão deste assunto foi motivada pela necessidade de aprofundar o conhecimento e aprimorar a reflexão sobre a prática clínica diante de temas contemporâneos, visto a escassez de artigos sobre a temática da não monogamia entrelaçada à Psicanálise. Dessa forma, entende-se que a psicoterapia psicanalítica de casal deve criar um espaço onde questões relacionadas à não monogamia, à construção de vínculos, assim como acordos e consensos, possam surgir e ser trabalhadas, considerando o aumento dos casamentos "não tradicionais" e das relações não monogâmicas na pós-modernidade (Kerbaui & De Dominicis, 2024).

O debate acerca das diversas formas de se vincular na contemporaneidade mostra-se imprescindível, uma vez que temas como esses têm surgido com mais frequência nos atendimentos a casais, sejam monogâmicos ou não monogâmicos. Além disso, discutir temas relacionados à não monogamia nos dias de hoje pode oferecer vários benefícios, tanto para a prática clínica quanto para a sociedade em geral.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

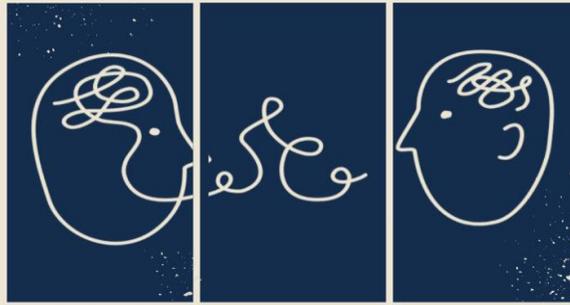
Algumas das principais vantagens incluem, por exemplo, a validação e a inclusão de diversas formas de relacionamento que fogem da norma monogâmica tradicional, promovendo uma maior aceitação e compreensão das escolhas afetivas das pessoas. Ademais, a quebra de estigmas, uma vez que, conforme aponta Geni Nuñez em seu livro “Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar” (2023), a não monogamia é cercada de estigmas e preconceitos. Abordar o tema abertamente ajuda a desmistificar essas relações, desconstruindo ideias preconcebidas e permitindo que as pessoas vivam seus relacionamentos de maneira mais autêntica e sem culpa.

Por fim, ampliar a reflexão sobre as diversas dinâmicas relacionais dentro da não monogamia pode servir de apoio à saúde mental. Isso porque a falta de compreensão sobre relações não monogâmicas pode levar a sentimentos de isolamento, culpa ou vergonha. Abordar o tema em espaços clínicos e acadêmicos ajuda a criar um ambiente de aceitação, oferecendo suporte emocional e psicológico para quem escolhe esse estilo de vida, assim como é ofertado por meio do Projeto de Extensão “Clínica Psicanalítica de Casal e Família na Clínica Psicológica da UEL”.

Trazer à tona a discussão sobre não monogamia implica em se abrir um espaço para questionar e repensar as normas e expectativas sociais impostas sobre os relacionamentos, como a exclusividade, a monogamia obrigatória e os papéis tradicionais dentro das relações amorosas. Discutir essas questões amplia as possibilidades de que cada indivíduo possa escolher a forma de se relacionar que mais lhe convém, respeitando suas necessidades e desejos. Essas vantagens refletem uma sociedade em busca de maior liberdade, respeito e compreensão sobre as diferentes maneiras de viver e se relacionar, com o principal objetivo de promover o bem-estar e a saúde emocional de todos os envolvidos.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Conclui-se, portanto, mediante ao que foi exposto, que as questões relacionadas à não monogamia têm sido cada vez mais discutidas na pós-modernidade, e refletir sobre esse modelo alternativo de escolha amorosa pode ser benéfico para a formação do estudante de Psicologia. Isso porque, ao longo de sua trajetória acadêmica e futura prática profissional, ele poderá se deparar com essas questões em seus atendimentos clínicos, assim como foi possível de ser observado em alguns atendimentos realizados pelo Projeto de Extensão “Clínica Psicanalítica de Casal e Família na Clínica Psicológica da UEL”. Ao compreender as diferentes formas de vínculo, o estudante estará mais preparado para promover a saúde emocional das pessoas envolvidas nessas dinâmicas.

AGRADECIMENTOS

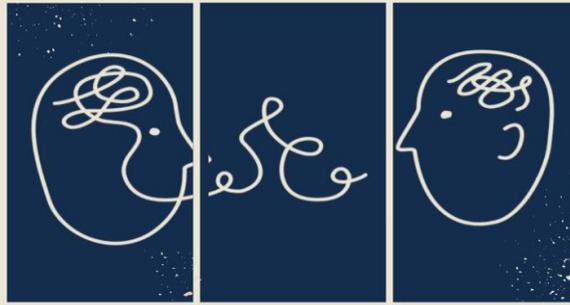
À Universidade Estadual de Londrina e à Fundação Araucária, pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS:

- KERBAUY, Renata, DE DOMINICIS, Gislaine Varela Mayo. **Configurações vinculares contemporâneas: sobre relações não monogâmicas**. Famílias contemporâneas: diversidade à luz da psicanálise de casal e família. São Paulo, 2024.
- NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. **Os Vínculos Amorosos na Hipermodernidade**. 2019
- PARANHOS, Thiago de Oliveira. **Sobre um outro tipo de escolha amorosa: Perspectivas psicanalíticas acerca da não monogamia**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria,

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

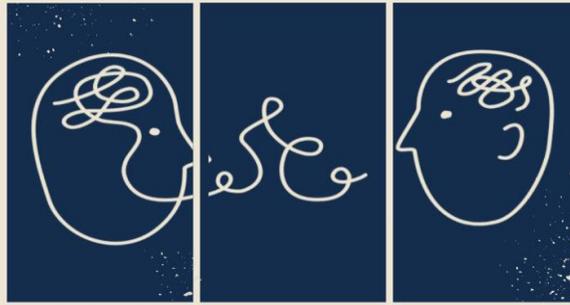
Santa Maria, RS. Recuperado de

<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/31668?show=full>

TEBEXRENI, Marcelo Bechara. **Afetos políticos: um estudo sobre o debate político da não-monogamia no Brasil.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27703>

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

O ENCONTRO INESPERADO COM O VAZIO: A PERDA FETAL À LUZ DA TEORIA PSICANALÍTICA

Tawana Mirelle Gonçalves de Oliveira¹

Silvia Nogueira Cordeiro²

Ana Paula Marson³

RESUMO

Palavras-chave: *óbito fetal, psicanálise, saúde da mulher.*

A atenção à saúde da mulher envolve fatores presentes em todas as fases do ciclo de vida, objetivando proporcionar um cuidado integral, humanizado e de qualidade mediante ações educativas, preventivas e de diagnóstico, tratamento e recuperação (Brasil, 2004). O óbito fetal é definido como a morte do feto antes da expulsão ou extração completa do corpo materno a partir da 22ª semana completa de gestação ou com peso igual ou superior a 500g. Anterior a este período considera-se aborto espontâneo (Brasil, 2009). Existem diversas razões para a morte fetal neste período, sendo comum a não identificação das causas ou consideradas como inespecíficas.

Tornar-se mãe é um processo que se inicia antes da chegada de um filho. Antes desse momento, o desejo pela maternidade começa a ser traçado nos processos

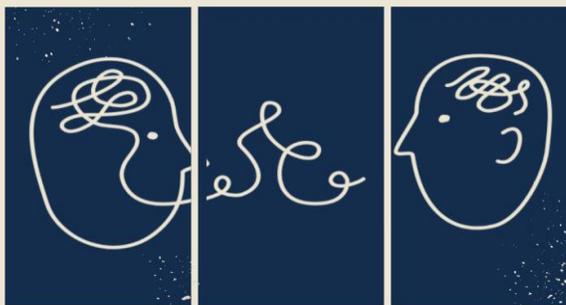
¹ Psicóloga residente no programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde da Mulher; Universidade Estadual de Londrina, ttawanamirelle@gmail.com;

² Psicóloga e professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina, silvianc2000@gmail.com;

³ Psicóloga e doutoranda na Universidade Estadual de Londrina, anapm@uel.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

psíquicos e nas mudanças subjetivas na mulher (Aguiar; Zornig, 2016). As representações quanto ao bebê ocupam o imaginário feminino por meio das identificações feitas na infância atrelado à história individual. Ao desejar um filho, há uma reatualização das fantasias da própria infância, do cuidado recebido, bem como dos eventos traumáticos que não puderam ser simbolizados (Zornig, 2012; Bonani; Campos; Cordeiro, 2021).

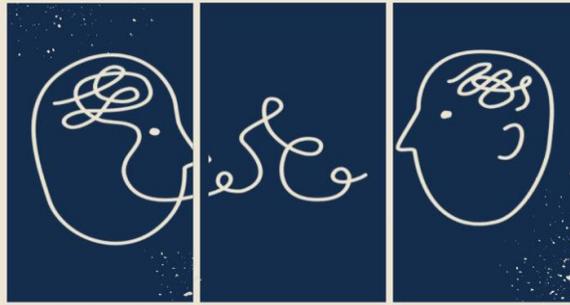
A morte fetal antecipa o fim da gestação e, conseqüentemente, o temor dos pais diante da ruptura abrupta do desfecho não sonhado por eles (Aguiar, 2016). A mulher tem a sua autoestima afetada, e ocorre uma frustração quanto aos anseios, sonhos e a oportunidade de exercer a maternidade. O papel feminino é perpassado pelo sentimento de desvalorização e inadequação afetando significativamente sua feminilidade (Muza *et al.*, 2013).

Neste sentido, esse texto se propõe a discutir o trabalho psíquico quanto ao óbito fetal e as dificuldades subsequentes a essa perda. Nosso ponto de partida é a experiência da escuta de uma psicóloga inserida em um equipe multiprofissional no programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher da Universidade Estadual de Londrina.

Este trabalho é um relato de experiência sobre a escuta clínica da psicologia, inserida em uma equipe multiprofissional, composta por profissionais da área da educação física, nutrição e psicologia. Tem-se como objetivo discutir, sob o viés psicanalítico, a escuta do sofrimento diante do óbito fetal e os aspectos que podem dificultar o processo de luto. Alguns elementos do caso estão presentes no trabalho somente para fins de contextualização do trabalho do psicólogo na equipe multidisciplinar. Assim, todos os cuidados éticos foram tomados de modo a preservar a identidade da paciente. A Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (§1, item VII) indica a não necessidade de tramitar por um Comitê de Ética em Pesquisa

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

com Seres Humanos os estudos que possuem como objetivo o aprofundamento teórico de situações que emergem espontaneamente e contingenciamento na prática profissional. Cabe, contudo, ao pesquisador o cuidado para que não haja a exposição de dados que possam identificar a pessoa. Por fim, este trabalho se configura como um estudo teórico-clínico e traz reflexões sobre os efeitos da escuta clínica na condução de tal temática.

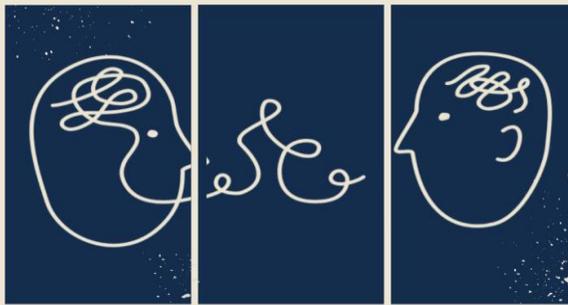
Flora, nome fictício, chega ao Ambulatório Multiprofissional de Atenção à Saúde da Mulher após um óbito fetal. Na triagem multiprofissional, diz sobre a dor da perda gemelar e o desejo de ser mãe. A partir da demanda psíquica apresentada, foram realizados atendimentos clínicos objetivando propiciar a elaboração psíquica diante de uma vivência de dor e desamparo. Inicialmente, Flora chorava ao falar sobre a impossibilidade de exercer a maternidade após cinco anos tentando engravidar. Trazia o sentimento de culpa e acreditava que algo poderia ter sido evitado. Com a gestação, viu a possibilidade de proporcionar para os filhos o cuidado ausente em sua vida, compensando-os narcisicamente.

As modificações corporais na gestante e a movimentação fetal contribuem para a transformação psíquica da mulher que, gradualmente constrói um lugar enquanto mãe e um lugar para o “bebê imaginário” (Hilferding; Pinheiro; Vianna, 1991; Azevedo; Vivian, 2020). O conceito de “bebê imaginário” refere-se ao processo de inserção no imaginário da mãe, permitindo a construção da imagem da criança e o investimento libidinal em um espaço subjetivo para recebê-la, tomando-a como objeto de grande importância, pois sobre ela incide sua libido (Tavares, 2016).

Uma das características referente do investimento objetal é seu caráter idealizado. Antes da chegada do filho, a gestante constrói uma imagem perfeita da criança, que passa a ser vivida pela mãe por meio de um ideal narcísico. Essa imagem viria ao encontro da falta constituinte da mulher (Berlinck, 2014). A interrupção

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

inesperada da gestação leva a remanejamentos psíquicos mais complexos. Na perda fetal há um duplo vazio. Ocorre um vazio natural, mesmo diante do nascimento de uma criança viva, de modo que o vazio é consolado pelo bebê real que ajuda a lidar com a estranheza de perder o bebê de dentro. Ainda, há um inesperado vazio interno e externo que afeta o narcisismo alimentado pela esperança de rever feridas narcísicas de um tempo inicial em suas histórias. O filho remete e traz a expectativa de reparar falhas da própria história, assim como reativa fantasmas edípicos (Aguiar; Zornig, 2016).

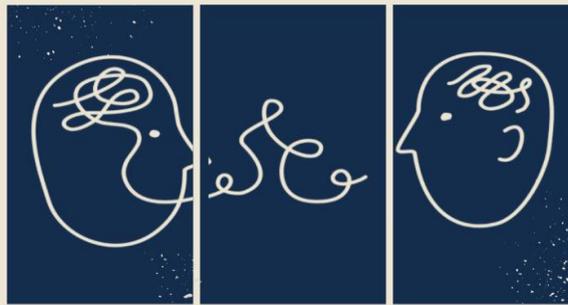
Associado ao óbito fetal, existe um potencial traumático devido a impossibilidade de inscrição do simbólico, sendo o sujeito conectado diretamente com o enigmático da morte (Aguiar, 2016). Tal perda direciona a mulher-mãe ao encontro com o real impossível de simbolizar. Para além da perda do filho, a mulher perde a maternidade que não foi possível de exercer, tornando-se assim um elemento que pode dificultar o processo de luto (Bonani; Campos; Cordeiro, 2021).

O retorno de Flora para o seu lar é um encontro também com o vazio do quarto destinado aos bebês. Diz que todo o enxoval e presentes foram guardados pelos familiares em diferentes cômodos de sua casa. A difícil aceitação do ocorrido pela paciente fez com que a perda fetal fosse transformada, durante um período, em um “assunto proibido” entre familiares e amigos. Segundo Flora, mesmo com o ritual de despedida na internação hospitalar, a sensação de irrealidade e vazio é frequente, buscando amenizar tal sentimento se apegando a duas pelúcias recebidas na saída da maternidade.

Diante da perda fetal, o entorno tende a apresentar dificuldades em reconhecer tal acontecimento, podendo ser um aspecto prejudicial ao psiquismo dos pais e contribuindo para uma resposta patológica. Ao desmanchar o quarto do bebê, os familiares privam a mãe de um significativo ritual de despedida que acaba por

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

aumentar a solidão vivenciada e pode tornar-se um obstáculo à instauração do processo de luto (Aguiar, 2016).

O processo de luto é um trabalho que ocorre após a perda de um objeto de amor. Perde-se o interesse pelo mundo externo em razão da perda do objeto, com exceção dos que estão relacionados ao objeto de amor perdido. A constatação da perda do objeto amado direciona o sujeito a retirar o investimento libidinal daquele objeto. Esta retirada causa uma significativa oposição, demandando tempo, pois só poderá ser superado gradualmente. O trabalho de luto bem sucedido diz respeito ao ego livre para novos investimentos libidinais (Freud, 1917).

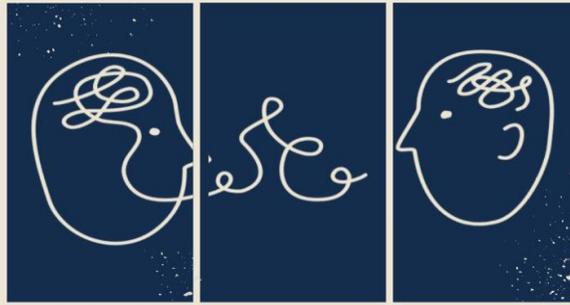
No trabalho psicanalítico, Flora pôde construir um caminho de sentidos junto às palavras, lágrimas e o silêncio. O espaço de escuta conectou a paciente a si mesmo, levando-a compreender as violências sofridas e os silenciamentos impostos. Um dos caminhos que contribuem na elaboração do seu luto é a rede de apoio encontrada na história de mulheres que também passaram pela perda fetal. Ao conversar sobre a vivência do luto, pôde perceber que a resignificação da experiência é um processo que ocorre com o tempo. Ainda, houve um conhecimento sobre a gestação de alto risco, a cerclagem e os índices de óbito fetal.

O encontro com a história de outras mulheres possibilitou uma identificação, troca de experiências quanto aos caminhos tecidos para reorganização da vida e resignificação da perda. Nesta troca há um acolhimento do sofrimento, o reconhecimento social quanto ao luto, bem como uma desmistificação da morte (Bonani; Campos; Cordeiro, 2021). O reconhecimento social da dor e a legitimação do ocorrido são condições fundamentais para a elaboração do luto (Freud, 1917).

O óbito fetal demanda uma elaboração psíquica singular, ao mesmo tempo em que há um potencial traumático devido às dificuldades que atravessam a instauração do trabalho de luto. A maternidade é tecida por meio do resgate da mulher a respeito

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

da própria história infantil. As mudanças corporais demandam da gestante um novo olhar para si e uma outra perspectiva da sua vida prática e cotidiana. Tais mudanças estão associadas a uma transformação psíquica que, ao se deparar inesperadamente com o óbito fetal, marca a mulher com um trauma.

O duplo vazio convoca a mulher a lidar com o vazio do corpo grávido e a ausência do bebê. A não vivência do processo de luto leva a uma busca incessante pela recuperação do objeto de amor perdido. O estabelecimento do silenciamento perante a perda fetal é um fator de risco para tal elaboração. Por fim, a psicanálise por meio da escuta, possibilita um espaço para que as palavras possam vir dar sentido ao ocorrido, como uma via para a expressão dos sentimentos e pensamentos relacionados à perda fetal.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e ao Ministério de Saúde, bolsa pró-residência, pelo apoio financeiro e consolidação do programa de pós-graduação em Saúde da Mulher da Universidade Estadual de Londrina.

REFERÊNCIAS:

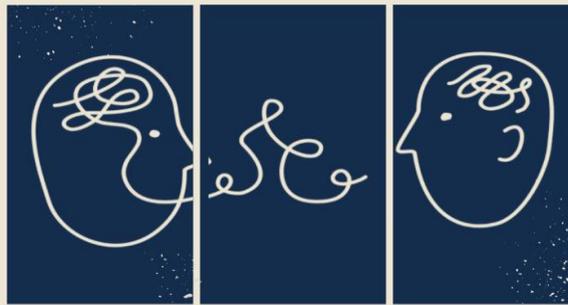
AGUIAR, H. C. **Quando a partida antecede a chegada: singularidades do óbito fetal.** 2016. 89 f. Tese (mestrado em Psicologia) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

AGUIAR, H. C.; ZORNIG, S. Luto fetal: a interrupção de uma promessa. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 264-281, 2016.

AZEVEDO, K. F., VIVIAN, A. G. **Representações maternas acerca do bebê imaginário no contexto da gestação de alto risco.** Revista da Sociedade de Psicologia do RS, v. 9, p. 33-40, 2020.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

BERLINCK, M. T. As bases do amor materno, fundamento da melancolia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, 17 ed., p. 403-406, 2014.

BONANI, I. R., CORDEIRO, S. N., CAMPOS, K. S. Mães de Anjos: A experiência de mulheres que tiveram um filho natimorto. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 39, n. 107, p. 1245–1278, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Princípios e Diretrizes**. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de vigilância do óbito infantil e fetal e do Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Fetal** (2a ed.). Brasília, 2009.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 271-307.

HILFERDING, M., PINHEIRO, T., VIANNA, H. B. **As bases do amor materno**. São Paulo: Escuta. 1991.

MUZA, J. C. *et al.* Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. **Psicologia: teoria e prática**, ed. 15(3), p. 34-48, 2013.

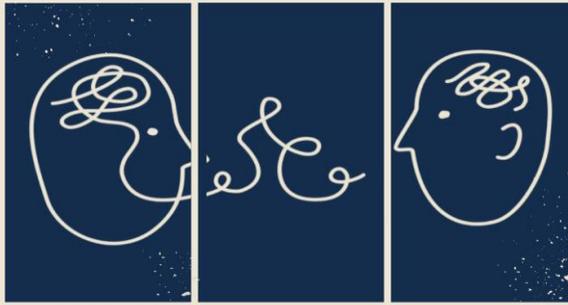
TAVARES, R. C. O bebê imaginário: Uma breve exploração do conceito. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 18, p. 68-81, 2016.

VALENTE, T. Z., LOPES, C. M. B. A perda simbólica e a perda real: o luto materno. **Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO**, 2008.

ZORNIG, S. Construção da parentalidade: da infância dos pais ao nascimento do filho. In: PICCININI, C. (org) **Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 17-34, 2012.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS, CONTROLE E VIOLÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS

Camila Venturin Franzini¹

Maira Bonafé Sei²

RESUMO

Palavras-chave: *Psicanálise; Violência conjugal; Violência doméstica; Feminismo; Relações de gênero.*

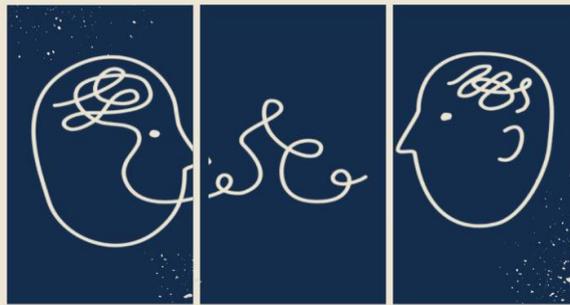
A violência conjugal se caracteriza como aquela que ocorre entre um casal e é parte de um universo maior de variadas formas de violência contra a mulher, atentando-se que há a tipificação da violência em psicológica, física, sexual, moral e patrimonial e que para a psicanálise, podemos dizer que a “violência é a expressão física tanto do ódio como do amor.”(LAMANNO-ADAMO, 2006). Torna-se fundamental considerar que tal abuso é atravessado por condições históricas, sociais e culturais, em um sistema estruturalmente configurado por relações de gênero em que “Como era papel masculino ter o domínio econômico, ou seja, ele tinha o poder de controlar o que iria acontecer na relação, a mulher devia aceitar seus deveres conjugais, incluindo o ato sexual, o que de certa forma justificava para a sociedade a

¹ Graduanda de Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, camila.venturin@uel.br;

² Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pelo IP-USP; Professora Associada do Departamento de Psicanálise e Psicanálise e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, mairabonafe@uel.br;

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



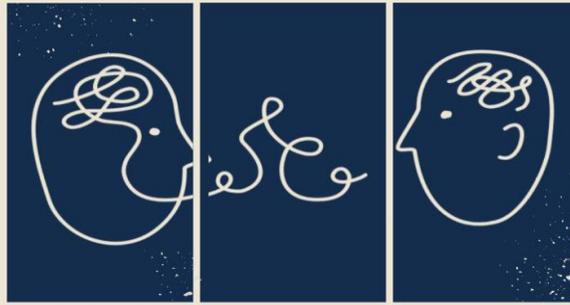
20.03
21.03

2025

violência sofrida pelas mulheres no espaço doméstico” (DEL PRIORE, 1997). Assim, a pesquisa aqui apresentada tem por objetivo questionar e analisar se o tema vem sendo abordado pelos pesquisadores da psicanálise em suas discussões através de uma revisão sistemática da literatura e “produzir uma autocrítica no interior da psicanálise, a partir das condições e contradições fornecidas por esta, e somando-se a isso, contrapo-la às críticas que se pretendem exteriores à teoria psicanalítica” (MOREIRA, 2023) entrelaçando com teóricos Freud, Horney, Ferenczi e Bowlby, dentro do campo psicanalítico, e Butler, com a perspectiva feminista e crítica da psicanálise. Seguindo o método de revisão sistemática da literatura, utilizando dos descritores *violência conjugal AND psicanálise* ou *violência marital AND psicanálise*, através das plataformas de busca da Scielo e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, identificando, assim, a quantidade de artigos encontrados de 2006, marco de promulgação da Lei Maria da Penha, até os dias atuais, e posteriormente investigar se há discussão sobre a violência e como ela é representada, sendo importante ressaltar que esse estudo estará voltado para a violência do homem contra a mulher no contexto de um relacionamento cisheteromonogâmicos, logo, artigos que sejam sobre relacionamentos não heterossexuais ou de violência da mulher contra o homem, apesar de serem tópicos importantes de trabalho, não serão abordados. Espera-se evidenciar se os pesquisadores da psicanálise, a despeito de seu conhecimento, possuem um olhar atento sobre a violência conjugal e a partir de qual linha teórica ela é discutida, além busca-se dar visibilidade a este tipo de violência, presente no cotidiano de muitos sujeitos que atravessam os diversos fazeres psicanalíticos, seja no ambiente clínico particular ou público, procurando orientar práticas mais alinhadas com as necessidades das vítimas. Com base nesta discussão inicial, é possível concluir que a psicanálise, principalmente a psicologia feminista de Horney, o estudo sobre o trauma da violência de Ferenczi, a teoria do apego de

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Bowlby e a discussão sobre complexo de Édipo e casamento em Freud, podem contribuir para uma discussão mais interseccionalizada que perpassa a clínica contemporânea.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 1997.

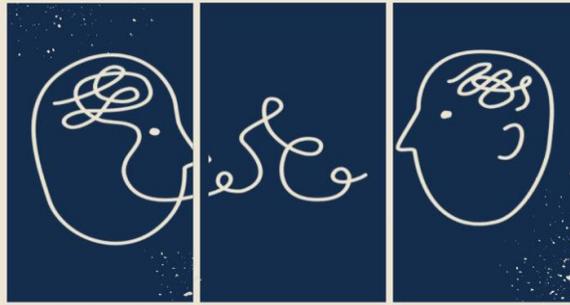
LAMANNO-ADAMO, V. L. C. **Violência doméstica: uma contribuição da psicanálise**. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2006.

MOREIRA, M. M. **Freud e o Casamento**. São Paulo: Editora Autêntica, 2023.

NARDI, S. C. S.; BENETTI, S. P. C. **Contribuições psicanalíticas acerca da violência conjugal**. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 2014.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

TRANSMISSÃO PSÍQUICA TRANSGERACIONAL FACE AO ABUSO SEXUAL: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOTERAPIA DE CASAL

Camila Venturin Franzini¹

Maira Bonafé Sei²

RESUMO

Palavras-chave: *psicoterapia de casal; abuso; psicanálise; transgeracionalidade; recursos expressivos.*

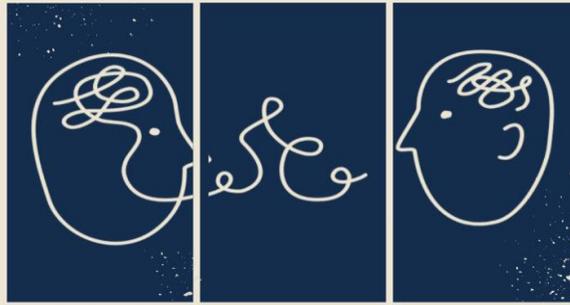
A família se configura como um grupo, no qual podem estar presentes vínculos de aliança, filiação e fraternidade (CORREA, 2000), sendo responsável pela inserção do indivíduo na sociedade e pela transmissão e emergência de um sujeito de desejo (Moreira, 2023). Além disso, entende-se que os vínculos de filiação apresentam-se como uma via de sobrevivência para além da própria morte, haja vista os processos de transmissão da herança existentes na família (ANDRÉ-FUSTIER; AUBERTEL, 1998). No caso de uma filiação por meio da via biológica, são transmitidos os genes. Tem-se, igualmente, a transmissão do patrimônio, algo que guiava os enlaces do passado, que se ordenavam em torno da transmissão dos bens em casamentos arranjados entre famílias (ROUDINESCO, 2003).

¹ Graduanda em Psicologia; Universidade Estadual de Londrina; camila.venturin@uel.br;

² Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pelo IP-USP; Professora Associada do Departamento de Psicanálise e Psicanálise e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, mairabonafe@uel.br;

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

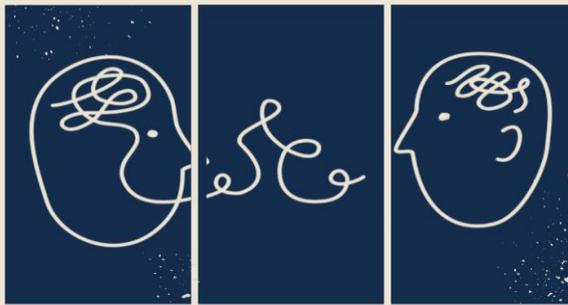
Por fim, pode-se falar também de uma transmissão psíquica, onde histórias, valores, vivências, receios, traumas podem ser passados de uma geração a outra. Tendo em vista a natureza deste tipo de material, observa-se haver uma transmissão que ocorre entre as gerações, por meio de conteúdos conscientes, que podem ser conhecidos e elaborados. É proposto aqui o termo transmissão psíquica intergeracional. Contudo, há situações difíceis, traumáticas, vergonhosas, que desejam ser esquecidas e, com isso, são transmitidas através das gerações, de forma inconsciente. Como são conteúdos negados, acabam por não ser elaborados, com a geração seguinte recebendo este legado de forma bruta. Apesar de não estar na consciência do herdeiro, tais materiais influenciam sua vida, suas escolhas, as alianças que estabelece. Intitula-se tal fenômeno como uma transmissão psíquica transgeracional (PADILHA; BARBIERI, 2020) e até podemos citar o processo de constituição egóica que depende (FREUD, 1917) de processos de incorporação e identificação, fazendo do Eu, um precipitado de histórias amorosas de um sujeito (MOREIRA, 2023).

As situações de violência podem ser vistas como vivências traumáticas, especialmente se não há um espaço para que possam ser pensadas e elaboradas. No caso da violência que ocorre no contexto familiar, ou perpetrada por pessoas do círculo de relação do indivíduo, em quem se deposita certa confiança, tem-se um elemento potencialmente mais traumático, haja vista se tratar de alguém que deveria acolher e não violentar. O rompimento do silêncio nem sempre se configura como uma tarefa fácil e se torna mais difícil para o indivíduo quando essa revelação é permeada por descrédito por parte daquele que toma conhecimento do acontecido.

Acredita-se que a psicoterapia pode se configurar como uma intervenção necessária junto a esta população visando a superação do trauma e o processo de seguir em frente. Entretanto, nem sempre aquele que foi abusado consegue acessar a

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

psicoterapia, sendo possível observar que este resto não elaborado se faz presente na repetição da experiência ao longo da própria vida ou na de seus herdeiros, que ficam com a função de elaborar aquilo que não foi pensado pelos antecessores. Defende-se a importância da psicoterapia em tais casos (EGHARI, 2006), todavia sabe-se da dificuldade em se discorrer sobre aquilo que por vezes é inominável. Em tais casos, pensa-se que outras vias de comunicação e expressão, tais como os recursos artístico-expressivos (SEI, 2011), podem se mostrar pertinentes.

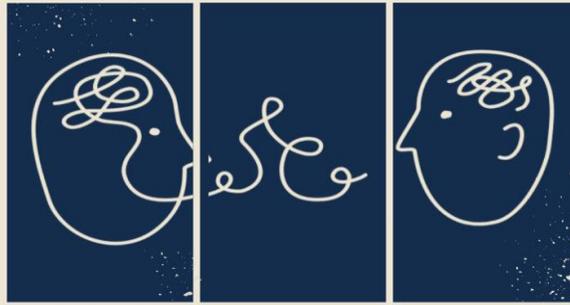
Isso posto, objetiva-se apresentar e discutir brevemente um caso de psicoterapia psicanalítica de casal, atendido em uma clínica psicológica universitária por meio de um projeto de extensão (SEI, 2017). Trata-se de um estudo teórico-clínico, empreendido por meio do acesso ao material clínico advindo de atendimentos com um casal de meia idade, com reflexões amparadas no aporte teórico da Psicanálise. Entende-se que este tipo de proposição carrega uma originalidade vinda dos casos, mas construindo um conhecimento que reverberam no aprofundamento dos conhecimentos psicanalíticos (SAFRA, 1993).

O casal chega com queixa centrada no esposo, com apontamentos sobre um quadro depressivo, permeado por uma ideação suicida. O atendimento foi realizado inicialmente por uma psicoterapeuta, seguido do encaminhamento de uma segunda terapeuta após a saída da primeira do serviço em questão. Com a entrada da segunda terapeuta, optou-se por utilizar algumas atividades de caráter projetivo, por meio de materiais gráficos, buscando-se, por um lado, obter informações sobre o casal e, por outro, engajá-los em atividades em conjunto, sem a centralização de queixas em um ou outro.

A partir deste segundo momento do processo terapêutico e face à utilização de recursos como genograma, linha da vida e espaçograma (SEI, 2017), pôde-se acessar informações concernentes ao passado e a situações de abuso sexual

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

vivenciadas pela esposa em sua família de origem e também perpetradas pelo esposo contra uma criança da família dos dois. Nota-se, aqui, um abuso que se repete, com o abuso sofrido na infância e não elaborado resultando neste enlace com um parceiro que repete a violência. Assim, a repetição de um abuso infantil na geração seguinte reverbera na reflexão acerca da transmissão psíquica transgeracional e seus conteúdos inconscientes, não simbolizados.

Por meio do caso clínico em questão, pondera-se que a psicoterapia de casal pode se mostrar como uma intervenção pertinente, especialmente quando acompanhada de recursos artístico-expressivos. Acredita-se que este tipo de material permite que sejam colocados em imagens o material sentido como indizível ou até impensável, facilitando uma elaboração psíquica e, conseqüentemente, uma interrupção da transmissão transgeracional desse legado.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e à Fundação Araucária pela concessão da bolsa de extensão.

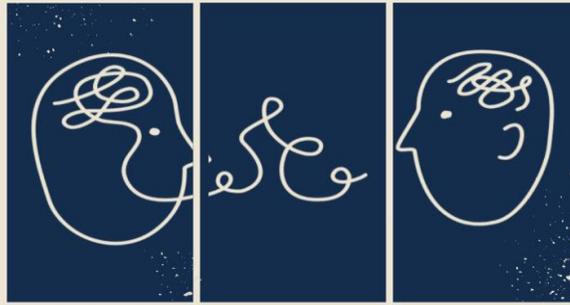
REFERÊNCIAS

ANDRÉ-FUSTIER, F.; AUBERTEL, F. **A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento.** In: EIGUER, A. (ed.). *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica.* São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p. 129-179.

CORREA, O. B. R. **O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

EGHRARI, C. A. **Abuso sexual infantil intrafamiliar: aspectos transgeracionais.**

Monografia (Graduação em Psicologia). Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006.

MOREIRA, M. M. **Freud e o Casamento.** São Paulo: Editora Autêntica, 2023.

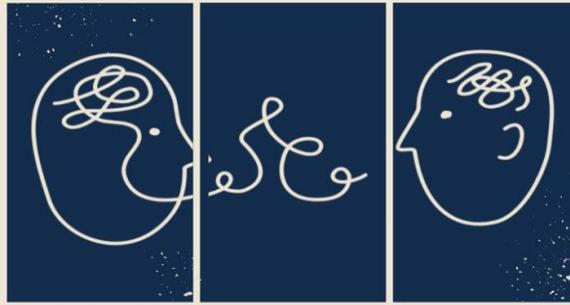
PADILHA, C. R. M.; BARBIERI, V. **Transmissão psíquica transgeracional: uma revisão da literatura.** *Tempo Psicanalítico*, v. 52, n. 1, p. 243-270, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 fev. 2025.

ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAFRA, G. **O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica.** In: SILVA, M. E. L. (Org.). *Investigação e psicanálise.* Campinas: Papyrus, 1993. p. 119-132.

SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise.** São Paulo: Zagodoni, 2011.

SEI, M. B. **O atendimento a casal e família em serviço-escola de Psicologia.** In: SEI, M. B.; GOMES, I. C. (Orgs.). *Formação, pesquisa e a clínica psicanalítica de casais e famílias.* Londrina: UEL, 2017. p. 35-53.



O VÍNCULO AMBIVALENTE COM A FIGURA PATERNA: IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS NO TRATAMENTO DA ANSIEDADE E CONFLITOS EMOCIONAIS.

Pedro Henrique Pilati Scudeler¹

Romulo Vieira²

Francis Willian Bueno Lourenço³

RESUMO

Palavras-chave: *ansiedade; triagem; HTP.*

O presente estudo tem como objetivo apresentar um relato de experiência durante a realização da disciplina estágio básico do 6º período no curso de psicologia da PUCPR através do processo de triagem psicológica realizado com um paciente, identificado como “A” por fins de manter seu sigilo, que buscou atendimento devido a uma crise de ansiedade. A análise se baseia em uma série de quatro encontros, durante os quais foram coletadas informações sobre seu histórico de vida, padrões emocionais e relações interpessoais. A aplicação do teste HTP (House-Tree-Person) complementou a avaliação (BUCK; WARREN; TARDIVO; ALVES, 2009). Os resultados desta triagem são fundamentais para embasar futuras intervenções clínicas e sugerem um

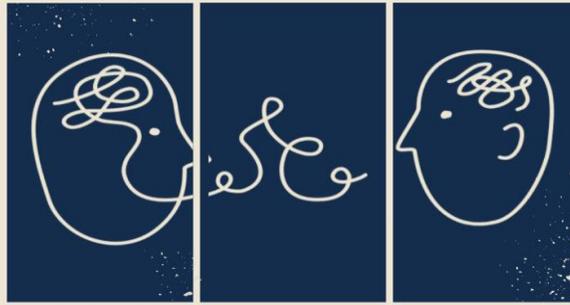
¹ Graduando de Psicologia; Pontifícia Universidade Católica do Paraná, phpscudeler@hotmail.com;

² Graduando de Psicologia; Pontifícia Universidade Católica do Paraná, romulojp13@gmail.com;

³ Graduado em Psicologia (UNIFIL), com Especialização em Clínica Psicanalítica (UEL), Psicanálise Winnicottiana (UNIFIL) e Mestrado em Psicologia (UEL). Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR; francis.lourenco@pucpr.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

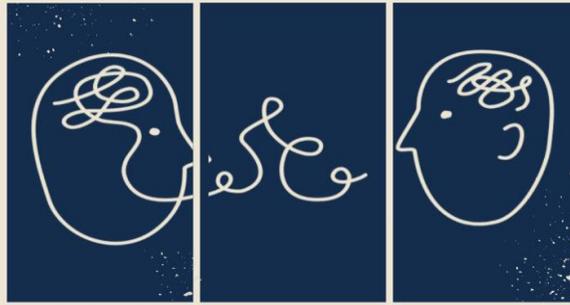
foco no tratamento da ansiedade e no processamento de experiências de perda e relações familiares conflituosas.

Como metodologia, o presente estudo utilizou a abordagem psicanalítica e o método qualitativo para descrever o processo de triagem psicológica realizado com um paciente identificado como 'A'. Foram conduzidos quatro encontros de 50 a 60 minutos de duração, realizados de maneira presencial na PUCPR, nos quais se investigou seu histórico de vida, padrões emocionais e relações interpessoais. A abordagem adotada foi a entrevista clínica semiestruturada, permitindo uma condução flexível conforme as demandas do paciente. Como instrumento complementar, foi aplicado o teste projetivo HTP (House-Tree-Person). A análise dos dados seguiu um modelo clínico-interpretativo de viés psicanalítico, considerando as respostas verbais e não verbais do paciente durante as quatro sessões conduzidas.

O resultado obtido com a triagem psicológica permitiu observar que A apresentava um quadro ansioso recorrente, com intensificação dos sintomas nas últimas semanas, afetando sua rotina e relações interpessoais. No primeiro encontro, manteve uma postura defensiva, evitando aprofundar-se nos relatos e utilizando uma almofada da sala como possível objeto transicional. De acordo com Winnicott (WINNICOTT, 1953/2019) o objeto transicional representa um elemento, que faz um intermédio entre a realidade interna e externa, auxiliando no manejo da angústia; diante disso, a almofada pode ter servido como um recurso de contenção da angústia diante da interação com os alunos. Relatou crises de ansiedade desde 2018, ano que coincidiu com a morte do pai e a necessidade de assumir o negócio da família. Durante o discurso, demonstrou maior retenção afetiva ao falar sobre a figura paterna e o ambiente de trabalho, enquanto a menção a atividades de lazer e consumo de álcool era acompanhada por expressões de alívio e entusiasmo, remetendo a uma labilidade afetiva. Essa oscilação pode indicar uma tentativa de deslocamento da angústia,

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



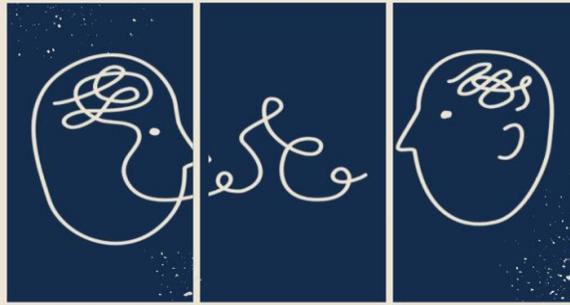
20.03
21.03

2025

buscando no prazer imediato um contraponto ao sofrimento emocional não elaborado do luto paterno. Nos encontros subsequentes, A tornou-se mais participativo, permitindo um aprofundamento nas suas relações primárias. O paciente relatou uma convivência distante com o pai, cuja presença era caracterizada mais pela exigência do que pelo afeto. Essa relação parece ter influenciado a formação de seu superego, ou do que Freud (1923/2011) denomina “Ideal do Eu”, refletindo uma internalização de normas e crenças moldadas tanto por fatores sociais quanto culturais. Esse processo evidencia como as experiências familiares podem desempenhar um papel central na construção da estrutura psíquica, influenciando comportamentos, valores e a maneira como o indivíduo lida com suas próprias exigências e conflitos internos. O trabalho herdado parece funcionar como um afeto ambivalente onde ao mesmo tempo em que mantém uma conexão com o pai falecido, também representa a imposição de um papel que não foi escolhido, mas assumido por obrigação. A identificação forçada com a figura paterna pode ter gerado um conflito psíquico, resultando em uma resistência ao aprofundamento emocional quando o tema emergia nas sessões (FREUD, 1924/2011). Essa dinâmica foi interpretada como uma manifestação do conflito entre os aspectos afetivos e as exigências familiares, o que pode ter intensificado a resistência do paciente durante o processo terapêutico. A aplicação do teste projetivo HTP complementou a avaliação, permitindo uma observação mais ampla da dinâmica emocional de A. Seus desenhos apresentaram traços que sugeriam elementos de insegurança e certa contenção emocional. Durante a entrevista complementar ao teste, A demonstrou certa resistência em explorar associações pessoais, mantendo uma postura de evitação diante de conteúdos que poderiam revelar memórias ou sentimentos intensos. Na devolutiva, A inicialmente demonstrou curiosidade sobre os resultados do teste, mas sua postura corporal e expressões faciais sinalizaram um certo desconforto conforme o conteúdo se tornava mais subjetivo. O retorno ao uso da

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

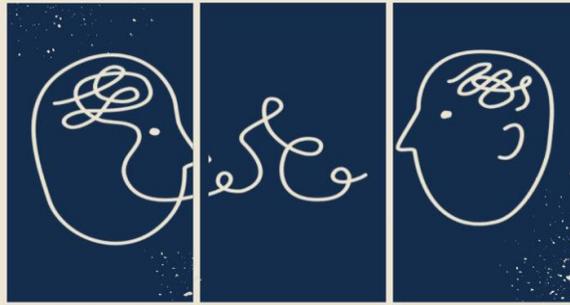
2025

almofada como objeto transacional (WINNICOTT, 1953/2019) pode indicar a ativação de mecanismos de defesa frente a interpretações que tocaram pontos sensíveis. No entanto, ao final do atendimento, mostrou-se receptivo às orientações para manejo da ansiedade e compreendeu a importância da continuidade do acompanhamento psicológico. Os achados da triagem sugerem que sua ansiedade pode estar vinculada a um luto não elaborado e a um conflito de identificação com a figura paterna (FREUD, 1915/2010). De acordo com Freud (1917/2014), o luto não elaborado pode resultar em manifestações de sofrimento psíquico duradouro, enquanto a identificação com a figura paterna pode gerar conflitos emocionais internos. O espaço terapêutico, nesse contexto, se mostra essencial para a elaboração dessas questões latentes, possibilitando a construção de um posicionamento mais autônomo diante da trajetória do paciente.

Concluindo, o processo de triagem do paciente A revelou aspectos importantes de sua vida emocional e comportamental, destacando a ansiedade como principal motivo de busca por ajuda psicológica. Foram identificadas questões não resolvidas relacionadas ao relacionamento com o pai, perdas familiares e pressões no ambiente de trabalho, que podem estar contribuindo para o agravamento do quadro ansioso. A aplicação do teste HTP trouxe sinais adicionais, embora tenha gerado resistência ao aprofundamento em alguns temas. Deve-se trabalhar melhor estes pontos quando o paciente chegar à intervenção psicológica. O paciente demonstrou abertura progressiva ao longo dos encontros, criando uma base promissora para futuras intervenções psicológicas. A devolutiva final foi recebida com interesse, e as orientações práticas foram bem aceitas. Durante a continuidade do atendimento, no âmbito da psicoterapia de base psicanalítica é salutar que os temas abordados no *setting* tenham como finalidade os processos inconscientes e traumas reprimidos que possivelmente constituem a neurose do paciente. Sobretudo, visando compreender a

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

manifestação sintomatológica da ansiedade, munindo-se do fenômeno transferencial (FREUD, 1933/2010) como instrumento na compreensão dos aspectos emocionais ligados às suas relações familiares e experiências de perda, contribuindo para seu autoconhecimento e equilíbrio emocional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente à Universidade Estadual de Londrina (UEL), à Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e a todos os docentes que, ao longo desses anos, contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e pessoal.

REFERÊNCIAS

FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

FREUD, Sigmund. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. Obras completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1933). Novas conferências introdutórias em psicanálise. In: _____. Obras completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1915). Luto e melancolia. In: _____. Obras completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1923) O ego e o id. In: _____. Obras completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

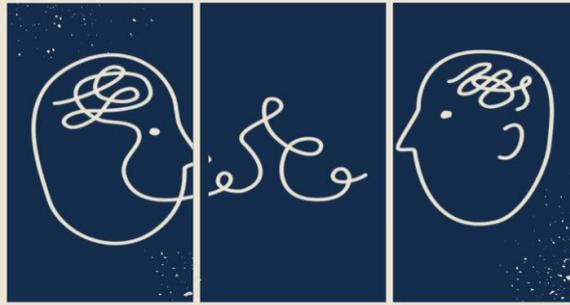
WINNICOTT, D. W. (1953). *Objetos transicionais e fenômenos transicionais.* Tradução de B. Longhi. São Paulo: UBU Editora, 2019.

BUCK, John N.; WARREN, W. L.; TARDIVO, Renato Cury (Tradução);

ALVES, Iraí Cristina Bocato (Revisão). *Casa-árvore-pessoa: técnica projetiva de desenho.* São Paulo: Vetor, 2009

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

A DELINQUÊNCIA INFANTOJUVENIL NA PÓS-MODERNIDADE: OLHARES WINNICOTTIANOS SOBRE O ATO INFRACIONAL E O PAPEL DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS PARA O PROCESSO DE AMADURECIMENTO

Lucas Taconi Lopes¹

Rafaella Aguiar Arantes²

Isabelle Rodrigues de Andrade³

Ian Bandeira de Oliveira⁴

RESUMO

Palavras-chave: *delinquência; menores em conflito com a lei; medidas socioeducativas; psicanálise winnicottiana; processo de amadurecimento.*

Nas últimas décadas, o Brasil tem acompanhado o crescimento da criminalidade, fenômeno que se inscreve num contexto pós-moderno configurado pela fragmentação dos vínculos sociais e pela ausência dos limites que demarcam os âmbitos individual e coletivo, acentuando no sujeito a sensação de desamparo (Moreira *et al.*, 2008; Harvey, 1992). Em 2023, o país registrou 11.556 adolescentes sob medidas socioeducativas de privação de liberdade, dos quais 8.638 estavam em

¹ Discente do segundo ano da graduação em Psicologia; UniFil, lucas.lopes@edu.unifil.br.

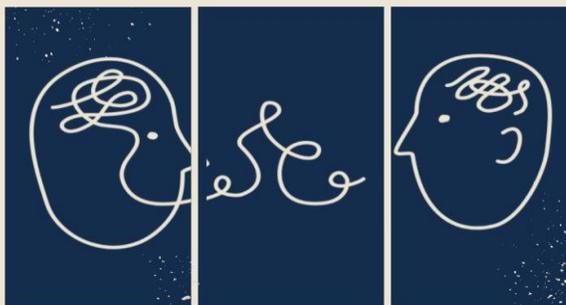
² Discente do segundo ano da graduação em Psicologia; UniFil, rafaellaaguiararantes@edu.unifil.br.

³ Discente do segundo ano da graduação em Psicologia; UniFil, isabellerodriguesandrade@edu.unifil.br.

⁴ Psicólogo, mestrando na Universidade Estadual de Londrina; professor na UniFil; oliveira@unifil.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



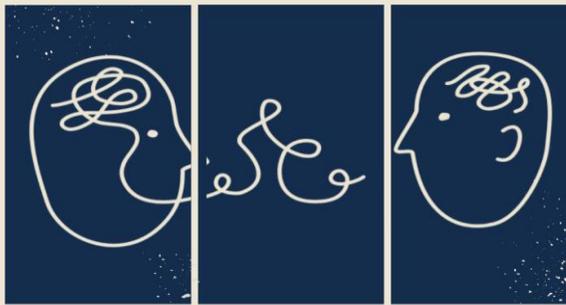
20.03
21.03

2025

internação, 1.068 em semiliberdade, 213 em internação sanção e 1.637 em internação provisória (Brasil, 2023). Além disso, até 2018, 117.207 adolescentes cumpriam medidas em meio aberto, como liberdade assistida e prestação de serviços à sociedade (Brasil, 2018). Tais medidas, determinadas judicialmente, visam romper com o ciclo da violência, prevenir a reincidência infracional e promover a integração social e profissional de jovens por meio do fortalecimento de redes comunitárias e familiares. A respeito desse assunto, Donald Woods Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, compreendeu que a base segura fornecida na infância advém da oferta de um ambiente adequado e os cuidados de uma mãe suficientemente boa (ou quem venha a substituí-la), isto é, aquela que responde de forma sensível e ajustada às necessidades do bebê, promovendo um ambiente que sustenta seu desenvolvimento emocional. Essa adaptação contínua, caracterizada pela presença responsiva e por uma ausência dosada, favorece o processo de amadurecimento. Quando tudo corre bem, o cuidado materno, muitas vezes compartilhado pelo pai, oferece uma base segura para a integração do bebê à realidade (Winnicott, 1965/2022; 1986/2021). Entretanto, nos casos em que o ambiente falha em promover relações seguras e confiáveis, marcando-se por sucessivas privações e frustrações, a delinquência aponta para uma forma de preencher um vazio emocional e relacional, bem como um modo de se proteger do ambiente que não ofertou o suporte necessário. Winnicott, todavia, vê a agressividade como uma parte necessária do desenvolvimento humano, e não totalmente destrutiva. Para o autor, ao testar os limites do ambiente, o indivíduo entra em contato com sentimentos que, quando dirigidos de forma correta por um ambiente suficientemente bom, permitem a expressão do sentimento de culpa. Esse processo de tolerância aos impulsos destrutivos possibilita o desenvolvimento da responsabilidade e da capacidade de reparação, porém, quando essa capacidade é interrompida, o indivíduo tende a buscar outras maneiras para aliviar essas tensões. A delinquência, nesse ponto

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



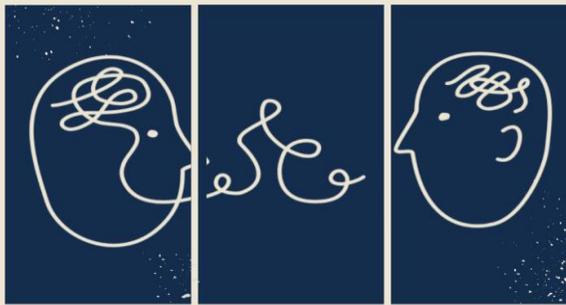
20.03
21.03

2025

de vista, pode ser analisada como a expressão da falta de acolhimento das potencialidades reparadoras do indivíduo. Segundo Winnicott (1984/1999), "só se soubermos que a criança quer derrubar a torre de cubos, será importante para ela vermos que sabe construí-la" (p. 96), enfatizando a importância do reconhecimento dos aspectos destrutivos para que a capacidade construtiva possa emergir. O ato infracional, segundo esse olhar, não é apenas um sinal de fracasso social, mas uma manifestação da busca por um ambiente que transmita o cuidado. Dias e Loparic (2008) complementam que "[...] assim, a criança ou o adolescente, ao praticar um ato antissocial está procurando, de um modo violento ou brando, levar o mundo a reconhecer sua dívida para com ela." (p. 54). Para os referidos autores, se encontrarem um ambiente capaz de promover a adaptação ativa e possibilitar a reestruturação de suas relações com o mundo, há a possibilidade de, com o tempo, ocorrer uma diminuição ou até mesmo o desaparecimento dessa tendência. Desta maneira, infere-se que quando a delinquência é abordada com compreensão e suporte adequado, há uma possibilidade real de transformação, resgatando o potencial do indivíduo para integrar-se de maneira mais construtiva à sociedade. Ainda no que tange às medidas socioeducativas, Dias e Loparic (2008) oferecem uma significativa contribuição ao tema quando abordam a aplicação do que conceituam como "Modelo Winnicott" no atendimento a adolescentes em conflito com a lei, fruto das atividades do Núcleo de Prevenção e de Atendimento da Tendência Antissocial da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW). A proposta de uma ação socioeducativa, fundamentada na teoria winnicottiana do amadurecimento emocional, propõe uma abordagem inovadora para lidar com distúrbios das relações indivíduo-ambiente, como a tendência antissocial. Além disso, a teoria oferece um referencial para o atendimento desses distúrbios e para a gestão dos conflitos entre os indivíduos e a sociedade, com base nos exemplos de prática assistencial de Donald Winnicott. No

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



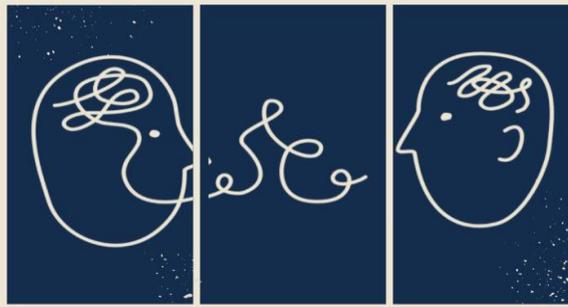
20.03
21.03

2025

entanto, conforme os autores assinalam, a implantação desse modelo enfrenta obstáculos consideráveis, como a persistência de concepções antiquadas sobre os conflitos juvenis e o desconhecimento das abordagens alternativas, além das práticas institucionais ainda fundamentadas em um modelo punitivo, que dificultam a adoção de uma abordagem mais terapêutica e transformadora. Dias e Loparic (2008) ainda destacam que o amadurecimento pessoal, quando interrompido por conflitos com a lei ou traumas originados por falhas ambientais, pode ser retomado por meio de uma mudança no ambiente “que permita o retorno da confiança e da esperança na possibilidade de uma vida que seja digna de ser vivida.” (p. 54). Segundo esses autores, o menor pode ser recuperado sem a necessidade de recorrer a abordagens psicanalíticas, psiquiátricas ou medicamentosas, desde que o ambiente favoreça o seu desenvolvimento. Frente a esses pressupostos, a pergunta que orienta este trabalho pode ser elaborada da seguinte forma: Como as medidas socioeducativas atuais contribuem com o desenvolvimento desses menores? Partindo do exposto, o objetivo deste estudo é investigar a delinquência infantojuvenil na contemporaneidade a partir da teoria winnicottiana, analisando as motivações subjacentes ao ato infracional e o papel das medidas socioeducativas para esses adolescentes. Busca-se, ainda, compreender em que medida tais estratégias podem atuar como um ambiente potencialmente sustentador, favorecendo a retomada do processo de amadurecimento e a reintegração social dos menores em conflito com a lei. O presente resumo, portanto, advém de um projeto de pesquisa em andamento, desenvolvido por discentes do segundo ano da graduação em Psicologia, orientados por um professor inclinado aos estudos de Winnicott, que pretendem realizar um levantamento bibliográfico sobre a temática, articulando conceitos winnicottianos com a realidade dos menores atendidos pelas medidas socioeducativas. Espera-se que esta pesquisa contribua para a compreensão dos fatores psíquicos envolvidos na delinquência e para a reflexão

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

sobre a função das medidas socioeducativas, fornecendo subsídios teóricos que possam orientar práticas mais alinhadas às necessidades desses sujeitos. Com base nessas considerações preliminares, é possível concluir que a psicanálise, especialmente a linha winnicottiana, pode oferecer um olhar diferenciado sobre a delinquência e os atos infracionais, fenômenos evidentes na contemporaneidade, destacando a importância de um ambiente suficientemente bom para o processo de reintegração social de menores em conflito com a lei.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Relatório da pesquisa nacional das medidas socioeducativas em meio aberto no sistema único de assistência social**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2018.

http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/relatorios/Medidas_Socioeducativas_em_Meio_Aberto.pdf

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Levantamento Nacional de Dados do SINASE - 2023**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/LevantamentoSinase20231.pdf>

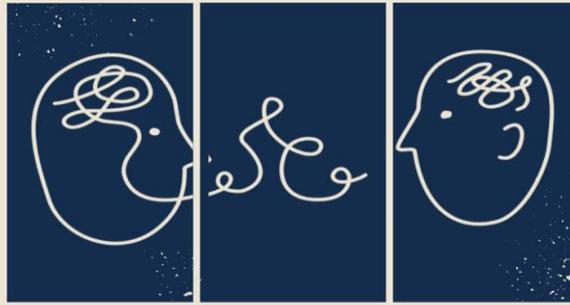
DIAS, Elsa Oliveira; LOPARIC, Zeljko. O Modelo Winnicott de atendimento ao adolescente em conflito com a lei. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 3, n. 1e2, p. 1-14, 2008 .

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROSARIO, Ângela Buciano do; COSTA,

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Domingos Barroso da. Criminalidade juvenil no Brasil pós-moderno: algumas reflexões psicossociológicas sobre o fenômeno da violência. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 8, n. 4, p. 1021-1046, dez. 2008.

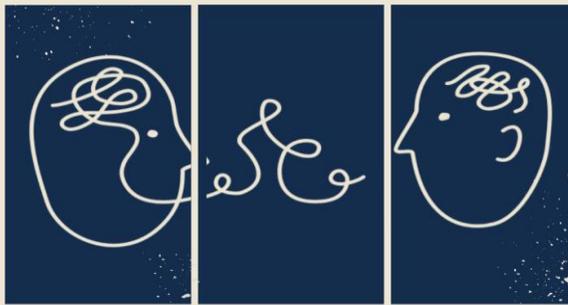
WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Originalmente publicado em 1984.

WINNICOTT, Donald Woods. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. Originalmente publicado em 1965.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Ubu Editora, 2021. Originalmente publicado em 1986.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

ENTRE O PRAZER E O SOFRIMENTO: O USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA ENQUANTO DISPOSITIVO DE SUBJETIVAÇÃO

Mariana de Araujo Fregolente¹

Maria Eduarda Fialho Roza²

RESUMO

Palavras-chave: *drogas; adolescência; psicanálise; subjetividade; mal-estar.*

A adolescência é comumente descrita na literatura como um período de intensas transformações que não se limita a adaptações fisiológicas, mas suscita a reorganização subjetiva do sujeito. Do ponto de vista psicanalítico, a maturação sexual é o principal eixo que desencadeia as crises da adolescência. Segundo Tomio e Facci (2009), essa fase da vida refere-se à vivência necessária para a constituição da identidade, caracterizada por mudanças, remodelamentos subjetivos, reinvestimentos pulsionais, retificações e ressignificações de diversas ordens.

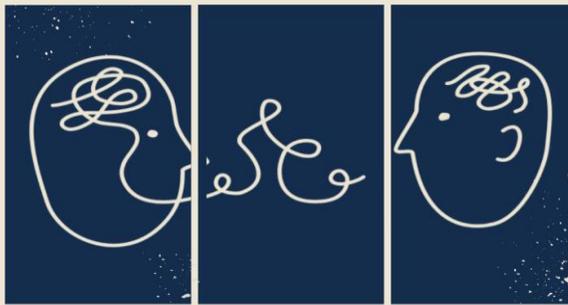
Contudo, essas profundas transformações não ocorrem sem desafios. À medida que o indivíduo experimenta as mudanças inerentes à maturação, ele também se depara com conflitos internos, uma vez que se sente criança, mesmo quando sua conduta passa a ser influenciada pelas transformações que ocorrem em seu novo corpo. Nesse processo, emergem dinâmicas conflituosas, especialmente aquelas relacionadas ao luto – seja pelo corpo infantil, pela idealização dos pais ou pelo sentimento de completude vivenciado na infância.

¹ Universidade Estadual de Londrina, mariana.araujo@uel.br

² Universidade Estadual de Londrina, maria.eduarda.fialho@uel.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

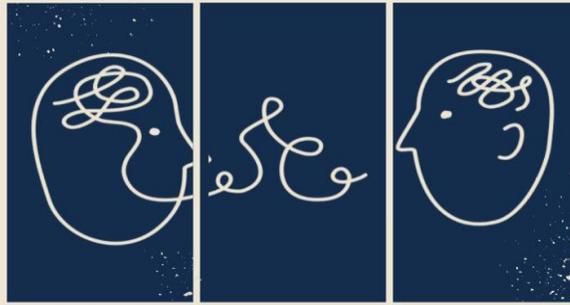
Diante desse cenário de vulnerabilidade, torna-se necessário o estabelecimento de mecanismos que permitam ao adolescente ressignificar suas experiências, a partir dos dispositivos de subjetivação, entre os quais se destaca, notadamente, o uso de drogas. Assim, o consumo de substâncias psicoativas emerge não apenas como uma forma de experimentação típica da idade, mas como um recurso de subjetivação amplamente disseminado na adolescência contemporânea.

Partindo dessa perspectiva, o presente estudo se faz relevante por ampliar a compreensão da vivência do mal-estar na adolescência e investigar como o uso de drogas atua como uma estratégia para lidar com o sofrimento intrínseco. Para tanto, a metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica qualitativa acerca do sofrer constitutivo na psicanálise e o uso de drogas na adolescência enquanto um mecanismo de fuga deste sofrer, fundamentando-se em obras como “O Mal-Estar na Civilização” (1930) de Sigmund Freud, “Mal-Estar na Atualidade: A Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação” (2016), do psicanalista Joel Birman, e o artigo “Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem” de Manoel Antônio dos Santos e Elisângela Maria Machado Pratta.

Assim sendo, de acordo com Freud (1920), ao nascermos, o aparelho psíquico é regido apenas pelo Princípio do Prazer, o qual visa a pura satisfação de seus instintos. Todavia, as sucessivas experiências de desprazer instauram o Princípio da Realidade, demonstrando ao indivíduo que a satisfação plena de seus desejos é inalcançável e situando-o no mundo real. Além disso, em 1930, no texto “O Mal-Estar na Civilização”, Freud afirma que, para a convivência em sociedade, é necessário que ocorra a renúncia de uma parcela significativa da liberdade dos instintos individuais, isto é, o sujeito submete-se a normas, regras e proibições para a continuidade da vida coletiva. No entanto, ao passo que a satisfação pulsional se torna limitada, as

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

imposições do Princípio do Prazer permanecem no campo do irrealizável, estruturando assim o mal-estar como algo constitutivo da espécie humana.

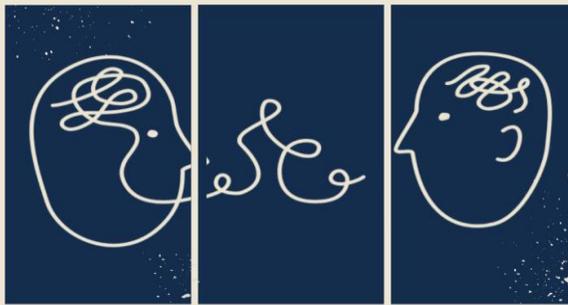
Nesse sentido, a Psicanálise compreende que a condição humana é uma condição de pathos, pois o padecimento é inerente a todo ser humano. Entretanto, Freud (1930, p. 32) salienta que “todo o sofrimento é apenas uma sensação, existe somente na medida que o sentimos”. Dessa forma, é plausível refletir que o sujeito, por meio de sua potência de ação, busca maneiras de satisfação frente à realidade, utilizando seus dispositivos de subjetivação para atenuar os infortúnios da vida. Na mesma linha argumentativa, Freud (1930) pontua três recursos paliativos para redirecionar a pulsão para outras vias, entre eles: poderosas diversões, gratificações substitutivas e substâncias inebriantes.

Nessa perspectiva, Freud (1930) afirma que a categoria das substâncias inebriantes é considerada um “método” altamente eficiente na busca incessante pela satisfação pulsional, pois sua ação no organismo resulta não somente em sensações imediatas de prazer, mas também torna o sujeito, momentaneamente, incapaz de sentir o desprazer. Destarte, as drogas representam efêmeras doses de prazer e reafirmam a hipótese freudiana de que o viver humano é marcado pela infelicidade, sendo a vivência de seu antônimo apenas um fenômeno episódico.

Em consonância, Birman (2016) utiliza a alegoria do pacto fáustico para reforçar que a espécie humana tende à busca desesperada por uma poção mágica que afaste a tristeza e impossibilite a percepção do desamparo constitutivo. Por meio dessa metáfora, o autor analisa a atuação das substâncias tóxicas no alívio imediato do sofrimento, evidenciando a função das drogas como um refúgio em um mundo alienante, onde os instintos encontram, de alguma forma, satisfação. Entretanto, essa solução, que à primeira vista parece resolver o conflito interno, revela-se um dispositivo que, ao colocar o sujeito em um estado de alienação, retira a possibilidade

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

do uso pleno do aparato simbólico para o redirecionamento das pulsões para atividades psíquicas e intelectuais.

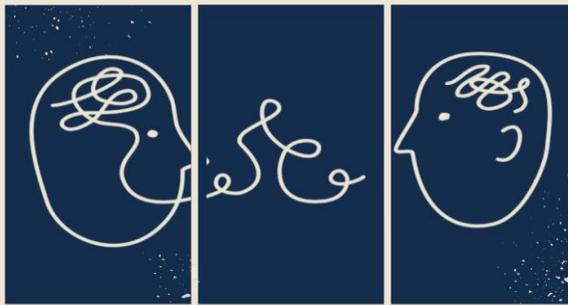
Nesse contexto, o processo de adolecer – marcado pela retomada do conflito edipiano, conforme discutido por Freud nas obras “Os Três Ensaios da Teoria da Sexualidade” (1905) e “O Eu e o Id” (1923) – gera possíveis conflitos relacionados ao recalque, à castração, à identificação, às escolhas objetais e aos ideais. Com tantas mudanças psíquicas, o adolescente procura por ações que sustentem e afirmem sua nova identidade em construção e assim, frente ao desprazer, as “poções mágicas” que proporcionam satisfação imediata ganham destaque como uma das possibilidades para lidar com mal-estar.

Nesse viés, é *sine qua non* a reflexão que o uso de drogas nesse período é atravessado por fatores sociais, os quais, segundo Schenker M e Minayo MCS (2005), a família e a escolas são instituições que, idealmente, deveriam promover um espaço de acolhimento e reflexão, no intuito de promover uma atitude crítica perante as drogas. Entretanto, quando tais instituições falham, na maioria das vezes em contextos caracterizados pela vulnerabilidade social, a construção do aparato simbólico do sujeito é empobrecido para lidar com o mal-estar de outras formas, como as gratificações substitutivas citadas por Freud em 1930. Assim, o uso das drogas aparenta ser, inicialmente, uma saída prática e eficiente, contudo, trata-se de uma saída que mantém o sujeito alienado em seu próprio pacto fáustico.

Por fim, a análise apresentada evidencia que o uso de drogas na adolescência pode ser compreendido como um dispositivo de subjetivação, intrinsecamente ligado às transformações psíquicas que caracterizam essa fase. A partir do referencial psicanalítico, observa-se que os conflitos inerentes ao processo de adolecer – como a retomada do conflito edipiano e o luto pelo corpo infantil – levam o sujeito a se deparar com o mal-estar e assim, urge a busca incessante por satisfação, logo as

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

substâncias inebriantes, embora sejam paliativas, provocam respostas imediatas de atenuação do desprazer. Desse modo, o presente trabalho amplia o entendimento do uso de drogas na adolescência para além da curiosidade comum da idade, mas também como um dispositivo de subjetivação frente às mudanças demarcadas desse período.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e à Comissão Organizadora do “I Congresso da Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL” pela oportunidade e experiência de escrita.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BITTENCOURT, Ana Luiza Portela; FRANÇA, Lucas Garcia; GOLDIM, José Roberto. Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. Revista Bioética (Impressa), v. 23, n. 2, p. 311-319, 2015.

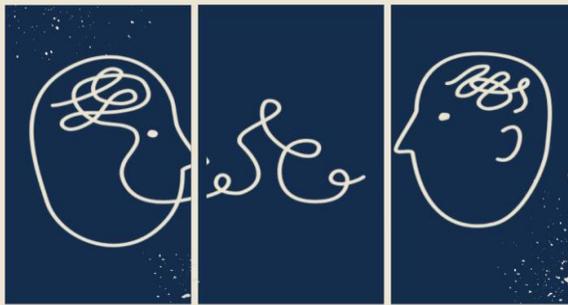
FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1923b) O ego e o id. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

SANTOS, Manoel Antônio dos; PRATTA, Elisângela Maria Machado.

Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem.

Tempo Psicanalítico, v. 44, n. 1, Rio de Janeiro, jun. 2012.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fatores de risco e de

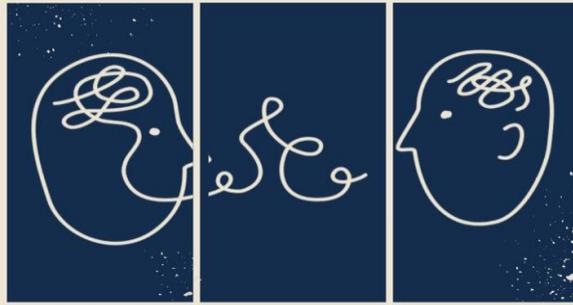
proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005.

TOMIO, Noeli Assunta Oro; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Adolescência:

uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Revista Teoria e Prática da Educação*, v. 12, n. 1, p. 89-99, jan./abr. 2009.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

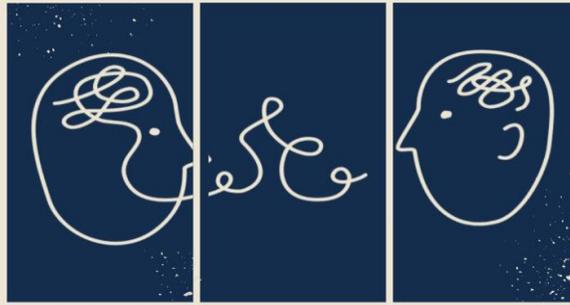
*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

EIXO 2: DESAFIOS CLÍNICOS E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA



A SUJEIRA DEBAIXO DO TAPETE AINDA É VISTA?: UM ESTUDO DE CASO BASEADO NA TEORIA WINNICOTTIANA

Cecília Cristina Araújo de Moraes¹

Amanda Lays Monteiro Inácio²

RESUMO

Palavras-chave: *serviço-escola; psicanálise; psicoterapia*

I. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho, relata um estudo de caso de atendimentos em psicoterapia de orientação psicanalítica, realizados em um serviço-escola de uma universidade pública no interior paulista, este serviço-escola presta atendimentos psicológicos, realizados por estudantes da instituição e supervisionados pelos respectivos docentes. Os serviços dizem respeito a psicoterapia individual, triagem psicológica, orientação vocacional, terapia de casal e família, terapia de grupo, dentre outros, e o objetivo principal do dispositivo é que o discente tenha a possibilidade de exercer a prática psicológica em suas mais diversas modalidades, conhecer o âmbito clínico e colocar em prática as abordagens e intervenções psicológicas apreendidas teoricamente.

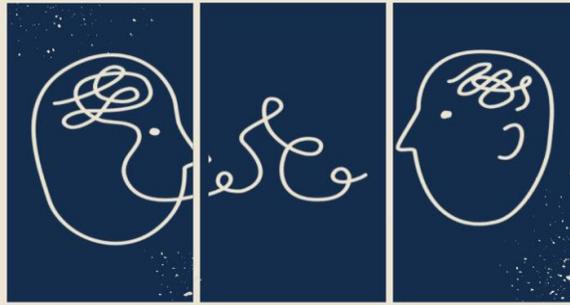
O atendimento psicoterápico de orientação psicanalítica, que trataremos aqui, seguiu pelos pressupostos dos autores Freud e Winnicott, tendo o segundo autor maior

¹ Psicóloga/Pós-graduanda (mestrado) em Psicologia; Universidade Estadual Paulista (Unesp) Faculdade de Ciências e Letras – Assis; cecilia.morais@unesp.br

² Psicóloga/Doutora em Psicologia; Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras – Assis; a.inacio@unesp.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

expressividade. As técnicas de manejo e intervenção utilizadas, foram a associação livre, a interpretação, o *holding* e o *handling*, e o manejo foi trabalhado de acordo com a necessidade da paciente, e com a sua capacidade de compreensão e de aprofundamento em sua própria terapia, além do mais, considerou-se a sua capacidade de *insight* sobre os conflitos de seus relacionamentos interpessoais.

Ventura e Mendes (2023) ressaltam a importância da clínica psicanalítica winnicottiana para os adultos, indicando que a perspectiva do “brincar” serviria para todas as idades, se considerarmos o pressuposto de atemporalidade do inconsciente. Diante disso, deve-se considerar que o sujeito do inconsciente é carregado para toda a vida, independente de sua idade.

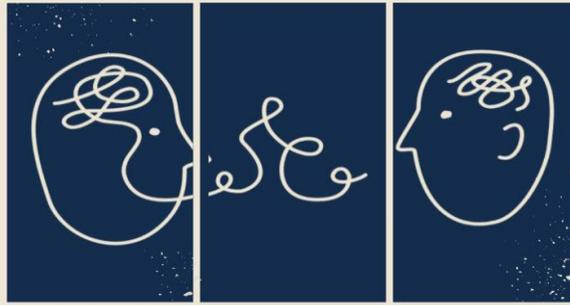
Ainda se tratando do brincar, nota-se no estudo de caso em específico, que a psicoterapia de orientação psicanalítica possibilitou a dupla paciente-terapeuta a composição de um brincar suficientemente bom. Winnicott (2019), reforça que a função do psicoterapeuta é exatamente essa, fornecer ao paciente condições para que ele desenvolva o seu próprio brincar, e assim evoluir em seu processo terapêutico.

O estudo de caso em questão origina-se dos atendimentos realizados durante o estágio obrigatório em psicologia clínica, que compõe o currículo de formação em psicologia e o principal objetivo é que o discente tenha contato direto com a prática clínica, podendo entender da dinâmica dos atendimentos de orientação psicanalítica. Durante o estágio, foram realizados atendimentos clínicos com públicos distintos, como crianças, adolescentes, adultos e idosos. Nesta ocasião, foi atendido o caso de uma mulher adulta, escolhido para ser apresentado por conta de sua exponencial evolução ao longo do processo.

II. METODOLOGIA:

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

A paciente em questão, trata-se de uma mulher parda, com cerca de 40 anos de idade, com ensino superior completo, casada e mãe de três filhos. É importante destacar que foi a primeira experiência da paciente com a psicoterapia, assim como, foi a primeira experiência de atendimento da terapeuta em questão, tais características auxiliaram a compor uma dinâmica singular aos atendimentos realizados.

As principais demandas e queixas apresentadas pela paciente referem-se aos conflitos conjugais e dificuldades nas relações interpessoais, destacando-se as tensões em sua relação com a mãe e com os pais de seu esposo, além de complicações para desempenhar a função materna. Somado a isso, a paciente apresentava queixas em relação a sua posição profissional, pois relatava estar insatisfeita no atual emprego. Em face ao exposto, foi possível notar também questões conflituosas em relação a autoestima da paciente e uma grande dificuldade em se relacionar com seus próprios desejos, como se ela conhecesse pouco de si mesma.

O presente estudo de caso de um atendimento clínico em psicoterapia de orientação psicanalítica aconteceu semanalmente, durante 50 minutos, por dois anos, que abarcaram os anos finais da graduação em psicologia da estagiária em questão. As 53 sessões foram realizadas nas dependências do serviço-escola de uma universidade pública paulista.

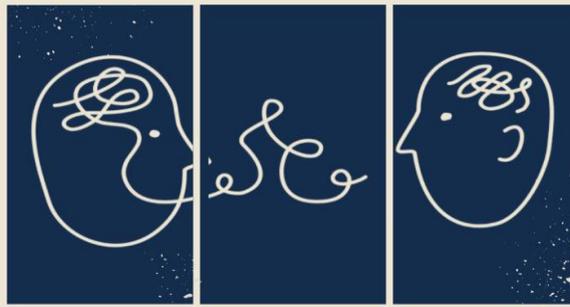
Vale ressaltar que foram mencionados neste trabalho apenas os dados estritamente necessários para a compreensão do caso e que houve aprovação pelo Comitê de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos da universidade em questão (CAAE: 79791724.7.0000.5401).

III. RESULTADOS:

No início de seu tratamento em psicoterapia de orientação psicanalítica, a paciente trazia as questões de seu convívio familiar, relatava sobre as interações que tinha com

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

o marido, a mãe, os filhos e os sogros, todavia conseguia dizer muito pouco de si mesma, apresentava certa inabilidade em relacionar o que lhe acontecia a como ela se sentia, parecia muito distante de si mesma. A paciente oferecia muita resistência em acreditar no espaço terapêutico, isso porque, algumas vezes chegava a relatar que poderia estar realizando outras atividades ao invés de estar ali.

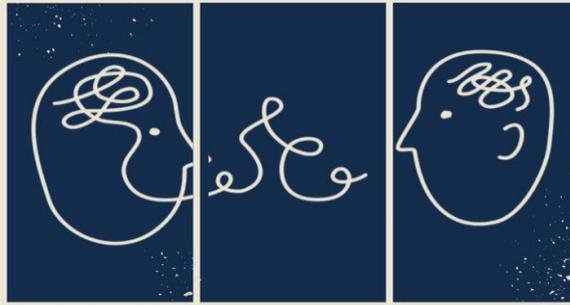
No que concerne ao título do presente trabalho, ele faz referência a uma metáfora que a terapeuta utilizava - esconder a sujeira debaixo do tapete - isso porque, a paciente costumava nomear seus conflitos, principalmente relacionados ao seu casamento, todavia, como se encontrava resistente a certas mudanças, preferia não tocar no assunto de forma resolutiva, haja vista que tais conflitos ainda influenciavam a dinâmica psíquica da paciente, consciente e inconscientemente. Apesar do foco nas resistências da paciente ao longo do processo psicoterápico, há que se mencionar o potencial do seu desejo em ali permanecer, o que pode ser interpretado mediante sua frequência nas sessões ao longo de dois anos de trabalho.

Nota-se o início de sua evolução quando ela passa a ser capaz de localizar, nomear e expressar seus sentimentos e emoções com facilidade, mostrando estar mais apropriada de si mesma e mais autoconfiante, e isso também é evidente em relação a posição profissional, que deixa de ser uma queixa ao final dos atendimentos. A paciente também foi capaz de identificar, elaborar e compreender os conflitos pelos quais passavam os seus vínculos familiares, em especial o vínculo conjugal, principal queixa nomeada por ela ao procurar pelo atendimento psicoterápico no serviço-escola.

Todo esse processo diz respeito ao manejo do *setting* e as funções de *holding* e *handling* (Winnicott, 2019), realizadas pela terapeuta na tentativa de acolher as demandas do tempo da paciente, escutando por vezes sessões e mais sessões de um mesmo assunto sem forçá-la a tomar uma atitude, mas sim, acolhendo suas falas e indicando, quando necessário, as ambivalências do discurso.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

IV. CONCLUSÃO:

Conclui-se, portanto, que a prática da psicoterapia de orientação psicanalítica dentro do ambiente universitário, através do serviço-escola em psicologia, produz resultados exponenciais e pode trazer transformações importantes ao paciente. Nesse caso em específico, foi possível acompanhar um aspecto pertinente a prática psicanalítica contemporânea, a adaptação de uma linha teórica à uma prática clínica, isso porque, pode-se pensar que os pressupostos Winnicottianos voltam-se somente a clínica infantil, se pensarmos na teoria do brincar, porém, vemos que ela é executável também ao *setting* adulto, como no caso aqui relatado.

É preciso salientar que a psicoterapia de orientação psicanalítica no contexto universitário beneficia os estudantes, pois enriquece a formação, oportuniza uma proximidade com a prática profissional e leva-nos a pensar uma prática psicanalítica mais acessível. Somado a isso, ampara a comunidade local, que ainda pouco conhece sobre os serviços de saúde mental ofertados pela universidade pública e podem fazer uso desse dispositivo de forma gratuita.

AGRADECIMENTOS

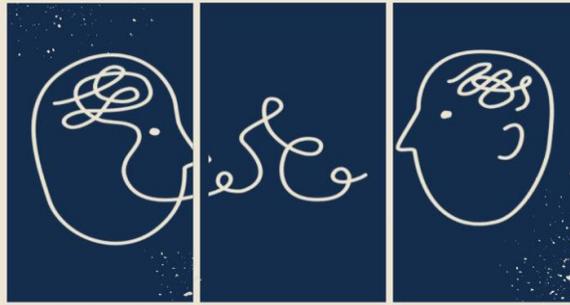
À Universidade Estadual de Londrina, pela oportunidade e a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” pelo incentivo.

REFERÊNCIAS

VENTURA, Luciana Carlos Pinto; MENDES, Allyne Evellyn Freitas Gomes. O brincar como recurso terapêutico na compreensão da psicanálise winnicottiana.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

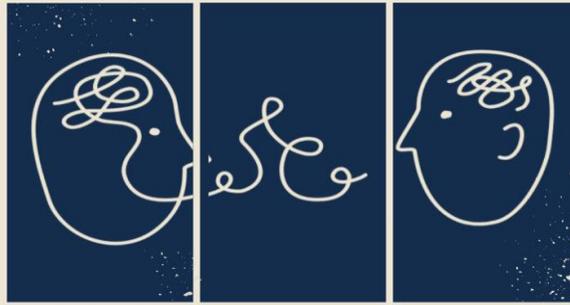
2025

Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 2, p. 226-238, 2023.

WINNICOTT, Donald Woods. O brincar e a realidade. Ubu Editora, 2019.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

DESAFIOS E VIVÊNCIAS DA MATERNIDADE GEMELAR

André Luiz Santos Batista¹

Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis²

Mariana Elise Santa Rosa³

Sabrina de Souza⁴

RESUMO

Palavras-chave: *gêmeos; gravidez; maternidade; psicanálise; relação conjugal*

A maternidade de gêmeos apresenta desafios únicos desde a gestação até o parto. A gravidez gemelar é caracterizada como de alto risco e, geralmente, as mães enfrentam angústias e temores mais intensos em comparação às mães de filhos únicos. A complexidade da maternidade de gêmeos exige um olhar atento para as condições emocionais dessas mulheres, que podem experimentar sobrecarga psicológica, dificuldades de vinculação e desafios na identificação das individualidades de cada bebê. Apesar disso, a literatura psicanalítica sobre o tema ainda é escassa, especialmente no que diz respeito ao atendimento psicoterápico dessas mães, tornando essencial a realização de estudos que explorem essa temática em profundidade. A relação entre mãe e bebê é crucial nos primeiros momentos de vida,

¹ Psicologia/Graduado; Universidade Estadual de Londrina, andre.luiz.santos@uel.br;

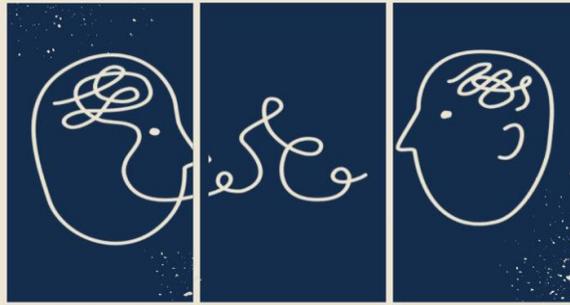
² Psicologia/Doutora; Universidade Estadual de Londrina, bethtavares@uel.br;

³ Psicologia/Mestranda.; Universidade Estadual de Londrina, maribetioli@gmail.com;

⁴ Psicologia/Graduada; Universidade Estadual de Londrina, sabrina.souza@uel.br;

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



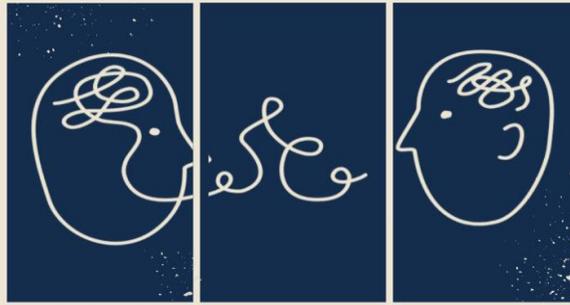
20.03
21.03

2025

sendo o ambiente maternante um elemento essencial para o desenvolvimento emocional. A teoria psicanalítica, especialmente os postulados de Donald Winnicott, enfatiza a importância do cuidado materno para garantir que o bebê não vivencie agonias primitivas que possam comprometer sua formação psíquica. Nesse sentido, a atenção dispensada aos bebês é fundamental para a formação de um ego integrado e para o fortalecimento do sentimento de existência própria. No caso de gêmeos, a tarefa materna se torna ainda mais complexa, uma vez que a mãe precisa dividir sua atenção entre dois bebês com necessidades e personalidades distintas. Esse fator pode intensificar o estresse materno e comprometer a capacidade de oferecer um cuidado suficientemente bom para cada filho. Para Winnicott (1964, p. 157), o envolvimento parental é essencial no desenvolvimento emocional do bebê e, quando insuficiente, pode gerar problemas que dificultam a individualização dos gêmeos. Dessa forma, a atenção simultânea e a dificuldade de reconhecer as particularidades de cada criança podem gerar sentimentos de culpa e exaustão na mãe. Nesse sentido, o autor (Winnicott, 1964, p. 158) ressalta a dificuldade de a mãe de gêmeos pelo fato de não conseguir atender a dois bebês ao mesmo tempo. Além dos desafios intrínsecos à gemelaridade, aspectos sociais, culturais e econômicos também desempenham um papel relevante na experiência da maternidade de gêmeos. No Brasil, o período de licença-maternidade de até 120 dias pode ser insuficiente para que a mãe estabeleça um vínculo seguro com cada bebê e compreenda suas necessidades individuais. Ademais, a estrutura familiar tradicional ainda coloca a responsabilidade do cuidado infantil predominantemente sobre a mulher, tornando a sobrecarga materna uma realidade frequente. A ausência ou baixa participação do pai nos cuidados iniciais pode intensificar o desgaste emocional da mãe e comprometer a qualidade da relação materno-infantil. O presente estudo teve como objetivo descrever e analisar fatos clínicos do atendimento a uma mãe de gêmeos, considerando as especificidades da

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



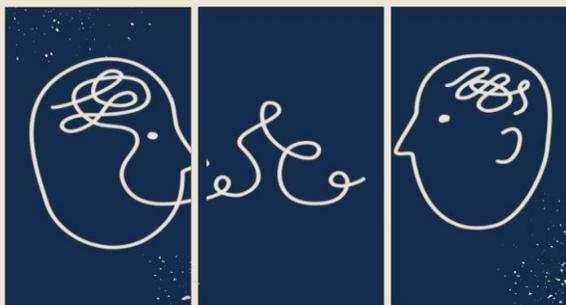
20.03
21.03

2025

relação materno-filial e as dificuldades impostas pela gemelaridade. O qual foi realizado no contexto de um projeto de pesquisa em uma universidade pública do sul do Brasil e contou com a participação de uma mãe de gêmeos, que estavam com dois anos de idade, e seu psicoterapeuta. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da instituição, garantindo a confidencialidade das informações e a voluntariedade da participação. O acompanhamento ocorreu por meio de sessões de psicoterapia psicanalítica breve, nas quais foram registradas as falas da paciente e as impressões clínicas do terapeuta. Após as sessões de atendimento psicoterápico, foram produzidos relatórios, os quais foram submetidos a posterior análise. Os fatos clínicos ocorridos em cada sessão foram interpretados a partir dos fundamentos da psicanálise. Tendo em vista os diferentes fatos clínicos detectados nos relatórios, verificou-se que algumas vivências emocionais apresentadas pela paciente foram prevalentes. Os resultados indicaram que a mãe enfrentava uma sobrecarga emocional significativa, expressando dificuldades em lidar com as demandas simultâneas dos filhos. Considerando-se, no período em que o processo terapêutico ocorreu, seus filhos gêmeos estavam com dois anos de idade foi possível presenciar o sofrimento materno por não conseguir atender a ambos da forma que gostaria e que por isso ela o sentimento de culpa se manifestava. Entre suas principais queixas estavam a necessidade de buscar apoio para realizar tarefas cotidianas e o medo de não conseguir prover um cuidado adequado a ambos os bebês. O processo terapêutico também revelou que a paciente apresentava dificuldades em diferenciar as individualidades dos gêmeos, o que gerava insegurança quanto à sua capacidade de oferecer um ambiente suficientemente bom para ambos. Além da demanda simultânea dos gêmeos, outro fator identificado como contribuinte para a sobrecarga materna foi a falta de envolvimento do cônjuge nas responsabilidades parentais. A ausência de um suporte efetivo do pai não apenas aumentou a carga de trabalho da

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

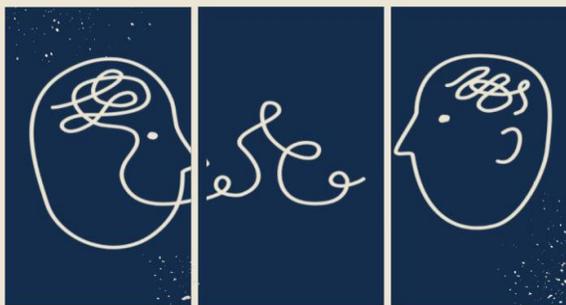
2025

mãe, como também impactou negativamente sua saúde emocional. Esse achado reforça a importância da participação paterna nos cuidados à prole e a necessidade de promover uma distribuição mais equitativa das tarefas parentais. O papel da mãe e as responsabilidades a ela impostas são fatores centrais a serem discutidos, especialmente considerando as exigências emocionais e práticas do cuidado de dois bebês simultaneamente. É essencial instrumentalizar as mães de gêmeos para que possam lidar com os desafios da maternidade múltipla de forma mais equilibrada, minimizando os riscos de exaustão emocional e desgaste psíquico. A literatura psicanalítica, representada por Winnicott e outros teóricos, oferece subsídios valiosos para compreender os impactos emocionais da gemelaridade. A relação entre mãe e filhos, bem como a dinâmica do casal parental, são aspectos que merecem atenção, pois influenciam diretamente no desenvolvimento dos gêmeos. Dessa forma, é fundamental que políticas públicas e redes de apoio sejam fortalecidas para oferecer suporte adequado às mães de gêmeos, garantindo melhores condições para o desenvolvimento saudável das crianças e o bem-estar materno. Os achados desta pesquisa destacam a necessidade de aprofundar os estudos sobre a gemelaridade e suas implicações na dinâmica familiar. Conclui-se, portanto, que a maternidade de gêmeos demanda uma compreensão aprofundada dos desafios enfrentados pelas mães e das implicações emocionais dessa experiência. O suporte psicoterápico pode ser uma ferramenta fundamental para auxiliar essas mulheres a lidarem com suas angústias e inseguranças, promovendo um ambiente mais saudável para seus filhos. Dessa forma, espera-se que este estudo contribua para ampliar o debate sobre a maternidade de gêmeos e inspire novas pesquisas voltadas para esse tema ainda pouco explorado na literatura psicanalítica.

AGRADECIMENTOS

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

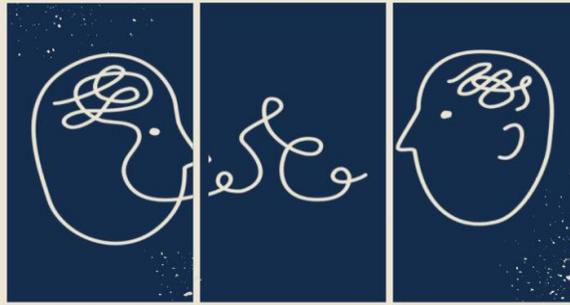
Reconhece-se à Universidade Estadual de Londrina e à Fundação Araucária, cujo financiamento foi essencial para o progresso e realização desta pesquisa científica.

REFERÊNCIA

WINNICOTT, Donald (1964). **A criança e seu mundo: Gêmeos**. 5ª ed. Rio de Janeiro:Zahar, 1982.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

DOR CRÔNICA, CORPO E SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICANÁLISE

Giuliano Almeida Gallindo¹

Leandro Anselmo Todesqui Tavares²

RESUMO

Palavras-chave: *Dor crônica; corpo pulsional; compulsão a repetição; psicanálise; pós-modernidade.*

A dor crônica ultrapassa aspectos visíveis e se inscreve no sujeito, afetando-o em diferentes camadas da sua vida pessoal e social. Tomada esta consideração, este estudo parte de uma pesquisa de mestrado acerca das dores crônicas como experiências de mal-estar e investiga a relação entre dor, corpo e psiquismo, refletindo sobre os mecanismos inconscientes que impactam a experiência dolorosa e suas consequências na vida psíquica do sujeito, tomando a psicanálise como práxis, utilizando da teoria freudiana e autores correlatos busca analisar a singularidade da experiência da dor crônica no dinamismo psíquico.

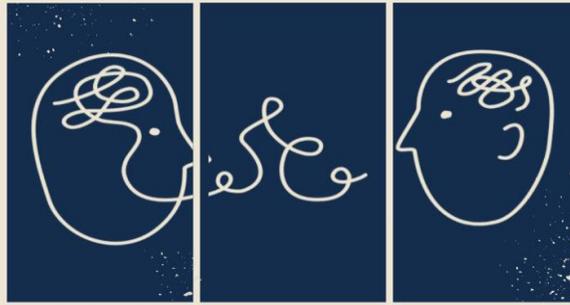
A dor é considerada crônica devido à sua persistência temporal, podendo também ser recorrente, impactando o sujeito em aspectos psíquicos e sociais (Raja et al, 2020). Os processos inconscientes, formados a partir das interações do sujeito com o mundo de forma geral, compõem a singularidade de cada pessoa, moldando aquilo

¹ Psicólogo/Mestrando em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina, giuliano.gallindo@uel.br;

² Psicólogo/Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista, leandro.todesqui@uel.br;

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

que a psicanálise entende por subjetividade. Freud (1923/2011) afirma que "o Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície" (Freud, 1923/2011, p. 24), destacando que a experiência subjetiva é indissociável da vivência corporal. Dessa forma, a dor crônica, ao ultrapassar a dimensão física, inscreve-se na subjetividade, influenciando a forma como o sujeito se percebe e se relaciona com os outros. Nesse contexto, a dor torna-se algo que carrega múltiplos sentidos, conectando-se com experiências inconscientes diversas. Freud (1930/2010) aponta que:

O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com outros seres humanos (Freud, 1930/2010, p. 31).

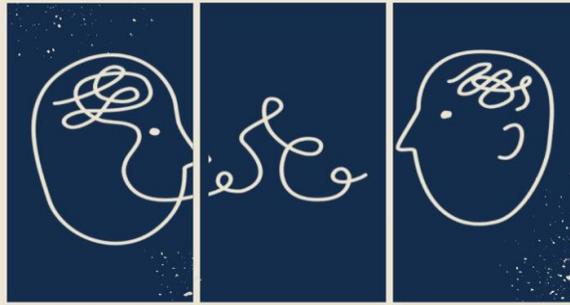
Desta forma, o autor indica que a dor não é apenas um fenômeno biológico, mas também um efeito das dinâmicas psíquicas. Assim, a dor crônica pode funcionar como interlocutora do sofrimento emocional e como uma via de expressão do sujeito.

A compreensão psicanalítica do corpo vai além de sua materialidade física, reconhecendo nele a presença do "instinto"³ e das marcas do inconsciente. Freud (1915/2010a) conceitua o instinto como "o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo" (Freud, 1915/2010a, p. 42), indicando que o corpo não é apenas biológico, mas um corpo pulsional, atravessado por processos inconscientes. Essa teoria é apresentada em *Três Ensaio sobre a Teoria da*

³ O termo alemão *trieb* utilizado por Freud não encontra sua tradução literal no Português do Brasil, com isso alguns tradutores utilizam "instinto" e outros "pulsão" para se referir a mesma expressão nos textos de Freud. A tradução publicada pela Editora Cia. das Letras, Obras Completas, manteve a escolha feita pela primeira versão publicada no Brasil através da ed. Imago com o termo "instinto", nesse trabalho utilizamos esse termo nas citações literais, e seguiremos com o termo "pulsão" no corpo do texto, referindo-se sempre ao mesmo conceito Freudiano.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Sexualidade (Freud, 1905/2016), onde ele descreve como o corpo se organiza a partir das zonas erógenas e do investimento pulsional, sendo essas marcas fundamentais para a constituição do sujeito. A dor crônica, pode emergir como uma manifestação sintomática em um corpo que sofre os efeitos de processos psíquicos recalçados, carregando significados inconscientes que remetem à história pulsional do sujeito.

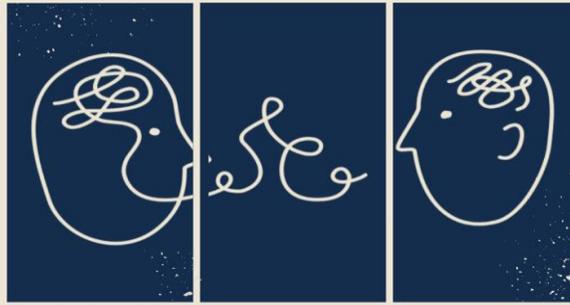
Para Juan-David Nasio (2007), a dor não é apenas um fenômeno físico, mas uma experiência subjetiva atravessada pela estrutura psíquica do sujeito. O autor nos diz que a dor não é apenas sentida, ela é elaborada e significada pelo inconsciente, destacando que a dor pode se tornar um canal de expressão de conflitos psíquicos que não encontram outra via de simbolização. Assim, a dor crônica pode se configurar como um modo de inscrição da pulsão no corpo, revelando o impacto do recalque e das formações sintomáticas na vida psíquica do sujeito.

No contexto da modernidade líquida, conceito desenvolvido por Zygmunt Bauman (2000) e resgatado por Joel Birman em diversas publicações, os sujeitos experienciam uma instabilidade constante nas relações e nos sentidos atribuídos às suas experiências. A fragilidade dos vínculos simbólicos e a ênfase no imediatismo da satisfação contribuem para o deslocamento da angústia para o corpo. Birman (2001), em *O Mal-Estar na Atualidade*, argumenta que a subjetividade contemporânea é marcada por um aumento da vulnerabilidade psíquica, resultado das transformações sociais que enfraquecem as referências simbólicas e intensificam a incidência do sofrimento no corpo. Essa lógica se intensifica na hipermodernidade, termo desenvolvido por Gilles Lipovetsky (2004), em que o hedonismo, o hiperconsumo e a busca incessante pela performance corporal criam novas formas de mal-estar.

Se na modernidade havia a busca pelo equilíbrio entre a repressão e o desejo, como aponta Freud (1930/2010) em *O Mal-estar na Civilização*, na hipermodernidade observa-se um paradoxo: há uma exigência pela felicidade, pelo prazer imediato e

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

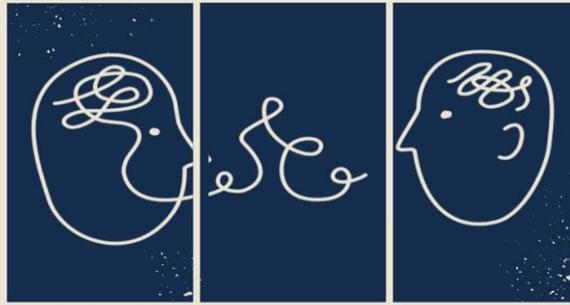
2025

pela eficiência, ao mesmo tempo que o sujeito se vê angustiado diante da impossibilidade de sustentar esse ideal. Freud destaca que "o homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança" (1930/2010, p. 82), e demonstra que a civilização de modo geral impõe restrições às pulsões, gerando mal-estar no sujeito. No contexto hipermoderno, onde o excesso de liberdade aparente esconde novas formas de controle e sofrimento psíquico, a dor crônica pode emergir como um sintoma do corpo que resiste a essa lógica, tornando-se um canal de expressão do mal-estar contemporâneo. Ela pode funcionar como uma repetição inconsciente de vivências anteriores de sofrimento, sendo uma tentativa de elaboração que falha em encontrar uma via simbólica. Freud (1914/2010b) observa que "o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber o que faz" (Freud, 1914/2010b, p. 149), indicando que o sofrimento psíquico pode se reinscrever em determinado conteúdo psíquico, mesmo sem a lembrança consciente da experiência traumática inicial.

Laplanche (1992) em "Novos Fundamentos para a Psicanálise" diz que a "a pulsão é realmente a força própria das representações quando estas se encontram colocadas num certo estatuto isolado, separado, que é o estatuto do recalcado e do inconsciente originário" (Laplanche, 1992, p. 150). O autor faz alusão ao texto "Os Instintos e seus Destinos, Freud, 1915", onde os elementos da pulsão "aparecem em quatro: a fonte, o objeto, a meta e a pressão" (Laplanche, 1992, p.151). O autor propõe que pulsão recebe pressão "pela diferença entre o que é simbolizável e o que não o é nas mensagens enigmáticas originárias" (Laplanche, 1992, p. 152). Deste modo, a dor crônica, pode significar uma repetição que tenta elaborar, mas não consegue simbolizar uma experiência de sofrimento ainda não processada. Ela pode apresentar-se como um ciclo que refaz constantemente o sofrimento, mas que não alcança a

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

elaboração simbólica necessária para sua superação. Assim, ela se mostra como uma repetição psíquica, um corpo que expressa o que a mente ainda não conseguiu resolver simbolicamente.

Este estudo explorou teoricamente a dor crônica sob a ótica psicanalítica, destacando sua relação intrínseca com a subjetividade e o corpo pulsional. Ao abordar a dor como um fenômeno que ultrapassa os aspectos físicos e se engendra no psiquismo, foi possível compreender como ela se inscreve nas dinâmicas inconscientes do sujeito, funcionando não apenas como um sintoma, mas também como uma manifestação de processos não elaborados. A partir de Freud, Laplanche e Nasio, foi possível evidenciar que a dor crônica não se resume ao sofrimento biológico, mas é resultado de uma interação complexa entre o corpo e a mente, onde as pulsões e os mecanismos inconscientes desempenham um papel crucial. Além disso, a sociedade contemporânea, caracterizada pela fragilidade das relações e pela aceleração das demandas sociais, tem favorecido o deslocamento da angústia para o corpo, tornando a dor uma via para a expressão de mal-estares psíquicos. A compulsão à repetição, nesse sentido, não se apresenta apenas como um retorno ao passado, mas como um ciclo de tentativa de resolução que falha em encontrar a via simbólica para a superação do sofrimento.

AGRADECIMENTOS

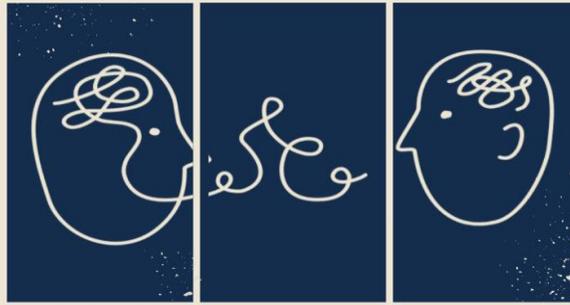
À Universidade Estadual de Londrina.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Birman, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 304 p. ISBN:

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

852000492X.

Disponível

em:

<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v11n20/v11n20a13.pdf>. Acesso 08 de fevereiro de 2025

Freud, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. 18. Texto original publicado em 1930-1936.

Freud, S. **Os instintos e seus destinos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 12. Texto original publicado em 1915.

Freud, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre a técnicas e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Vol. 10. Texto original publicado em 1914.

Freud, S. **O Eu e o Id**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Vol. 16. Texto original publicado em 1923.

Freud, S. **Inibição, sintoma e angústia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Vol. 17. Texto original publicado em 1926.

Freud, S. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Vol. 6. Texto original publicado em 1905.

Laplanche, J. **Novos Fundamentos para a Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

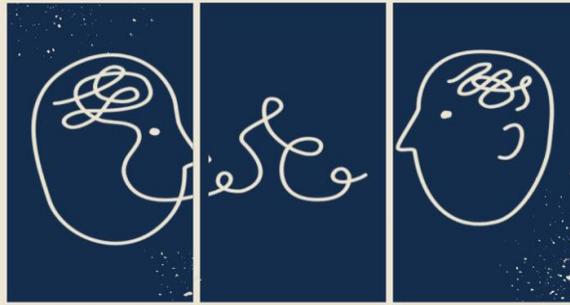
Lipovetsky, G. & Charles, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

Nasio, J.-D. **O Livro da Dor e do Amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Raja, S.N; Carr, D.B; Cohen, M; Finnerup, N.B; Flor, H; Gibson, S; Keefe, F.J; Mogil, J.S; Ringkamp, M; Sluka, K.A; Song, X.J; Stevens, B; Sullivan, M.D; Tutelman, P.R & Ushida, T. Vader, K (2020) **The revised International Association for the Study of Pain definition of pain: concepts, challenges, and compromises**.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



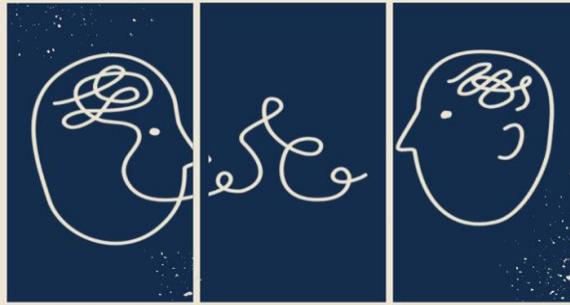
20.03
21.03

2025

Pain. 2020 Sep 1;161(9):1976-1982. Recuperado de doi:
10.1097/j.pain.0000000000001939. PMID: 32694387; PMCID: PMC7680716.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

GRUPOS POLÍTICOS E SUBJETIVAÇÃO: O SUJEITO NO COLETIVO PÓS-MODERNO

Estella Faustino Neves¹

Maíra Bonafé Sei²

RESUMO

Palavras-chave: *dispositivos de subjetivação; psicanálise; participação política; coletivo; radicalização ideológica.*

A participação política em grupos ideológicos, sejam eles de esquerda, direita ou centro, desempenha um papel importante na constituição subjetiva dos indivíduos na modernidade. Essa realidade pode ser compreendida como um dispositivo de subjetivação, conceito descrito por Michel Foucault que faz menção à um conjunto heterogêneo (instituições, leis, medidas administrativas, postulados científicos, etc) capaz de moldar a constituição e organização social dos sujeitos, interferindo, guiando e controlando suas condutas, opiniões e discursos (Ribeiro; Coelho, 2020).

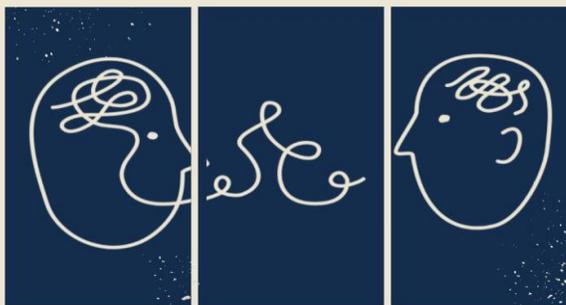
Para além de um caráter opinativo, compreende-se que esse fenômeno adentra dimensões psíquicas e simbólicas, que frequentemente resulta em um sentimento de vinculação indissolúvel, no qual os limites entre o “eu” e o objeto político – seja um partido, ideologia ou figura de liderança – quase desaparecem. Essa realidade,

¹ Discente do 3º ano de Psicologia; UniFil, estella.nevess@gmail.com;

² Pós-doutorado em Psicologia Clínica; Professora Associada e Orientadora do PPGPSI-UEL; Universidade Estadual de Londrina, mairabonafe@uel.br;

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

marcada pela intransigência e pela rejeição de perspectivas alternativas, pode ser analisada por um viés psicanalítico, especialmente a partir de “O Mal-Estar na Civilização” (Freud, 1929/1930).

Freud aponta que o viver em sociedade conduz a um conflito entre os desejos instintivos e as normas sociais, gerando um "mal-estar" difícil de ser ultrapassado pelo sujeito. Para lidar com essa tensão, o indivíduo busca amparo em diversas estruturas que podem oferecer alívio. No contexto político, as ideologias e partidos oferecem não apenas pertencimento, mas também uma promessa ilusória de completude e resolução de conflitos internos.

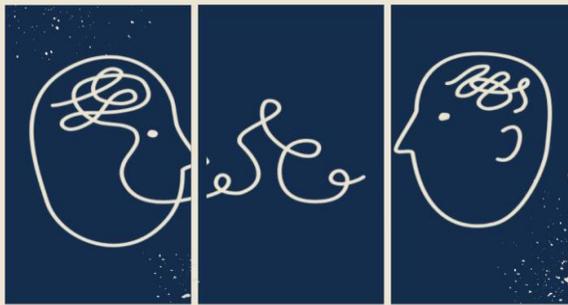
Assim, essa pesquisa tem como objetivo analisar a participação política como um dispositivo de subjetivação, apta a explorar suas implicações na autonomia crítica, no psiquismo e na dinâmica social de uma pessoa. Considerando o cenário de polarização política no qual estamos inseridos, a relevância da temática reside na quebra de paradigmas e na adoção de uma análise crítica a respeito da repetição, acúmulo e transformação gerados por esse dispositivo.

A metodologia utilizada fundamenta-se na revisão bibliográfica integrativa. O desenvolvimento do trabalho teve início com a definição do objeto de estudo, orientado pela problemática central: como o envolvimento em grupos políticos se relaciona à subjetividade e quais são as motivações e impactos psíquico-sociais para o indivíduo?

Para isso, foram utilizados textos freudianos, como “O Mal-Estar na Civilização” e “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, além de estudos de Gimenes (2022) e Ribeiro e Coelho (2020). Ademais, o trabalho incluiu fenômenos contemporâneos, como o fanatismo político, a fim de abordar o modo com que os indivíduos são afetados e afetam o tecido social.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

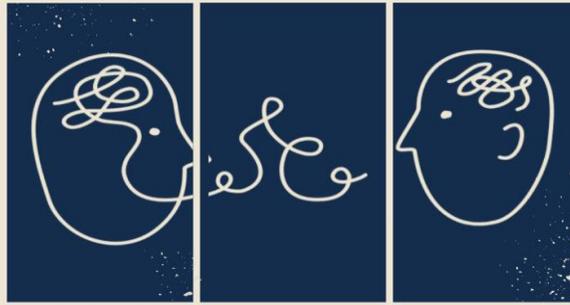
Ao descrever a natureza de um dispositivo, Foucault utiliza o termo "mecanismo positivo" para caracterizá-lo (Foucault apud Gimenes, 2022). Assim, dispositivos de subjetivação não possuem, em essência, um caráter negativo. No entanto, por serem imanentes às relações estratégicas de poder, podem levar à uma subjetivação desfavorável e danosa tanto para o indivíduo quanto para o meio em que ele está inserido. Com base nessa questão, surge o questionamento de como um dispositivo inicialmente predisposto ao positivo pode assumir uma dinâmica negativa. Essa compreensão se torna possível ao analisarmos o assunto a partir de conceitos psicanalíticos.

Conforme introduzido, Freud identifica um mal-estar inerente à vida em sociedade, o qual o sujeito busca mitigar. Ele afirma que “a vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis (...) daí, portanto, o uso de métodos que devem instigar as pessoas a estabelecer identificações e relações amorosas inibidas em sua meta (...)” (Freud, 1929/1930). Nesse sentido, o engajamento em grupos políticos se configura como uma dessas alternativas. Ele oferece, para além do alívio da angústia psíquica, um sentimento de totalidade, decorrente de seu funcionamento como um sistema de doutrinas e promessas que soluciona as interrogações, garante providência e compensa as frustrações provenientes da existência.

Contudo, o refúgio na esfera política pode ultrapassar uma mera identificação e, por via regressiva, se tornar o substituto para uma “ligação objetal libidínica”, por meio da introjeção do objeto no Eu. Freud denomina esse processo de "enamoramento". Nesse estado, o objeto (no caso, político) é tratado como o próprio Eu, e a libido narcísica do sujeito é transposta para ele. O objeto assume o lugar do Ideal do Eu, como ilustrado pelo próprio autor:

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

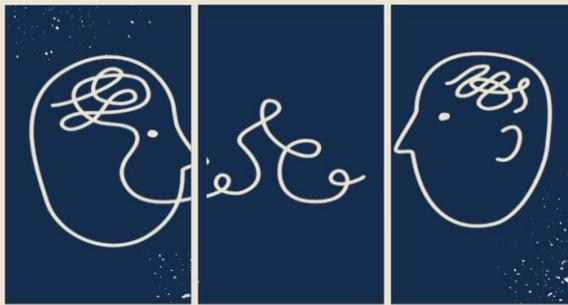
“Em não poucas formas da escolha amorosa torna-se mesmo evidente que o objeto serve para substituir um ideal não alcançado do próprio Eu. Ele é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo.” (Freud, 1920/1923).

Essa dinâmica explica como os indivíduos podem se vincular de forma intensa e incondicional a projetos políticos, abdicando da autonomia crítica em prol de um sentimento de compensação imaginária para os sofrimentos psíquicos. Como Freud pontua, a crítica exercida pelo Ideal do Eu é silenciada, e tudo o que o grupo político faz ou pede é visto como justo e irrepreensível. À medida que o objeto político se torna mais sublime, o sujeito se diminui, ao passo que o auto sacrifício deste é natural. A identificação com o grupo também favorece a adesão às normas e ao discurso coletivo, reforçando a coesão interna e suprimindo a individualidade. Em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, Freud compara esse fenômeno ao estado de hipnose, sugerindo ocorrer um evanescimento do discernimento e da vontade, predominância do inconsciente e uma tendência em transformar imediatamente ideias sugeridas em atos, indo rapidamente a extremos. Esse estado acarreta em radicalização, rejeição ao diálogo e intolerância a opiniões divergentes, características de um engajamento político descontrolado.

O conceito de "narcisismo das pequenas diferenças" aborda essa particularidade, uma vez que descreve a hostilidade direcionada a pessoas que não fazem parte de determinado grupo. Trata-se do alcance de satisfação através da agressividade contra um grupo divergente, entendendo que, dessa forma, a coesão entre os membros da comunidade é fortalecida: “é sempre possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (Freud, 1929/1930). No cenário em que se discute, essa atitude consolida a polarização e o fanatismo político.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

A polarização também está associada à maneira como as massas operam. Freud observa que, ao integrar uma massa, o indivíduo experimenta uma "transformação profunda de sua atividade anímica", na qual "a afetividade é extraordinariamente intensificada, e a capacidade intelectual claramente diminuída" (Freud, 1929/1930). A identidade do indivíduo é, então, nivelada com a dos demais integrantes, levando à supressão de inibições instintivas e à renúncia de sua singularidade. Como resultado, o sujeito se torna altamente sugestível, adotando ideais e condutas do grupo como suas.

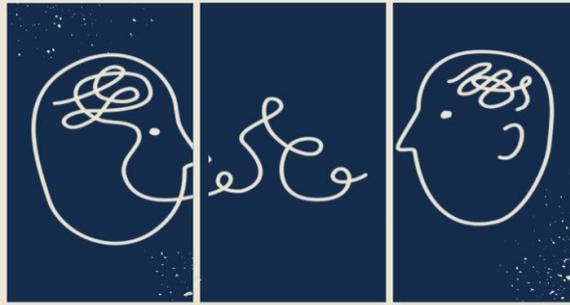
Com base nos processos analisados, é evidente que, ao introjetar os valores, crenças e discursos de um grupo político, o sujeito reorganiza sua identidade em torno desse objeto coletivo. Sendo assim, a participação política atua como um dispositivo de subjetivação, na medida em que apresenta discursos, documentos e um modelo determinista para a existência humana, além de reinventar-se nas relações sociais (Ribeiro; Coelho, 2020).

A busca pela "verdade da política" e pela "verdade que a política pode revelar sobre o sujeito" mobiliza procedimentos de produção de verdade que moldam identidades e comportamentos por meio de narrativas que prometem sentido, liberdade e plenitude. Assim como Foucault (1983) descreve no dispositivo da sexualidade, as dinâmicas políticas combinam técnicas de individualização e práticas totalizantes, criando um exercício de poder que, ao mesmo tempo, submete e subjetiva. Nesse contexto, a adesão às verdades ideológicas é atravessada por uma promessa de superação do mal-estar e de satisfação irrestrita de todas as necessidades, mas na maioria das vezes reforça a vinculação ao grupo e a subjugação às suas narrativas.

Portanto, a análise realizada permitiu compreender a participação política como um dispositivo de subjetivação que opera na interface entre os processos psíquicos e as dinâmicas sociais. O estudo evidenciou como o engajamento político pode tanto

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

oferecer alívio para o mal-estar advindo da vida coletiva quanto desencadear processos de identificação exacerbados que prejudicam a autonomia crítica e favorecem a radicalização. Isso revela a potência dessa estrutura em moldar identidades.

Compreender esses mecanismos à luz da psicanálise e da teoria crítica pode ajudar na criação de formas mais equilibradas de engajamento político, capazes de responder aos desafios da sociedade pós-moderna. Assim, o estudo alcança seu objetivo ao oferecer uma análise crítica e interdisciplinar do fenômeno, contribuindo para ampliar o entendimento sobre as interseções entre subjetividade, política e sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual de Londrina e à Liga Acadêmica de Psicanálise pela oportunidade, suporte e recursos essenciais durante a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

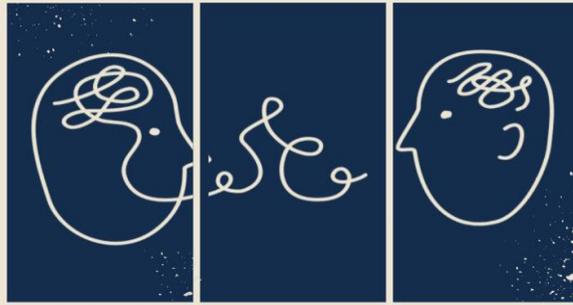
FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)**. Tradução: Paulo César de Souza. Obras Completas Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução: Paulo César de Souza. Obras Completas Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIMENES, Gabriel de Freitas. Dispositivo e Subjetividade. **Revista Polis e Psique**, v. 12, n. 3, p. 6-25, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/123820>. Acesso em: 28 jan. 2025.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

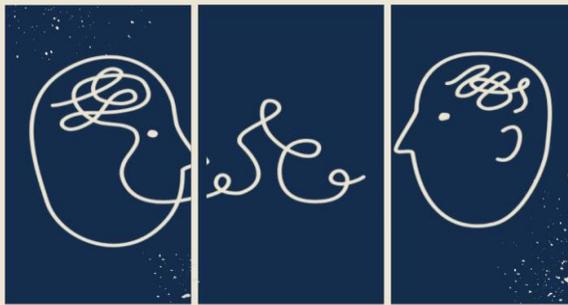
2025

RIBEIRO, Maycon Douglas Silva; COELHO, Gilson Gomes. O dispositivo em Michel Foucault: uma revisão de literatura a partir dos estudos de gênero e sexualidade. **Revista da sociedade de psicologia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 58-64, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/184/198>.

Acesso em: 28 jan. 2025.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

O GRUPO DE ACOLHIMENTO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO DISPOSITIVO DE SUBJETIVAÇÃO: COMO ABORDAR O SOFRIMENTO E A FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS NA PÓS-MODERNIDADE?

Ana Carolina de Moraes Silva¹

Lucas Ferreira Pieroni²

Catarina Kuvasney Lima³

Pablo de Carvalho Godoy Castanho⁴

RESUMO

Palavras-chave: *acolhimento; grupo aberto; intersubjetividade; serviço-escola de Psicologia; saúde mental.*

A vivência na pós-modernidade é permeada pelo sentimento de urgência, desempenho e produtividade, em um cenário que preza o individualismo e a busca por prazer ilimitado (FURTADO; SZAPIRO, 2015). Nesse contexto, encontramos na prática clínica, sujeitos permeados por angústias e sofrimento frente ao sentimento de não pertencer a essa lógica acelerada do cotidiano (OLIVEIRA; TRINDADE, 2015).

¹ Mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo; Universidade de São Paulo, e-mail: anacaroliamams@gmail.com;

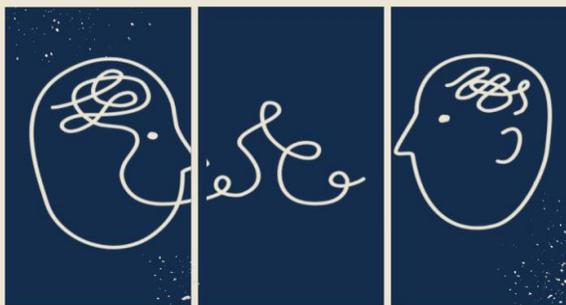
² Graduado em Psicologia pela Universidade de São Paulo; Universidade de São Paulo, e-mail: lucaspieroni20@usp.br;

³ Mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo; Universidade de São Paulo, e-mail: catarinak199@usp.br;

⁴ Professor Associado do departamento de Psicologia Clínica (PSC) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP); Universidade de São Paulo, e-mail: pablo.castanho@usp.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



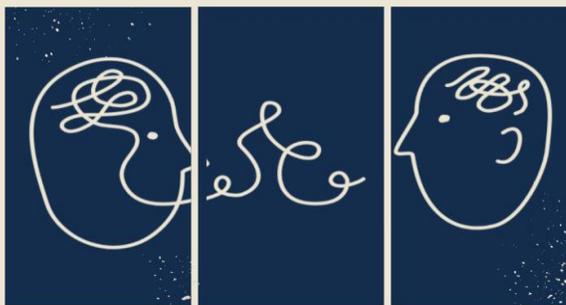
20.03
21.03

2025

Diante da fragilidade dos vínculos na pós-modernidade, este trabalho visa discorrer acerca das possibilidades de uma intervenção em grupo aberto à comunidade de um serviço-escola de Psicologia na capital de São Paulo, refletindo sobre a potência do espaço grupal enquanto um dispositivo de subjetivação. Trata-se de um relato de experiência proveniente da realização de uma intervenção em grupo aberto, denominado de Grupo de Acolhimento, em uma universidade pública, durante o ano de 2024. Este serviço funciona como campo de estágio supervisionado da graduação em Psicologia desde 2017, tendo se desenvolvido enquanto uma alternativa de pronto acesso a suporte psicológico para pessoas maiores de 18 anos. Os encontros ocorrem semanalmente, de modo presencial, com 1 hora e trinta minutos de duração, não sendo necessária inscrição prévia, além de cada sujeito poder participar quantas vezes desejar. Enquanto aporte teórico e metodológico pauta-se nos grupos operativos de aprendizagem, proposto por Pichon-Rivière (1983), e no referencial da psicanálise de grupos, tendo como base os trabalhos desenvolvidos por René Käs (2011) e Pablo Castanho (2018). Em cada sessão é utilizada uma mediação no momento de abertura e fechamento. Ao iniciarmos o grupo, é anunciada a tarefa, que consiste em “conversar sobre como vocês têm se sentido”. Em seguida, explica-se que a sessão se dará em três momentos. Primeiramente, realiza-se uma breve apresentação de como cada sujeito chega ao grupo, sendo que é indicado que o participante se apresente de uma maneira “diferente”, por exemplo, através de uma referência cultural, uma imagem, um sonho, um movimento corporal, uma palavra, entre outros. Já no segundo momento, a partir dos elementos trazidos, passa-se a conversar livremente sobre como cada um tem se sentido. Por fim, nos minutos finais, o grupo é avisado do encerramento e convidado a partilhar, de modo semelhante ao inicial, o que levam ou o que foi marcante no encontro vivido. Percebe-se que a busca por esta intervenção é permeada, principalmente, por queixas de solidão e o desejo de estar em contato com

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



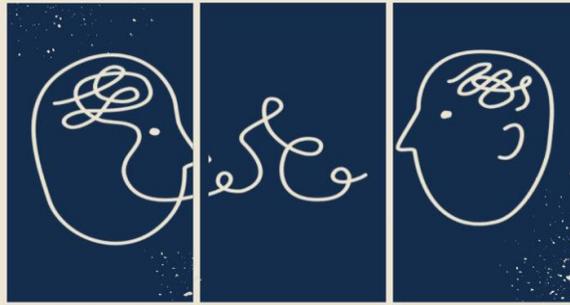
20.03
21.03

2025

outros, apesar de ser marcado pelos participantes, em contrapartida, uma dificuldade em socializar, muitas vezes, sendo carregado rótulos de transtornos mentais. Percebe-se que o diagnóstico interfere na maneira como cada indivíduo se percebe e se relaciona com os pares, apontando para uma nova forma de subjetivação (FREITAS; REUTER, 2021). No Grupo de Acolhimento é comum circular o receio em torno da busca por apoio psicológico, o que perpassa o medo de “estar ficando louco”. Com isso, percebe-se um sofrimento perante um mandato de normalidade, sendo que neste espaço é possível refletir e transformar o discurso normativo do que seria um sujeito “sem conflitos”, e que, em tese, não precisaria de um suporte profissional. Neste sentido, também é possível colocar em trabalho a dificuldade de se deparar com o sofrimento e a diferença do outro. Além disso, é importante destacar que apesar de se tratar de uma proposta aberta e em certos momentos aparecer no discurso receios de quem pode adentrar nesse espaço, foi possível, por meio de um enquadre bem delimitado e da regra do sigilo, instaurar um espaço de confiança e compartilhamento. Diante disso, surgiram no grupo diversos assuntos tidos enquanto tabus que costumam ser silenciados em nossa sociedade, como: suicídio, conflitos parentais, tendo sido possível aparecer sentimentos de raiva e frustração, assim como dificuldades perante o machismo e o feminismo. Frente às questões de gênero, apresenta-se um recorte interessante de um momento do grupo. Destaca-se que, no ano de 2024, em relação à caracterização dos participantes, tivemos um grupo heterogêneo, frequentado, em dados gerais, pelo mesmo número de homens e mulheres. Ou seja, das dez pessoas que participaram de mais de um encontro do Grupo de Acolhimento, metade delas eram mulheres. Entretanto, na maioria dos encontros do final do primeiro semestre de 2024, tivemos a participação frequente de apenas homens. Inicialmente, em um espaço majoritariamente masculino, em que apenas as terapeutas se identificavam enquanto mulheres, pode surgir as inseguranças e as dificuldades perante o feminino.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



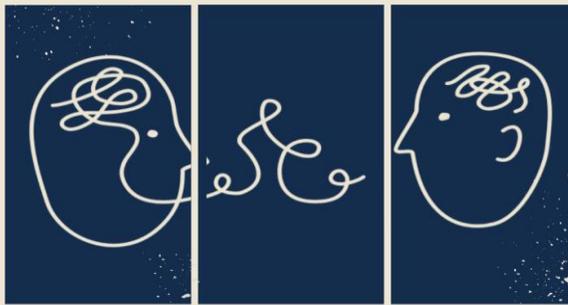
20.03
21.03

2025

Os participantes relataram o quanto se sentiam confusos com as novas normativas sociais e do quanto praticamente tudo que eles haviam aprendido dos pais havia mudado. Para Palma, Richwin e Zanello (2020, p. 128) “as relações de gênero (bem como de raça) são estruturantes dos processos de subjetivação em nosso país”. Deste modo, salienta-se um sofrimento inerente da pós-modernidade, que evidencia a perda de referências, visto que coexistem tanto aspectos de influência construídos ao longo da modernidade, quanto a dinamicidade e os novos paradigmas pós-modernos, ocasionando um profundo mal-estar (OLIVEIRA; TRINDADE, 2015). No grupo, este assunto pode circular de maneira respeitosa e acolhedora, sendo manejada a agressividade pela coordenação. Com isso, a partir do momento em que deixou de ser silenciado, foi possível ser trabalhado e, assim, transformado. Em encontros seguintes, com a presença de mulheres e indivíduos de diferentes idades, este assunto pôde voltar a ser pensado e refletido. Nos deparar com diferentes ideias sobre gênero foi extremamente rico para todos os integrantes, pois entendemos que o processo grupal é permeado por contradições, sendo esta uma das principais características da dialética pichoniana (PICHON-RIVIÈRE, 1983). A existência de contradições é o que possibilita que exista um movimento dialético, de mudança e aprendizagem. Por fim, nota-se que o dispositivo de grupo instaura um tempo outro, diferente da aceleração do cotidiano, e que compreendemos em relação a proposta de Graciela Jasiner (2008) de que se insere uma demora nos processos grupais. Em parte, isto deriva da própria estrutura do dispositivo de grupo, que implica em momentos de falar, e de escutar uns aos outros, mas o manejo da coordenação em relação ao tempo também foi fundamental para este efeito, compreendendo que falar de coisas significativas demanda seu próprio tempo, fazendo-se este convite para outro regime temporal, com respeito aos ritmos que facilitem os encontros entre emoções e palavras. Dessa forma, há uma descentralização do sujeito, permeada pela diversidade trazida pelo outro, a

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

qual é intensificada nesse contexto, visto não saber quem estará presente em cada sessão. Com isso, surge espaço para a alteridade, para se identificar ou perceber-se diferente, reconhecendo-se e fortalecendo a própria singularidade.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e à Universidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

CASTANHO, P. **Uma Introdução Psicanalítica ao Trabalho com Grupos em Instituições**. São Paulo: Linear A-barca, 2018. v. 1

FREITAS, C. D. R.; REUTER, B. Modos de subjetivação e discurso psiquiátrico: implicação e repercussão do diagnóstico psiquiátrico na construção de identidade do sujeito. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 1-11, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902021200172>

FURTADO, M. A.; SZAPIRO, A. M. Novos dispositivos de subjetivação: o mal-estar na cultura contemporânea. **Revista Polis e Psique**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 3, p. 166-185, 2015.

JASINER, G. **Coordinando Grupos**. Una lógica para los pequeños grupos. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2008.

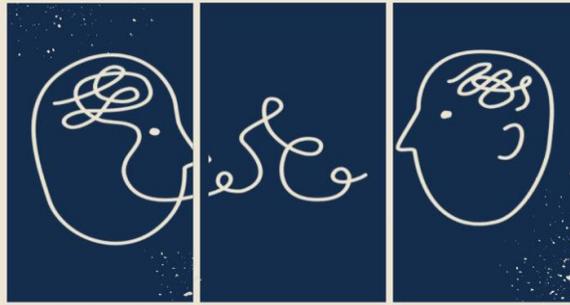
KAËS, R. **Um singular plural. A psicanálise à prova do grupo**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

OLIVEIRA, A. L.; TRINDADE, E. Apontamentos acerca da subjetividade e dos processos de subjetivação no mundo contemporâneo e suas repercussões na clínica psicoterápica. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 7, n. 1, p. 30-38, 2015.

PALMA, L.; RICHWIN, I. F.; ZANELLO, V. Dispositivos de subjetivação e sofrimento das mulheres: para uma escuta gendrada das emoções no campo da

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

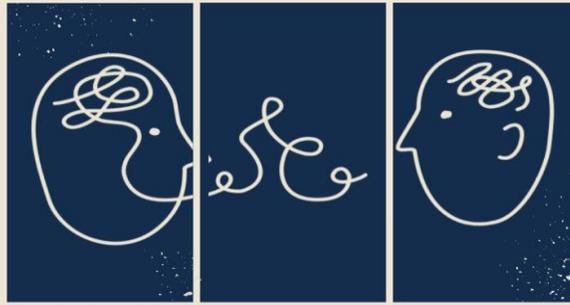
2025

psicoterapia. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 33, n. 2, p. 107-130,
2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v33n2-2020-6>

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

TRIAGEM PSICOLÓGICA NO SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA PAULISTA

Amanda Lays Monteiro Inácio¹

Ananda Kenney da Cunha Nascimento²

RESUMO

Palavras-chave: *serviço-escola; psicologia; triagem; saúde.*

O procedimento inicial do indivíduo que utiliza os serviços da clínica é a triagem. Este primeiro momento tem como função principal a coleta de dados por meio de uma escuta e acolhimento para identificar a demanda do sujeito e então dar encaminhamento para a intervenção mais adequada, quer seja por meio de atendimento individual, grupal, orientação profissional, serviço de avaliação psicológica ou outras modalidades (Silva; Oliveira; Maireno, 2019).

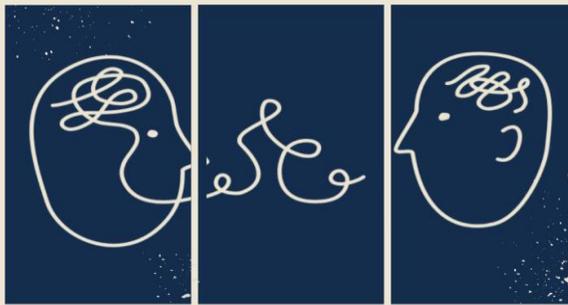
A coleta de informações a respeito do paciente ocorre mediante a técnica de entrevista, tendo o questionário semiestruturado como instrumento, o que pode ocorrer em um ou mais encontros, se necessário. Entrevistas de triagem costumam ser mais do que coleta de dados com os quais se organiza um raciocínio clínico sumário

¹ Psicóloga/Doutora em Psicologia; Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, a.inacio@unesp.br;

² Psicóloga/Doutora em Psicologia Clínica; Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, ananda.kenney@unesp.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

que vai orientar o encaminhamento. As entrevistas tomam a forma de uma intervenção breve, já que ao dar aos clientes uma oportunidade de se engajarem em seu próprio atendimento, torna-os responsáveis por suas próprias questões (Ancona-Lopez, 1995). Portanto, nota-se a importância do entrevistador proporcionar um ambiente suficientemente seguro e acolhedor para que o cliente se sinta à vontade para falar espontaneamente (McWilliams, 2014).

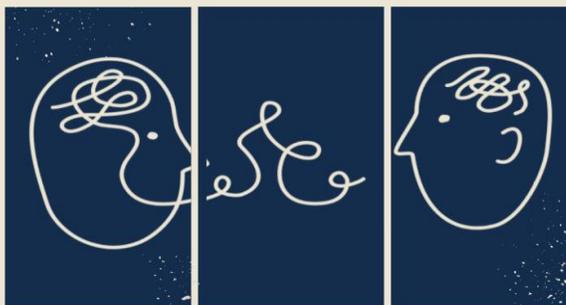
Além disso, para a clínica psicanalítica, a escuta é direcionada ao sofrimento do sujeito implicado em suas dimensões inconscientes. Desde a triagem, esta escuta se faz importante, pois só assim é possível identificar a demanda que o sujeito traz para além dos problemas manifestos, isto é, da queixa verbalizada. Entende-se queixa como sendo uma expressão oral do que o sujeito compreende como fator motivador e gerador de sofrimento que o levou a buscar a assistência psicológica (Cerioni; Herzberg, 2016).

A partir de então, cabe ao entrevistador buscar meios para identificar a demanda que está mais associada à dimensão inconsciente do sujeito por tratar-se da expressão parcial de seu desejo, considerando as expectativas dele frente ao processo analítico, considerando as especificidades de cada ciclo da vida, seja ele infanto-juvenil, adulto ou idoso (Silva; Oliveira; Maireno, 2019).

McWilliams (2014) recomenda que o entrevistador se dedique a coletar dados demográficos; informações sobre experiência prévia com psicoterapia; circunscreva os problemas atuais e historicize os inícios; dedique-se à narrativa da história pessoal e seus principais aspectos relacionados à infância – do ponto de vista psicanalítico, a ênfase na primeira infância é primordial –, adolescência, idade adulta e/ou velhice; faça apontamentos acerca do status mental, sinalizando se houver hipótese diagnóstica relacionada sintomas e quadro clínico psicopatológico; registre inferências e observações acerca da comunicação verbal e não verbal; e, por fim, questione se o

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

cliente tem algo a adicionar e indagar. Salienta-se que é possível que outros informantes sejam acionados além do cliente, o que em casos de menores de idade é obrigatório.

Após passar pelo processo de triagem, o sujeito é encaminhado para a lista de espera do serviço, no qual aguardará por um atendimento pertinente à sua necessidade, ou pode ser encaminhado a outro serviço externo, associado ou não à rede de saúde local. Vale ressaltar que o serviço em questão, quando realizado em um serviço-escola, preconiza, além da promoção do direito à saúde mental de forma gratuita a população que necessita, uma oportunidade de formação prática aos discentes do curso de Psicologia.

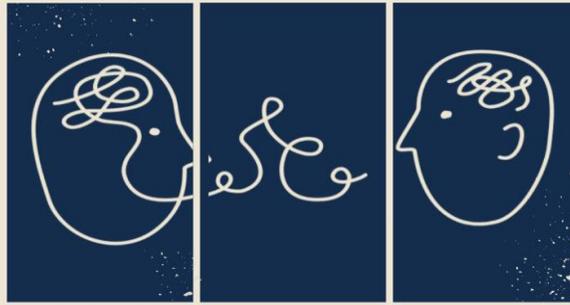
Diante desse contexto, o presente trabalho visa apresentar as possibilidades e desafios da re-implementação do serviço de triagem psicológica em um serviço-escola do curso de Psicologia de uma universidade pública paulista.

O trabalho teve início no primeiro semestre do ano de 2024 e foi desenvolvido junto ao serviço-escola na modalidade de Prestação de Serviço com atividade de extensão. Este contou com a participação de 3 docentes e 9 alunas que passaram por um processo seletivo, tendo como requisitos estar no quarto ou quinto ano do curso, apresentar o histórico escolar e uma carta de intenção e, por fim, passar por uma entrevista individual.

Antes de dar início ao serviço em questão, foi planejado um curso de extensão visando apresentar a proposta à comunidade acadêmica e, sobretudo, fornecer os recursos teóricos e práticos necessários para que as alunas iniciassem os atendimentos. As docentes também realizaram uma revisão da ficha de triagem já existente no serviço e demais folhas do prontuário, buscando aprimorar o documento de coleta de dados, o que foi aprovado pela gestão do serviço-escola.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Ao longo do ano letivo de 2024, foram registrados 287 casos triados que estão em atendimento ou foram encerrados por diferentes motivos, sendo 102 casos por desistência por parte dos pacientes e 28 identificados como abandono, que ocorre quando o paciente não aparece e nem justifica suas faltas, bem como não comunica sua desistência.

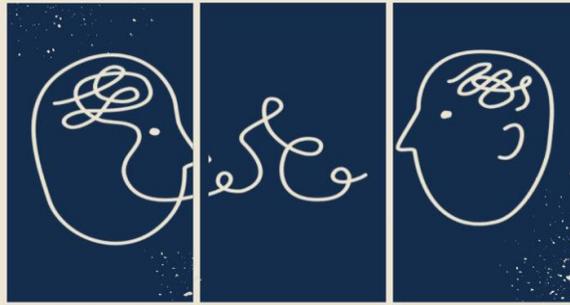
Quanto às supervisões, estas totalizaram um quantitativo de 54, nas dependências do próprio serviço-escola, em duas turmas distintas com 4 e 5 alunas, respectivamente, mediante disponibilidade de horário. A título de exemplo, algumas das demandas mais frequentes atendidas estavam vinculadas a questões familiares, violência em suas diferentes vertentes (doméstica, sexual, entre outras), uso e abuso de medicamentos e deficiências.

No que concerne aos pontos positivos da proposta, verificou-se que a reorganização dos prontuários facilitou a coleta de dados importantes sobre os usuários do serviço, auxiliando, também, na organização e análise de dados para pesquisas junto à unidade. Além disso, a triagem realizada conseguiu diminuir a fila de espera dos casos, considerando que após a atividade, diferentes encaminhamentos já eram realizados, a depender de cada demanda. As estagiárias também mencionaram como positiva a oportunidade de escuta de tantas histórias de vida, relacionando-as posteriormente com a teoria psicológica em supervisão e, ainda, a oportunidade de aprender a preencher documentos inerentes à prática profissional.

Sobre os desafios encontrados, avanta-se para o número elevado de casos em fila de espera, além da falta de incentivo institucional no que se refere a bolsas de estudo para as alunas, o que muitas vezes impossibilita um dispêndio de tempo maior para as atividades necessárias. Cabe mencionar também o número de faltas dos pacientes em fila de espera, além dos abandonos sem justificativa, o que prejudica substancialmente o cronograma de atividades estipulado considerando o

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

agendamento, atendimento e posterior supervisão para, então, realizar os encaminhamentos devidos.

Mediante os dados apresentados, pode-se concluir que o serviço de triagem psicológica cumpre os objetivos aos quais se propõe, enquanto uma oportunidade prática aos estudantes dos últimos anos na graduação em psicologia, de vivenciar e treinar a escuta dos fenômenos psicológicos nos mais diversos cenários em que estes se apresentam com demandas de crianças, adolescentes, adultos e idosos. Além disso, oportuniza o encontro da universidade pública com a comunidade, trazendo benefícios importantes para este último.

As dificuldades e possibilidades do serviço são mencionadas, visando aprimorá-lo ao longo dos anos, haja vista que se trata de uma atividade que teve início em 2024 e, em seu primeiro ano, já abarcou um número de pessoas muito elevado. Finalmente, nota-se que a re-implementação do serviço e a sua continuidade trazem benefícios importantes aos setores da universidade, como o serviço-escola, os estudantes, mas também para a população que faz uso do dispositivo enquanto agente de promoção de saúde mental e tratamento de sofrimento psíquico.

AGRADECIMENTOS

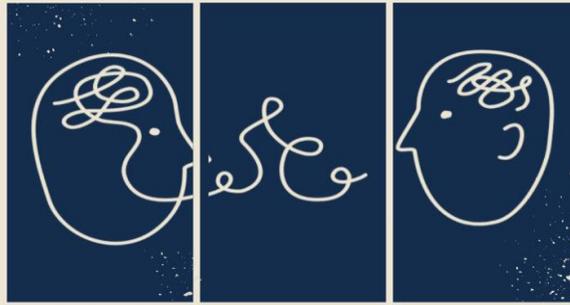
À Universidade Estadual de Londrina, pela oportunidade e à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Assis pelo incentivo.

REFERÊNCIAS

ANCONA-LOPES, M. **Psicodiagnóstico: Processo de Intervenção**. São Paulo: Cortez, 1995.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

CERIONI, R. A. N.; HERZBERG, E. Triagem psicológica: da escuta das expectativas à formulação do desejo. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 19-29, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v18n3p19-29><http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v18n3p19-29>. Acesso em 23 fev. 2025.

MCWILLIAMS, N. **Diagnóstico psicanalítico**: entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

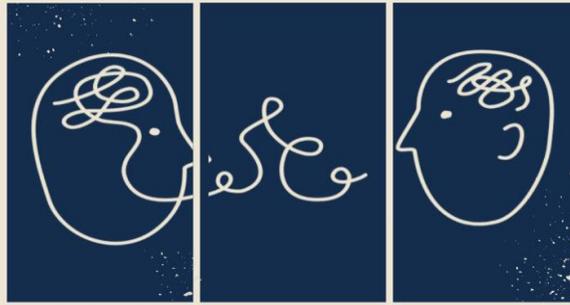
SILVA, A. C. M. *et al.* Incidência da escuta psicanalítica no processo de triagem no âmbito do serviço-escola de psicologia: um relato de experiência.

Revista Brasileira de Psicoterapia (Online), Porto Alegre, v. 21, n. 3, p.

77-91, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1223740>. Acesso em 23 fev. 2025.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



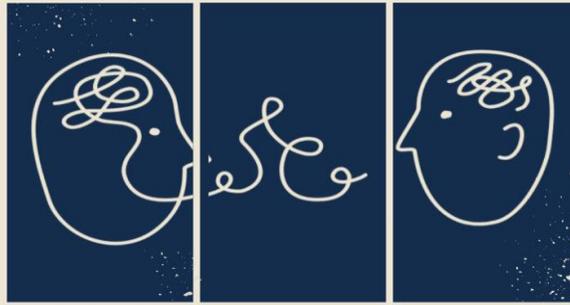
20.03
21.03

2025

EIXO 3: ARTE, SUBJETIVIDADE E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

PARA ALÉM DO “ARABESQUE”: O PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA CLÁSSICA COMO POSSIBILIDADE DE EXPRESSÃO DO VERDADEIRO SELF

Raphael Edson Dutra ¹

Maíra Bonafé Sei²

RESUMO

Palavras-chave: *Criatividade; Winnicott; Dança; Processos de criação; Arte.*

A criação é um aspecto essencial da experiência de vida de qualquer pessoa. No entanto, para os artistas - neste caso, especificamente os bailarinos - o ato de criar envolve diferentes formas de comunicação, percebidas como uma necessidade inerente à sua personalidade. Trata-se de um diálogo complexo, mas sensível, entre o artista, sua vida psíquica, suas potencialidades criativas, sua técnica e a interação receptiva (ou não) dos membros da plateia, envolvendo seus modos afetivos de experienciar a arte e a própria vida (OSTROWER, 1996).

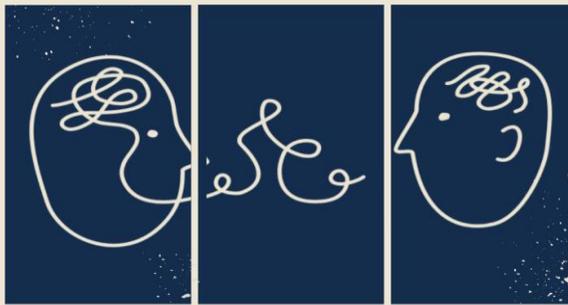
A criação envolve a construção poética, sob a qual duas operações são significativas: por um lado, “as relações entre as causas formal, material, motriz e, de outro, evidencia os caminhos de criação, as trajetórias da mente, regidos pela postura e pelo significado por ele pretendidos através do seu estilo pessoal e cultural”

¹ Graduado em Psicologia (UNIFAMMA); Mestre em Psicologia (UEL), Doutorando em Psicologia (UEL); Universidade Estadual de Londrina, raphaeledson15@gmail.com.

² Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pelo IP-USP; Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, mairabonafe@gmail.com.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

(TAVARES, 2011, p. 47). Os componentes essenciais para o experienciar do processo criativo do artista, neste caso, são a sensibilidade, o domínio técnico e inteligível, o corpo, as experiências individuais, o ambiente e o momento histórico coletivo e, em linhas poéticas, a paixão do artista.

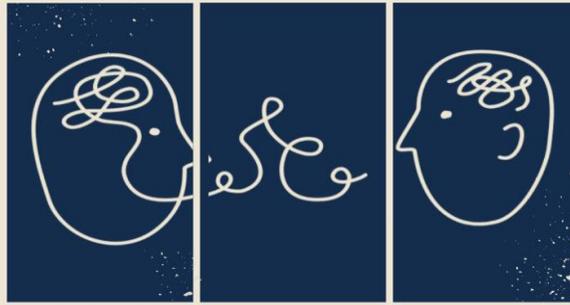
Sabe-se que, ao relacionar o processo criativo com a dança clássica, podem surgir opiniões divergentes, especialmente no que diz respeito à concepção de liberdade de criação em contraste com a “rigidez” técnica do vocabulário do ballet. No entanto, uma pesquisa mais ampla permitiu desmistificar essa aparente contradição (DUTRA, 2019).

Como vimos, o tema da criatividade e dos processos de criação é de interesse especial na literatura artística e no próprio fazer dos artistas. Em termos de dinâmica psíquica, foi com a teoria de Winnicott que o conceito de criatividade foi aprofundado e realocado como uma disposição essencial para o viver saudável. Winnicott (1971/2019) afirma que a base para a constituição de um desenvolvimento saudável do sujeito está em suas possibilidades criativas e na criação de uma área intermediária de experimentação e simbolização entre o real e o imaginário. O processo de amadurecimento emocional e o enriquecimento das funções do self são facilitados pela atenção, segurança e pela provisão de confiabilidade oferecidas por um ambiente suficientemente bom. O resultado é o manejo adaptativo da mãe às necessidades onipotentes do bebê e, conjuntamente, sua inserção na realidade compartilhada e para o brincar - proposição fundamental para a manifestação do verdadeiro self e da espontaneidade (WINNICOTT, 2021/1967; WINNICOTT, 2022/1960).

A criatividade, para Winnicott (1971/2019), é uma condição universal e, diferente do fazer artístico, não se limita a qualquer produção especial. De certo, a teoria winnicottiana não se contrapõe ou destitui a noção de criatividade de artistas e suas obras, mas a realoca em um espaço de evidência e, parafraseando a teoria, no

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

campo intermediário entre o Ser e o Fazer. Artistas ou não, Winnicott (1971/2019) destaca a importância da criação não apenas de produtos e experiências culturais, mas também para a percepção da vida e para as realizações saudáveis dos sujeitos por meio de suas criações, compreendendo-a de forma ampliada e profunda, o que culmina no amadurecimento emocional e na construção de um self mais integrado e rumo à maturidade afetiva.

Tendo em vista tais apontamentos, empreendeu-se uma pesquisa qualitativa em psicanálise (CECCARELLI, 2012; MEZAN, 2006). Usou-se da entrevista semidirigida, com fechamento amostral por saturação teórica (TURATO, 2003) e dados foram analisados por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Neste trecho, apresenta-se o relato de uma das entrevistadas, referida aqui como "Kitri", em alusão ao ballet de repertório Dom Quixote (1869).

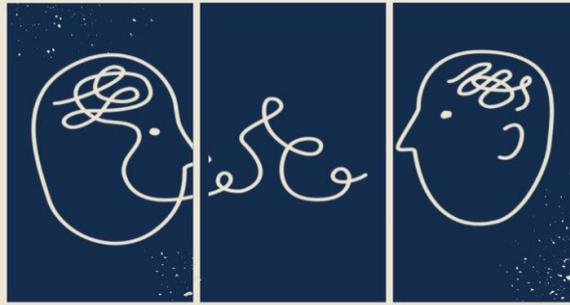
Como já dissemos, a criação no contexto artístico da dança é significativamente apreciado e, para muitos, desejado. Ocorre por meio de estudos aprofundados sobre as possibilidades de movimentação do corpo, treino de tônus muscular e alongamento de tendões, mas também de comunicação e expressão artística, ou seja, precisa ir para “além do arabesque”. Vejamos nos dizeres da artista:

Eu acho que criar é alcançar um...um contato mesmo com nosso registro primitivo, assim, o nosso registro de algo maior. Eu acho que a criação, se você se abre pra ela, pra ela verdadeiramente tomar conta de você, ela se torna grande. Mas, sim, [se] você tenta copiar, ficar dentro de padrões ela [criação] só vai reproduzir uma coisa que não era o seu (ênfase) processo de criação.

Kitri nos mostra, do ponto de vista da experimentação de sua personalidade na arte do ballet clássico, a dinâmica presente no uso dos recursos materiais e imateriais a serviço de sua criatividade. Ao referenciar “o registro primitivo”, é possível compreendê-lo de modo semelhante ao acesso às formas vivenciadas desde os primórdios da infância (WINNICOTT, 2019/1971). O primitivo pode aludir à

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

escolha e ao traquejo onipotente dos objetos nos quais, por meio da imaginação, a realidade é moldada. Essa ilusão inicial, como afirmou Winnicott, é essencial para trazer para o espaço do brincar importantes componentes da personalidade, permitindo que sejam manejados.

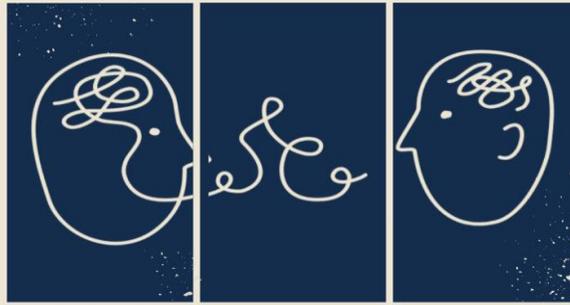
Quando o ambiente é facilitador e o indivíduo possui em si uma abertura ao processo criativo e uma amplitude em seu espaço potencial, a criação “se torna grande”. Grande, talvez, não no sentido de tamanho ou espaço físico, mas intensa em termos da expressão genuína de si mesmo, dos processos de comunicação da personalidade e da produção saudável de sentido. Para Kitri, quando “você se abre pra ela, pra ela verdadeiramente tomar conta de você (...)”, não importa qual linguagem artística esteja sendo usada, pois o progresso da criação é uma manifestação positiva da verdadeira face do self. Já a cópia é “reproduzir uma coisa que não era o seu (ênfase) processo de criação” (Kitri). Tal processo favorece o surgimento de defesas complexas que ocultam gradativamente a personalidade saudável (WINNICOTT, 2022/1960).

Embora apresentemos aqui uma vinheta de uma entrevista realizada em pesquisa maior, fizemos isso com o intuito de ilustrar dados que se repetiram em outras entrevistas. A liberdade criativa na dança não se limita à técnica e ao vocabulário, mas depende da abertura do sujeito criador aos aspectos sensíveis de sua personalidade e do ambiente que o cerca. Dessa forma, é possível compreender que, como afirma Winnicott (2019/1971), a busca pelo self verdadeiro pode não estar na produção do material em si, mas nos símbolos subjetivos que podem ser expressos e comunicados no percurso criativo do artista, assim como no grau de progresso de seu amadurecimento emocional.

Nosso estudo objetivou elucidar a relação entre criatividade, artistas e suas obras. É de conhecimento dos leitores de Winnicott que a criatividade é concebida

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

pelo autor como uma substância imaterial essencial para a formação saudável do indivíduo, e não apenas dos artistas. No entanto, a hipersensibilidade dos artistas à realidade e sua maneira particular de interpretar e manejar as experiências, por meio de uma comunicação específica, também devem ser levadas em consideração.

Ainda que tenhamos consciência de que a busca pelo self verdadeiro não está necessariamente atrelada à produção artística em si, é igualmente coerente reconhecer o papel que essas obras ocupam na vida psíquica dos artistas. Para o indivíduo artista, comunicar-se por meio de suas criações é uma necessidade fundamental. Acreditamos que o paradoxo, no melhor estilo de Winnicott, deve ser sustentado.

Com a fala de Kitri e de outros artistas entrevistados, observa-se que o ballet pode ser utilizado como recurso e possibilidade de expressão do verdadeiro self. Da comunicação subjetiva à objetiva, a ordem dos fatores, nesse caso, só faz sentido dentro da dinâmica do brincar e do uso potencial do espaço de criação, que auxilia o sujeito a encontrar significados para a vida e a lidar com as falhas ambientais inerentes à existência.

AGRADECIMENTOS

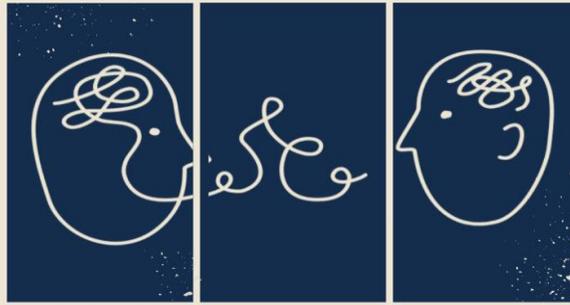
À Universidade Estadual de Londrina e aos organizadores do I Congresso da Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL. Às artistas e aos artistas participantes da pesquisa que tanto enriqueceram a investigação compartilhando suas experiências criativas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70, 1977.
- CECCARELLI, Paulo Ricardo. Considerações sobre pesquisa em psicanálise. In: MELO, Pedro Ezequiel de; JUNIOR, Marcos Dias (orgs.). *Psicologia: Diálogos contemporâneos*. Curitiba: CRV, 2012. p. 137-146.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

DUTRA, Raphael Edson. Dança e Psicanálise: Um estudo sobre a criatividade de ballet clássico. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Departamento de Psicologia e Psicanálise, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, v. 39, n. 70, p. 227-241, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>. Acessado em: 20 jan. 2025.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

TAVARES, Monica. Processos de criação na arte. In: *Anais do I Seminário Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação: processos de criação na educação e nas artes*. São Paulo: ECA/USP, 2011. p.36-48 . Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producaoacademica/002913390.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

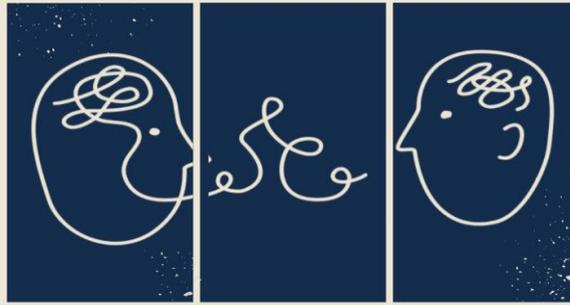
WINNICOTT, Donald. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Editora Ubu, 2019. (Texto originalmente publicado em 1971).

WINNICOTT, Donald W. *O Conceito de Indivíduo Saudável*. In: WINNICOTT, Donald W. *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Editora Ubu, 2021.(Texto originalmente publicado em 1967).

WINNICOTT, Donald W. *Distorções do ego em termos de self verdadeiro e falso*. In: WINNICOTT, Donald W. *Processos de Amadurecimento e Ambiente Facilitador*. São Paulo: Editora Ubu, 2022. (Texto originalmente publicado em 1960).

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

A EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE ATRAVÉS DA SUBLIMAÇÃO COMO FATOR PROTETOR DA SAÚDE NO TRABALHO

Rafaela Valentini Ortega Ruiz ¹

Leandro Anselmo Todesqui Tavares ²

RESUMO

Palavras-chave: *Psicanálise, Trabalho, Sublimação, Saúde.*

É comum, ao pensarmos na saúde do trabalhador, considerarmos primeiro as fontes de enfermidades e as consequências de um trabalho adoecedor. De fato, tais pontos são de enorme relevância para o tema, mas identifica-se também um elemento que muitas vezes pode passar despercebido: em que circunstâncias o trabalho adquire caráter prazeroso, tornando-se promotor de saúde e bem estar? Frente a tal questionamento, Christophe Dejours (2013) nos traz uma possibilidade de resposta: o exercício da capacidade sublimatória.

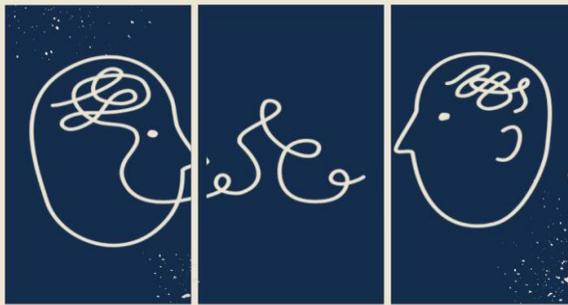
O presente estudo é embasado em um resumo de uma pesquisa teórica de iniciação científica em andamento, cujo objetivo é revisitar os conceitos dejourianos no que diz respeito à sublimação e prazer no trabalho, ratificando a importância desta para a saúde do trabalhador. Articula-se esta reflexão à teoria psicanalítica, pensando a sublimação como ponto de encontro entre Dejours e a psicanálise. A pesquisa é

¹ Graduanda de Psicologia na Universidade Estadual de Londrina, rafaelavalentini@uel.br

² Psicólogo; Doutor em Psicologia; Professor Efetivo da Universidade Estadual de Londrina, leandro.todesqui@uel.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

produto de uma revisão bibliográfica, e visa pensar a importância da sublimação para a subjetividade humana, em especial para a saúde do trabalhador.

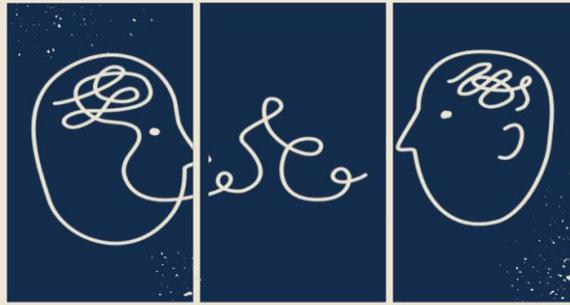
A adoção do conceito de sublimação por Dejours está claramente ligada às raízes psicanalíticas do autor. Ele avançou em sua prática para desenvolver a psicodinâmica do trabalho, mantendo, no entanto, importantes pontos de interlocução, alguns dos quais serão apresentados mais adiante. Primeiramente, retomemos o conceito de sublimação.

A definição do que é ou não ou uma atividade sublimatória não é unânime para a psicanálise, apresentando variações de escola para escola, de autor para autor (Laplanche, 1970). Partimos do princípio, então: De acordo com Freud (1930/2010), a sublimação é, primeiramente, uma via de escoamento pulsional, que orienta as pulsões sexuais para fins não sexuais - arte, ciência, trabalho, religiões, etc. - sem a necessidade de reprimi-las. O conceito relaciona-se, portanto, com a função da criatividade, destino de forças psíquicas pela via específica de atos criativos, implicando em redirecionamento das pulsões e protegendo o indivíduo da ameaça do gozo pleno - sinônimo de morte psíquica. (Tavares e Hashimoto, 2016). Esse caráter primordial da sublimação se mantém em basicamente todas as escolas teóricas, e a partir dele podemos pensar nos desdobramentos que tal via pulsional pode oferecer.

Nas palavras de Dejours, “(...) Freud não pode conceber que a sublimação possa ser indissociável do trabalho e desconhece que todo o trabalho de qualidade exige um trabalho sobre si mesmo, que requer um certo gênio.” (Dejours, 2013, p. 15). Mesmo assim, em *Mal Estar da Civilização* (1930/2010) Freud não deixa de fazer um importante apontamento acerca da sublimação no trabalho: “A atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permite tornar úteis, através da sublimação, pendores existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados.” (Freud, 1930/2010. p. 36). Neste

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

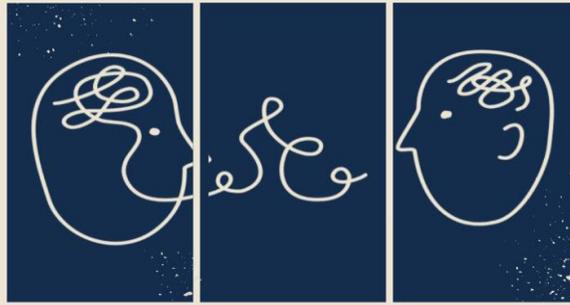
mesmo texto, Freud também assinala que o fato de a maioria das pessoas trabalharem por dever e não por prazer é gerador de grandes sofrimentos e problemas sociais. Dessa forma, o caráter prazeroso do trabalho é visto por Freud não apenas como uma possibilidade, mas como um elemento que poderia promover o apaziguamento de muitos conflitos, tanto individuais quanto coletivos.

Como visto, Dejours (2013) parte da teoria psicanalítica para compor sua própria teoria da sublimação no trabalho. A sublimação dejouriana dá-se através de três níveis: a inteligência da prática, o reconhecimento e o *kulturarbeit* (trabalho cultural). Devido à natureza concisa de um resumo expandido, priorizou-se a reflexão sobre a inteligência da prática, nível que mais se assemelha ao conceito psicanalítico de sublimação enquanto fazer criativo e espontâneo.

A inteligência da prática é descrita por Dejours (2013) como a capacidade que o trabalhador tem de conciliar o real do trabalho com o prescrito a partir de seu saber-fazer, ou seja, do conhecimento que constrói em sua prática. O real do trabalho diz respeito às circunstâncias às quais o trabalhador é submetido durante sua atividade laboral, enquanto o prescrito concerne à tarefa designada à ele, ou seja, o que é esperado que o trabalhador faça. O “abismo” entre a tarefa prescrita e o real da atividade é uma constante na execução de qualquer trabalho, e é o que mobiliza a subjetividade do indivíduo para adaptar-se frente a tal situação. Essa diferença entre real e prescrito pode ser causadora de imenso sofrimento, quando o trabalhador é impedido de usar de seu saber-fazer, mas também pode proporcionar grande prazer para o trabalhador, caso este seja capaz de usar de sua inteligência da prática para superar os desafios que surgem. Em outras palavras, “(...) o sofrimento provocado pelo trabalho pode ser metamorfoseado pela sublimação, tornando-se em prazer” (Areosa, 2013, p.32).

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Para Dejours (2019), a mobilização da inteligência da prática compõe um dos níveis da sublimação, destacada pelo autor como ponto chave para entender a obtenção de prazer no trabalho. Segundo o autor, quando não há possibilidade de sublimar, o trabalhador muito provavelmente irá adoecer. Assim, quando a organização do trabalho dificulta ou impede que o trabalhador exerça sua capacidade sublimatória, isso pode “(...) desestabilizar o indivíduo e de provocar uma crise psíquica, podendo por vezes levar ao suicídio.” (Dejours, 2013, p. 10-11).

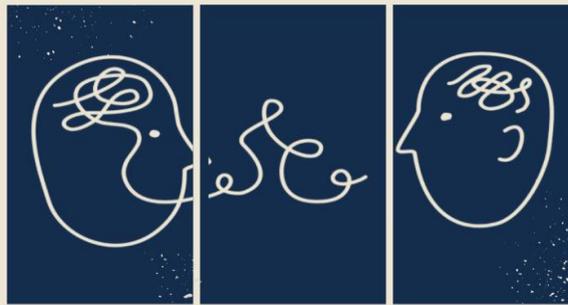
Do ponto de vista da psicanálise, a sublimação possui importante papel na proteção da saúde do sujeito devido à sua capacidade de proporcionar um escoamento pulsional sem o perigo do gozo pleno/gozo aniquilador. Conforme apontado por Tavares e Hashimoto (2016): “A sublimação parece então figurar também como via de proteção ante o gozo absoluto, contudo, (...) se diferencia dos mecanismos de defesa, onde há formação de compromisso via formação de sintomas.” (Tavares e Hashimoto, 2016, p.5).

Sobre o uso da criatividade, o psicanalista Donald Winnicott (1975) destaca como esse aspecto influencia na saúde do sujeito: “De uma ou de outra forma nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida.” (Winnicott, 1975, p.95). Ou seja, assim como apontado por Dejours (2013), Winnicott (1975) também ressalta que a impossibilidade de se comportar de forma espontânea e criativa pode gerar sérios problemas para o psiquismo. Mais do que isso, ambas as teorias chamam a atenção para a importância da criatividade (e conseqüentemente, da sublimação) como fator protetor da saúde mental.

Dessa forma, a psicodinâmica do trabalho destaca que a promoção de ambientes laborais que possibilitem a sublimação pode evitar muitos adoecimentos psíquicos associados às atividades profissionais. A psicanálise, por sua vez, também

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

demonstra como o exercício da capacidade sublimatória pode proteger o indivíduo da força da pulsão de morte desfusionada ao mesmo tempo em que evita a formação de sintomas ao não utilizar da via da repressão (Tavares e Hashimoto, 2016).

Assim, ao apontar a sublimação como fonte de prazer na atividade laboral, Dejours oferece-nos uma maneira de pensar não apenas na prevenção do adoecimento, mas principalmente na promoção de saúde. Por fim, ratifica-se que a sublimação tem o potencial de causar “(...) benefícios essenciais para a saúde mental, em termos de crescimento dos registos de sensibilidade do corpo, da identidade e do amor próprio.” (Dejours, 2013, p. 27).

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e à Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL

REFERÊNCIAS

AREOSA, J. Comentário ao artigo “A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho” – Christophe Dejours e a Psicodinâmica do trabalho. **Revista Portuguesa de Psicanálise** Lisboa, v.33, n.1, p. 29 – 41. 2013

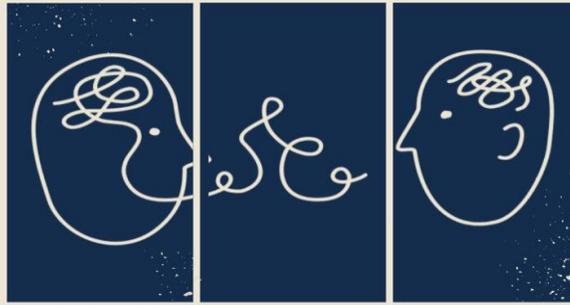
DEJOURS, C. Sin posibilidades de sublimar a través del trabajo, es muy difícil conservar la salud mental. [Entrevista concedida a] Verónica Engler. **Página 12**. Buenos Aires, 3 de junho de 2019.

DEJOURS, C. A sublimação, entre o sofrimento e prazer no trabalho. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, Lisboa, n. 33, v. 2, p. 9-28, 2013.

FREUD, S. (1930) O Mal-Estar na Civilização. In: **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18. p. 9-89.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 2.ed. Santos: Martins Fontes, 1970

LACAN, J. **O Seminário: a ética da psicanálise** (1959-1960). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988. livro 7.

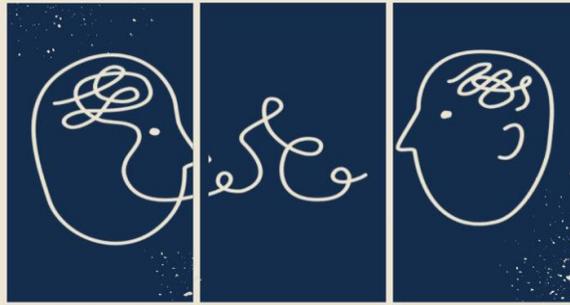
TAVARES, L. A. T.; HASHIMOTO, F. **Sublimation As A Paradigm Of The Psyche Constitution: Metapsychology And Theoretical-Clinical Developments**.

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 19, n. 2, p. 295–310, maio 2016.

WINNICOTT, D. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro. Imago, 1975.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

A MATERIALIDADE DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA NA CLÍNICA VINCULAR FRENTE AO USO DE RECURSOS DIGITAIS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Rafaela Valentini Ortega Ruiz¹

Máira Bonafé Sei²

RESUMO

***Palavras-chave:** Psicanálise Vincular, Tecnologia, Arte, Recursos mediadores.*

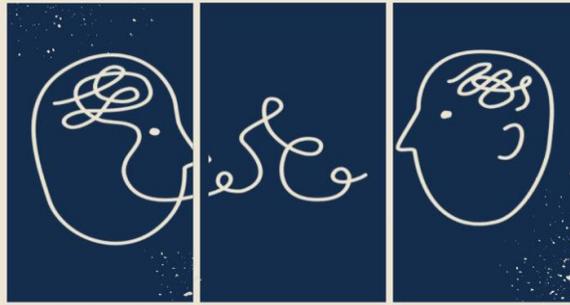
Esta pesquisa investiga a relevância dos recursos artístico-expressivos na clínica psicanalítica vincular, analisando sua contribuição para o processo terapêutico e a importância da materialidade da produção para a investigação analítica. A partir do referencial psicanalítico, examina-se como recursos mediadores, tais quais o genograma, favorecem a emergência de conteúdos inconscientes e possibilitam elaborações que poderiam não surgir apenas pela via verbal. Explora-se a diferença entre o uso de materiais físicos e os recursos digitais disponíveis passíveis de uso na contemporaneidade, especialmente no que se refere à possibilidade de “apagar” os erros que surgem na realização da atividade nos meios tradicionais. Enquanto as ferramentas digitais oferecem maior controle sobre o resultado final, permitindo correções rápidas e a eliminação de marcas indesejadas, o uso de materiais físicos,

¹ Graduanda de Psicologia na Universidade Estadual de Londrina, rafaelavalentini@uel.br

² Pós-Doutorado em Psicologia Clínica, Professora Associada da Universidade Estadual de Londrina, mairabonafe@uel.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

como tinta, caneta, lápis e giz de cera, permitem que cada elemento da experiência expressiva possa ser reconhecido e discutido (Sei, 2011).

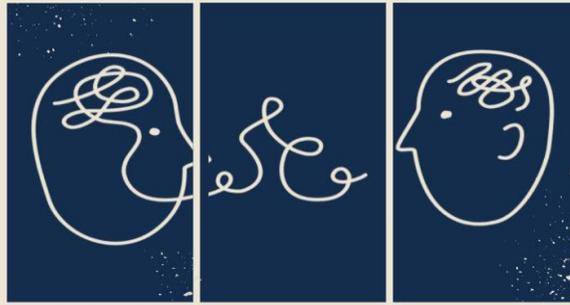
No contexto da clínica psicanalítica de casais e famílias, compreende-se que a realização de atividades artísticas conjuntas favorecem a comunicação e expressividade entre os participantes, frequentemente desencadeia novas discussões e amplia a reflexão sobre os vínculos (Franco & Sei, 2015).

Similar ao desenho da “árvore genealógica”, o genograma trata-se de uma representação gráfica do grupo familiar, que pode ser realizada tanto fisicamente quanto digitalmente por meio de *softwares* e programas específicos. Para a realização do genograma, o(s) paciente(s) são orientados a construir um esquema da configuração familiar, representando pelo menos três gerações (Carter & McGoldrick, 1989/1995). Para facilitar a análise e o estudo posterior do genograma, o recurso mediador segue uma convenção específica para o uso de símbolos em sua construção. Por exemplo, quadrados para representar indivíduos do gênero masculino, círculos para o feminino e linhas horizontais para indicar casamentos, entre outros. Dada a necessidade de concisão característica da modalidade deste trabalho, não nos estenderemos nos pormenores de cada símbolo.

No contexto específico do projeto de extensão no qual os atendimentos são realizados na clínica psicológica universitária, a aplicação do genograma ocorre de forma manual. Após receberem as instruções, os pacientes têm à disposição diversos materiais, como giz de cera, canetinhas e lápis de cor, sendo incentivados a decidir coletivamente como desejam conduzir a atividade. A ênfase não recai sobre a reprodução exata das orientações oferecidas, mas sim sobre a maneira como a família responde à demanda, considerando o processo de construção do genograma como parte da expressão e interação familiar no espaço terapêutico. Kruger e Werlang (2008) ressaltam que, ao empregar o genograma como recurso, a psicologia reserva-

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

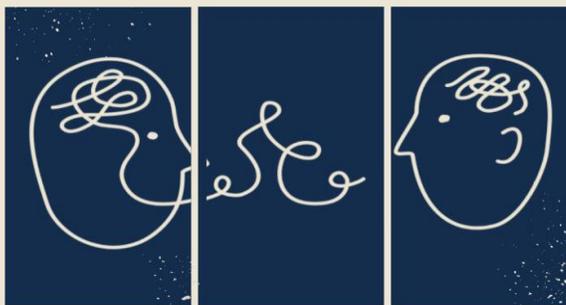
se o direito de ir além da simples coleta de informações, priorizando a “busca de novas oportunidades para re-historiar as experiências vividas.” (p. 417)

Esta pesquisa resulta da articulação entre teoria e observação clínica, valendo-se da análise de um recorte clínico de um atendimento vincular realizado em uma clínica psicológica universitária. Para discutir as particularidades da aplicação do recurso genograma no meio físico, este trabalho adota uma abordagem qualitativa, investigando o impacto do uso de materiais físicos no processo terapêutico. O objetivo é propor reflexões sobre a utilização de recursos artístico-expressivos na prática clínica, enfatizando as contribuições singulares desses materiais para a expressão e elaboração psíquica dos participante

Para nos auxiliar na compreensão da temática, nos valem de um recorte clínico observado durante um atendimento vincular de mãe e filha. Durante uma determinada sessão, foi proposto para que a dupla fizesse o genograma familiar, e lhes foram entregues papel, cartolina, lápis de cor, lápis grafite, canetas e canetinhas. A mãe logo em seguida comunicou à terapeuta que já estava habituada a fazer esse tipo de atividade, pois com frequência utilizava sites para construir sua “árvore genealógica”. Assim, no início, a paciente considerou que a atividade proposta seria muito parecida com o que estava acostumada a fazer no meio digital. No entanto, a execução do genograma no meio físico mostrou-se capaz de evocar muito mais que um simples esquema das gerações: os erros, esquecimentos, rasuras e distribuição espacial dos desenhos podem nos dizer muito mais do que o que está sendo verbalizado. Em oposição a um software que organiza automaticamente os familiares de forma simétrica e proporcional, no desenho feito pela mãe, algumas figuras apareceram "sem espaço", sendo encaixadas posteriormente em tamanho reduzido. Outro exemplo é a representação da filiação, que foi desenhada partindo diretamente de apenas um dos genitores, em vez de retratar o vínculo que originou o descendente.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

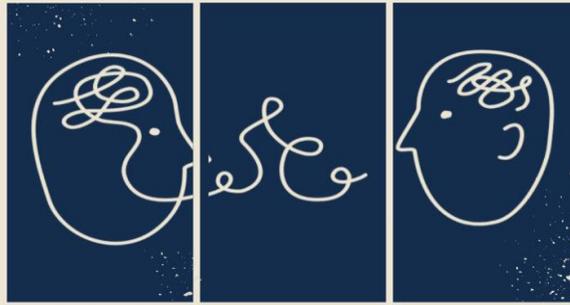
Essa característica se repetiu ao longo do desenho, especialmente na representação do vínculo entre mãe e filha, onde a presença do pai foi omitida, fazendo com que a menina parecesse uma extensão da mãe. Vale destacar que essa situação não foi decorrente de uma falha na explicação, pois em outros momentos do desenho a filiação foi representada da maneira "correta", ou seja, como fruto do vínculo dos genitores. É fundamental destacar que o termo "correta" é utilizado aqui para se referir à forma como as instruções foram apresentadas, e não como um critério de certo ou errado. Nesse contexto, o erro não é algo a ser corrigido, mas um elemento significativo que enriquece a produção e promove novas reflexões, assim como evidenciado neste recorte clínico. Nessa perspectiva, compreender como o indivíduo (ou grupo) reage e produz diante da demanda é mais valioso para o processo terapêutico do que qualquer tipo de exigência técnica.

Dessa forma, considera-se que as situações exemplificadas pelo recorte clínico são capazes de demonstrar como a materialidade de um recurso artístico-expressivo pode suscitar o aparecimento de questões não antes verbalizadas pelo grupo. O formato digital, por sua vez, acaba por ser menos suscetível a manifestações involuntárias, privando-nos de conteúdos possivelmente valiosos para a análise.

Podemos concluir que o uso de materiais físicos, como tinta, caneta, lápis e giz de cera, oferece uma via expressiva singular, permitindo que aspectos inconscientes ou reprimidos se manifestem inclusive por meio de elementos que poderiam ser suprimidos ou suavizados no ambiente digital, como esquecimentos, confusões, rasuras, variações no traço, etc. Pondera-se que, nos suportes tradicionais, o processo criativo carrega consigo a materialidade do gesto, onde cada imperfeição pode revelar um pouco sobre o sujeito (ou, no caso da clínica com famílias, sobre o vínculo).

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e à Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL

REFERÊNCIAS

FRANCO, Ricardo da Silva; SEI, Maíra Bonafé. O uso do genograma na psicoterapia psicanalítica familiar. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 399-414, dez. 2015.

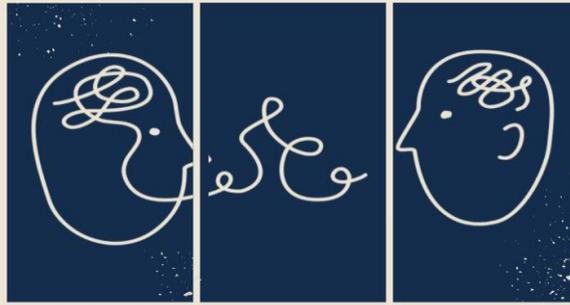
KRUGER, L. L. WERLANG, B. S. G.. O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 3, p. 415-426, 2008.

CARTER, B., & MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise**. São Paulo: Zagodoni, 2011.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

ARTE MERCADOLÓGICA E DESEJO: O ENLACE ENTRE CONSUMO E ALIENAÇÃO

Luísa Knott Oliveira Silva¹

Leandro Anselmo Todesqui Tavares²

RESUMO

Palavras-chave: *arte, massificação, alienação, desejo, mercado.*

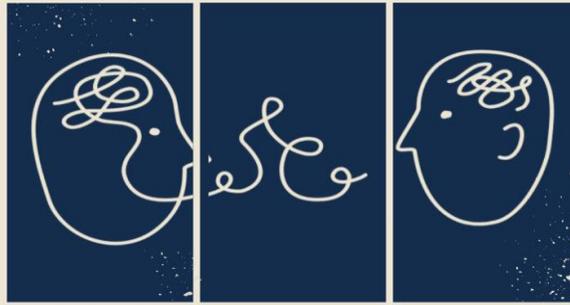
Na realidade globalizada, o que é compreendido como arte, algo enraizado na história e psique da humanidade há aproximadamente 40 mil anos, tem vivenciado sua estrutura reorganizada em seus diferentes formatos: visuais, performáticos e literários. Essa reorganização é marcada pela ascensão dos veículos virtuais de compartilhamento, que têm papel central na noção e valor das inúmeras produções artísticas, uma vez que visam, principalmente, a adesão e envolvimento dos usuários, ou seja, do público no consumo contínuo dessas mercadorias artísticas (Mancebo, 2002). É relevante compreender, primeiramente, que a arte permite o afastamento da realidade social convencional - que reprime os sujeitos - e possibilita a vazão dos desejos inconscientes por meio da fantasia. Desse modo, as pulsões sexuais encontram saída pela via artística, sendo esse processo denominado sublimação, uma saída para o problema *econômico* (prazer/desprazer) do aparelho psíquico (Tavares; Hashimoto,

¹ Graduanda de Psicologia; Universidade Estadual de Londrina (UEL), luisa.knott.oliveira@uel.br

² Psicólogo/Doutor em Psicologia (UNESP/Assis); Universidade Estadual de Londrina (UEL), leandro.todesqui@uel.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



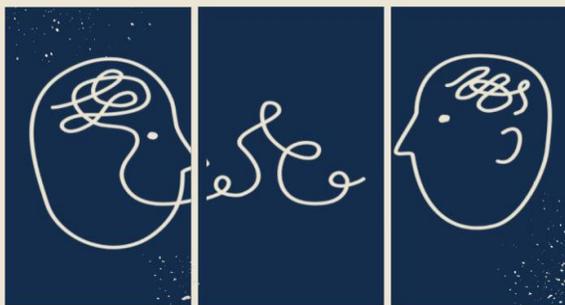
20.03
21.03

2025

2016). Apesar da criatividade ser um movimento elementar nos sujeitos, a arte especificamente para fins comerciais tem relações diretas com o setor econômico, sendo percebida como um produto comercializável e com finalidades lucrativas. Partindo desse pressuposto, a relação entre venda e compra de produções artísticas está permeada por uma lógica capitalista, que busca a todo instante o aceleração econômico desse mercado (Fischer, 1987). Tal contexto impõe novas dinâmicas sobre a propagação artística, moldando não apenas o conteúdo das obras em evidência, mas também o desejo de consumo. Sendo assim, há de analisar-se os impactos desse processo mercadológico da arte na subjetividade dos sujeitos, compreendendo os efeitos da massificação cultural, ao levar em consideração as concepções de desejo e alienação. Para o alcance de tal objetivo, adotou-se como método a revisão bibliográfica de produções fundamentadas na teoria psicanalítica freudiana e lacaniana; de autores da Teoria Crítica, como Adorno, Horkheimer, a filosofia de Benjamin e a sociologia de Debord; bem como contribuição de outros teóricos contemporâneos relevantes para a discussão. Ao levar em consideração o conceito de Indústria Cultural como um sistema econômico e político que visa produzir bens culturais como produtos e estratégias utilizadas para manipulação e estruturação do coletivo, percebe-se que esta instiga necessidades e desejos na sociedade, o que ameaça a produção artística de perspectiva intelectual e técnica, tornando-a mero objeto de consumo que possui o lucro não como uma das intenções, mas como princípio exclusivo (Horkheimer; Adorno, 2002). Os meios de comunicação, que atuam sobre os estados conscientes e inconscientes dos sujeitos, têm relevante participação na reificação da arte e alienação por meio da Indústria Cultural, uma vez que são elementos imprescindíveis para fomentar a generalização e padronização do consumo artístico imediato em uma escala cultural global. Tem-se então a massificação, em que o sujeito passa a ser objeto para essa indústria regida pela

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



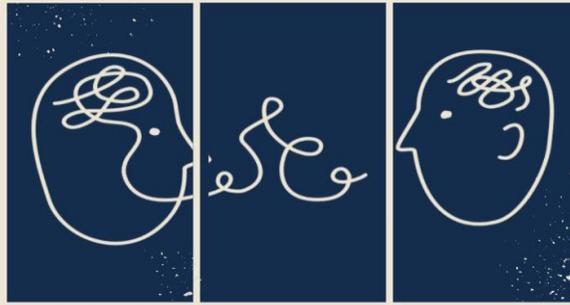
20.03
21.03

2025

ideologia dominante, e é tido como incapacitado de reconhecer sua abstração da realidade. Dessa forma, percebe-se na intenção contida na lógica do mercado, a convenção de que é regra massificar e banalizar a cultura, a fim de tornar parte majoritária da sociedade em um tipo de aglomerado sem forma, sem identidade, sem criticidade (Freud, 1921/2014) e com a ilusória impressão de que todos os membros da sociedade possuem acesso democratizado a tudo o que é artístico (Alkimim, 2015). Tal concepção complementa e atualiza o que Walter Benjamin (1955/2017) discute em “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, na qual afirma que a reprodução artística é capaz de levar a população geral ao encontro da arte antes restringida à elite, porém faz com que haja a destituição do caráter único e individual - aura - das obras. Guy Debord (1997), em sua elaboração sobre a “Sociedade do Espetáculo” pontua a conjuntura que é resultado e projeto do modo de produção vigente: uma inversão da realidade, em que o consumo e a aparência são valorizados por meio das formas particulares de publicidade. Sendo assim, a realidade penetra o espetáculo e vice-versa, de forma que a lógica dominante de expansão do capital - nesse caso, artística - converte o ser em “ter” e o “ter” em “parecer”, o que evidencia a degradação da subjetividade em prol do poder social. Há, assim, uma relação marcada pela alienação do espectador, sendo que quanto mais há a contemplação do espetáculo, menos o sujeito vive, o que é resultado da atividade inconsciente. Nesse sentido, ao consumir a arte massificada, o espectador passa a introjetar o movimento coletivo de consumo de uma obra, cujas percepções e gestos não são mais seus devido a imposições pelo contexto dominante de financiamento artístico. Portanto, a arte mercadológica é considerada a arte da perversão (Žižek, 2018) pois não é dado para o espectador o que ele deseja, mas o modo como deve desejar. Disso, a compreensão psicanalítica de sublimação da pulsão em arte é subvertida: o que é conjuntamente introjetado para o sujeito pela arte é sua condição comercial, alterando o impulso

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

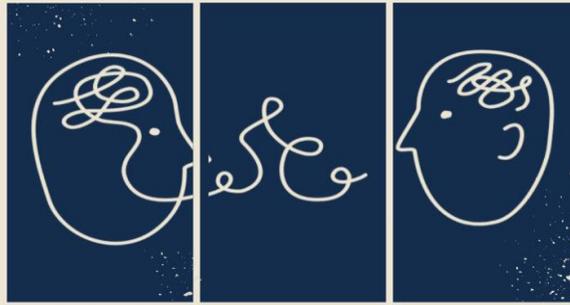
criativo em uma "pulsão-de-mercado". Ou seja, tem-se na sublimação a transformação em arte de pulsões já territorializadas pelo mercado, entranhadas no inconsciente de modo a ditar não apenas as demandas, mas o modo de desejo (Dunker, 2015). Desse mesmo processo, vê-se o sujeito, identificando e reproduzindo padrões, tendo desejos fundamentados, e inclinando-se (na sua inscrição simbólica) à prática reprodutora e obstinada dos mesmos padrões de consumo já estabelecidos. Com isso, parte-se da (fácil) acepção do hiper palatável pela necessidade de instituir-se para o Outro, facilitada pela própria formatação do conteúdo socialmente disposto. Por consequência do alto investimento de conglomerados da indústria artística no desenvolvimento de obras e principalmente em suas divulgações, não deve haver qualquer obstáculo - cultural, moral, ideológico, etário - para que o produto seja consumido massificadamente e promova o retorno monetário esperado. Esse processo mantém o fazer e a propagação artística paulatinamente mais caros, e assim produções não participantes desse monopólio - de grande investimento de capital - não alcançam considerável espaço de propagação e consumo. Assim, conclui-se que a tendência crescente de que a arte seja moldada para adequar-se aos imperativos de consumo a distancia de sua função original referente à expressão subjetivante e de reflexão crítica, e aproxima-a de uma reconfiguração da função social e psíquica: a reprodução incessante da lógica dominante alienatória, a qual não se restringe apenas a ditar os padrões de consumo das produções, mas estende-se ao domínio simbólico, impondo imperativamente demandas de modos de desejo.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO



20.03
21.03

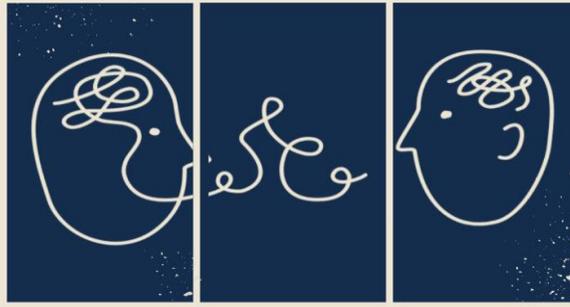
2025

REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, A. F. *Theodor Adorno e o processo de “liquidação” da cultura*. Opinião, n. 1895, UFMG, 16/03/2015.
- BENJAMIN, W. (1955) *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução de Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- FREUD, S. (1921) *Psicologia das massas e análise do eu*. In: *Obras completas*, volume 15: *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. Tradução Paulo César Souza. SP: CIA DAS LETRAS. P.9-100, 2014.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *O iluminismo como mistificação das massas*. In: ADORNO, T. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MANCEBO, D. *Globalização, cultura e subjetividade: discussão a partir dos meios de comunicação de massa*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 18, n. 3, p. 289–295, dez. 2002.
- TAVARES, L. A. T.; HASHIMOTO, F.. *Sublimation as a paradigm of the psyche constitution: metapsychology and theoretical-clinical developments*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 19, n. 2, p. 295–310, maio 2016.
- ŽIŽEK, S. *Lacrimae rerum: ensaios sobre cinema moderno*. 2. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO



20.03
21.03

2025

AS EXPRESSÕES DO SUPEREGO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO

Leonardo Beithum Galdeano ¹

Luana Loureiro Horta de Lima ²

Caio Padovan Soares de Souza ³

RESUMO

Palavras-chave: *Superego; Freud; Sociedade do cansaço; Byung-chul Han*

Segundo Bauman (2001), vivemos hoje na Pós-Modernidade, um período marcado por relações sociais e culturais intensamente fluidas e instáveis. Com o advento desse período histórico, seguem-se mudanças no “aparato psíquico” (Han, 2017, p. 79) dos indivíduos que a compõem; Byung-Chul Han (2017) propõe que essa nova organização deve ser denominada de sociedade do cansaço e do desempenho, caracterizada por um excesso de positividade, e que o superego segundo a tradição psicanalítica freudiana deve ser abandonado em prol do que o autor denomina eu-ideal. Contudo, pretende-se esclarecer, neste trabalho, que tamanha positividade acompanha intrinsecamente uma negatividade equiparável ou quiçá superior à da sociedade do período histórico da Modernidade, a saber, a sociedade disciplinar de Foucault (Han, 2017), e que a proposição da transformação do superego no eu-ideal de Han (2017) é ingênua e desnecessária. Para atingir esse fim, serão empregadas as

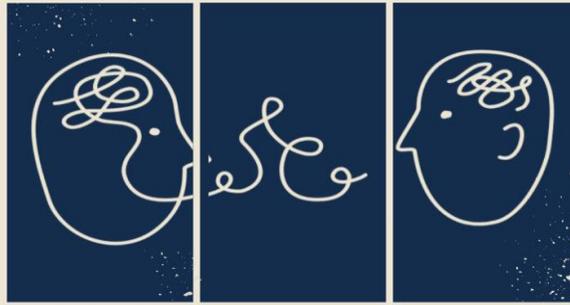
¹ Graduando de Psicologia, Universidade Federal do Paraná (UFPR), leonardo.beithum@ufpr.br;

² Graduanda de Psicologia, Universidade Federal do Paraná (UFPR), luanaloureiro@ufpr.br;

³ Psicólogo/Doutor, Universidade Federal do Paraná (UFPR), padovan@ufpr.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



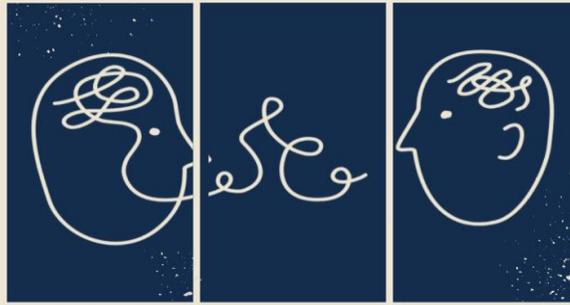
20.03
21.03

2025

noções da sociedade do desempenho de Han (2017) e os conceitos de narcisismo, pulsão de morte e superego de Freud ([1914]/2010; [1920]/2020; [1923]/2011) a partir de uma revisão bibliográfica não-sistemática. Em decorrência das exigências da globalização e da era atual do capitalismo, a sociedade do desempenho surge com a substituição de elementos negativos, em seu sentido filosófico, presentes na sociedade disciplinar, como a repressão e a dominação, para elementos positivos, como a crença no poder-fazer ilimitado e na potência inesgotável de cada um de seus indivíduos (Han, 2017). Nessa sociedade, não mais existiria, portanto, a negatividade da coerção moral ou física exterior ao sujeito, na forma da disciplina ou do dever, mas antes, esses foram incorporadas ao sujeito. Surge, então, uma liberdade na qual os indivíduos podem, ou devem, tornar-se eles mesmos, a partir de um ideal de identidade que desponta de noções culturais propagadas pela mídia, pelas redes sociais e outros elementos culturais, posteriormente internalizadas pelo sujeito. Esse tipo de assimilação se evidencia em lemas veiculados por empresas globais ou Estados, como “*Just do it!*” ou a noção de que todas as pessoas que a compõem são seus próprios empresários, noção essa que se aplica não apenas a fins econômicos, mas também à personalidade individual de cada sujeito, os quais devem sempre buscar investimentos para alcançar um “lucro” maior; nesse caso, a admiração de seus pares e a maior capacidade de produção. Dessa forma, devido à composição e eventual internalização de ideais inatingíveis, por meio do sistema, a positividade em excesso no imaginário do sujeito materializa uma violência sistêmica pela pressão de produzir, econômico ou simbolicamente. Com base nisso, Han (2017) propõe uma reconceitualização do superego freudiano, inicialmente ligado à repressão e às interdições, para o eu-ideal, ao qual o sujeito não precisa propriamente se submeter, alcançando nele uma dimensão puramente positiva do ideal. Por outro lado, sabe-se que o superego está intrinsecamente ligado ao ideal do eu na tradição psicanalítica freudiana; este sempre

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



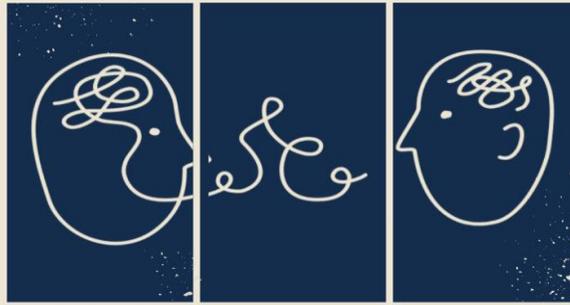
20.03
21.03

2025

permanecerá inalcançável e aquele sempre agirá como uma instituição de avaliação e julgamento, isso é, do cumprimento desse ideal por parte do Eu (Freud, [1923]/2011; Pena, Moreira, Guerra, 2020). A instauração do narcisismo primário, a pulsão de morte e a dissolução do Complexo de Édipo participam ativamente do desenvolvimento do superego na psique humana, envolvendo esse ideal do Eu que, por sua vez, opera como a única instância capaz de alcançar a expectativa de perfeição transmitida pelos cuidadores. O primeiro desses conceitos, o de narcisismo, corresponde a um estágio do desenvolvimento no qual a formação do Eu – um elemento positivo que, por consequência, deve existir em comparação ao seu elemento negativo, como o reconhecimento da existência de objetos externos ao Eu – torna-o o centro do investimento pulsional, possibilitando o retorno pulsional ao ideal do Eu (Freud, [1914]/2010). O segundo elemento, a pulsão de morte, é também essencial para formação do superego, uma vez que a subjugação do princípio do prazer à pulsão de morte, a qual denota o “processo vital do indivíduo [que] leva, por razões internas, ao nivelamento de tensões químicas, isto é, à morte, [...] à aspiração por reduzir, manter constante, eliminar a tensão interna” (Freud, [1920]/2020, pg. 119), possibilita a repressão e o julgamento do superego contra o Eu em prol de seu ideal. Por fim, pela dissolução do Complexo de Édipo, ou seja, pela aceitação da figura simbólica do cuidador do sexo oposto e posterior renúncia à realização do desejo edípico com vistas a evitar punições, estabelece-se a instituição moral que permite ao superego colocar em prática o ideal do Eu como instância reguladora (Freud, [1923]/2011). Além disso, o ideal do Eu assume a forma do desejo de retorno ao narcisismo primário no qual se torna evidente ao sujeito que todo o universo age em função exclusiva a ele em uma completude, efetivamente alcançando, por meio do investimento das pulsões sexuais no Eu, a expectativa dos cuidadores de perfeição projetada sobre o filho. Mas esse ideal é sobretudo inatingível pelo Eu. Decorrente

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

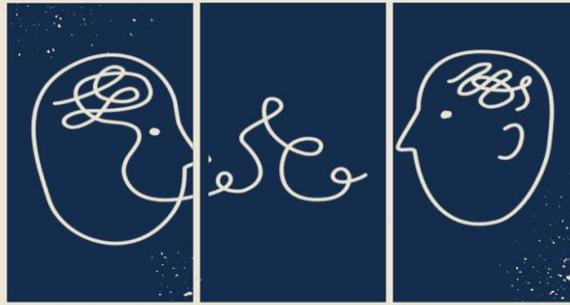
2025

disso, o Eu se divide na estrutura superegoica, a qual passa a julgar o Eu de forma constante e em uma instância de saber maior, por vezes, que o próprio Eu (Freud, [1923]/2011). Portanto, ao verificar se o ideal do Eu foi atingido ou se ele está em vias de ser alcançado, o superego propõe constantemente a positividade de uma falta, logo, de uma negatividade. Dessa forma, elucida-se a positividade, como descrita por Han (2017), enquanto parte intrínseca do surgimento do superego, já que essa estrutura psíquica impele o sujeito a um retorno narcísico para o período da infância no qual ele poderia ser intitulado de “*Vossa Majestade, o Bebê*” (Freud, 1914, p. 25, tradução nossa)⁴. Mesmo tolhendo, negativamente, certas possibilidades do Eu pela repressão, ainda assim ele o faz em prol de uma positividade proporcionada pelo retorno ao “trono”, em um movimento que poderia ser descrito como essencialmente dialético. Retomando agora a questão do excesso de positividade na sociedade do desempenho, deve-se lembrar da proposta hegeliana na qual se evidencia que um conceito apenas pode ser refutado através de sua própria fundamentação, levada ao seu extremo (Hegel, [1807]/2020). Esse processo pode ser introduzido na noção de liberdade autoimposta do sujeito da sociedade do desempenho (Han, 2017) como raro se observa nas construções humanas. Para tal, será utilizada uma analogia: a partir da remoção das algemas que encarceravam a sociedade punitiva e da disciplina, surge uma dominação e coerção ainda mais potentes, de maneira similar à de animais agropecuários que, observando a geração anterior ser coagida por um cão de pastoreio que servia à promessa de violência caso se ultrapassasse certos limites, aprendem a evitar aquele território inexplorado mesmo que o cão não esteja mais presente. O pavor da punição como causa e a necessidade de disciplina como consequência já foram suprassumidos na sociedade do cansaço, mas permanecem presentes como os corpos simbólicos da cobrança pelo desempenho radicalmente aumentada visando o

⁴ Trecho original: “His Majesty the Baby”

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

maior fluxo de capital possível, e do cão de pastoreio, que assume a forma do empregador, família ou amigos, atuando em suas ameaças pela positividade do poder-fazer. Essa conjuntura faz surgir a necessidade de ser capaz de fazer, a qual atua como coerção do outro, mesmo que esse seja seu próprio superego – cujo desenvolvimento não pode existir sem a presença de outros. Evidencia-se, portanto, não o esmaecimento de toda negatividade na sociedade, mas uma mudança em sua forma de aparição, possivelmente mais velada, mas ainda existindo como a falta produzida pelo inalcançável ideal de capacidade e a pressão que a necessidade de desempenho gera por meio da cultura de desempenho; passa a existir, então, uma profunda exacerbação na unidade dinâmica entre poder-fazer, elemento positivo, e a coerção, elemento negativo, do sistema capitalista hodierno. Dessarte, conclui-se que a crítica à psicanálise freudiana elaborada por Han (2017) dissecou certas partes da teoria superegoica de Freud sem as reelaborar em um todo compreensivo, abordando o conceito de superego de maneira meramente instrumental. Por consequência, sua crítica se torna faltante, uma vez que o superego freudiano leva em conta o ideal de um Eu que se considera merecedor de, ou obrigado a, alcançar um maior desempenho para que sinta poder ser amado propriamente.

AGRADECIMENTOS

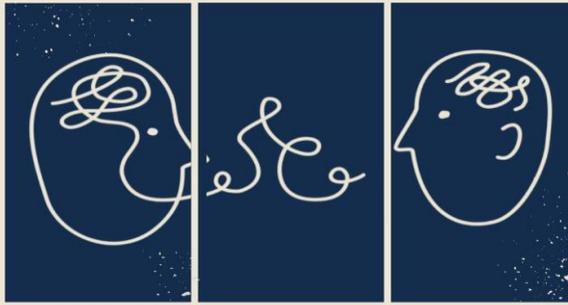
À Universidade Estadual de Londrina.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. 1ª Edição. Rio Grande do Sul: L&PM, 2020.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

FREUD, S. (1914). *Introdução ao narcisismo*. In: _____ *Edição Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12, p. 11-38.

FREUD, S. (1923). *O Eu e o Id*. In: _____ *Edição Obras Completas Volume 16*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 16, p. 10-64.

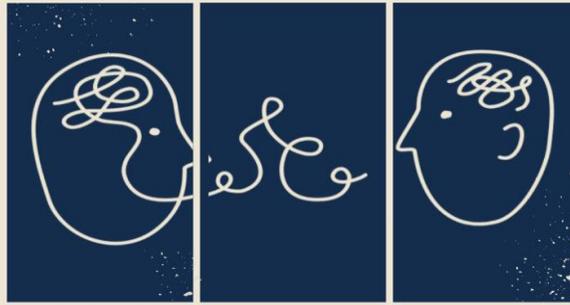
HAN, B-C. *Sociedade do cansaço*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HEGEL, G. W. F. (1807). *Fenomenologia do Espírito*. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

PENA, B. F.; MOREIRA, J. DE O.; GUERRA, A. M. C. O supereu em Freud e Lacan: da moralidade à amoralidade, uma gula estrutural. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 1, p. 37–56, jan. 2020.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO



20.03
21.03
2025

A PSICANÁLISE DE FREUD VISITA LISPECTOR: OLHARES MELANCÓLICOS

Jaqueline Kauane Grecco ¹

Gabrielle Passos Cerqueira ²

Prof.^a Ms. Josilene Schimiti ³

RESUMO

Palavras-chave: Clarice Lispector; psicanálise; melancolia

INTRODUÇÃO

Pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sófrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho - Lispector

A relação entre arte e psicanálise tem sido objeto de estudo e reflexão desde Freud, que utilizou a arte como ferramenta para apoiar sua teoria, até os dias atuais, onde esse diálogo continua a se expandir e aprofundar. Dada a sagacidade com que os artistas abordam questões subjetivas em suas diversas formas de expressão, o público tem a oportunidade de estabelecer uma ponte entre a experiência subjetiva e sua simbolização (Kosovski, 2016). Freud tem nas artes a possibilidade de acessar

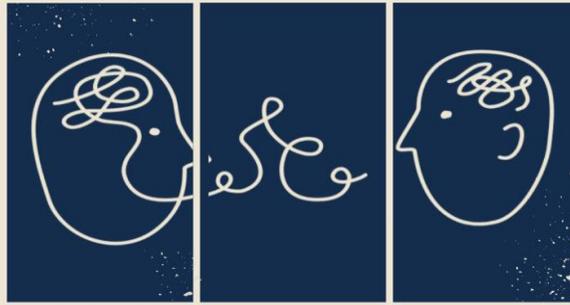
¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina; jaqueline.kauane@uel.br

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina; gabrielle.passos@uel.br

³ Prof.^a Ms. do Depto de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina; josischimiti@uel.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

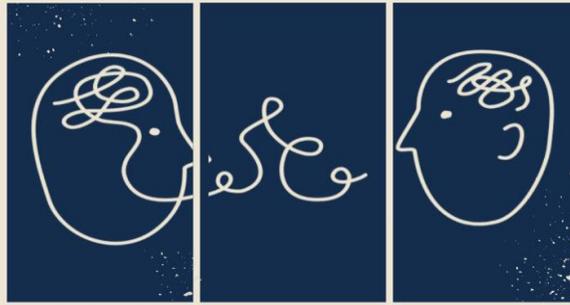
representações que traduzem sentimentos complexos e angustiantes. Nesse contexto, a melancolia representa um estado psíquico que é manifestado por meio do desânimo em relação à vida, inibição das atividades – evidenciada pela perda de interesse pelo mundo externo – e uma acentuada diminuição da autoestima, levando o indivíduo a se menosprezar e se recriminar (Freud, 1917). Esse empobrecimento psíquico pode ser observado na literatura de Lispector, especialmente na crônica *Pertencer*, em que a narradora afirma: "Tenho medo de revelar de quanto preciso e de como sou pobre. Sou, sim. Muito pobre" (Lispector, 1999, p.133). Diante do exposto, este estudo tem o objetivo de identificar e analisar a presença do estado melancólico na crônica *Pertencer* de Clarice Lispector, a partir do texto *Luto e melancolia*. A crônica destacada faz parte de uma coletânea de textos breves publicados no *Jornal do Brasil* e reunidos no livro *A Descoberta do Mundo*, revelando sua forma única de enxergar o cotidiano com um olhar introspectivo. Considerando que as obras de Lispector exploram temas existenciais como identidade, feminilidade e o desejo de pertencimento, nos deparamos com um material rico que expressa as angústias e contradições da vida no qual a psicanálise pode dialogar. Nesse sentido, este recorte se mostra relevante ao trazer uma análise fundamentada no referencial teórico psicanalítico, permitindo uma compreensão mais profunda dos símbolos e ideais que a autora convoca nesta crônica. Dessa forma, sua obra não apenas estimula a reflexão, mas também mantém vivo o legado dos estudos de Freud na contemporaneidade, evidenciando como a arte continua a traduzir e compartilhar singularidades psíquicas entre os indivíduos.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido na disciplina *Contribuições da Psicanálise à Psicopatologia*, no 3º ano do curso de psicologia da Universidade Estadual de

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

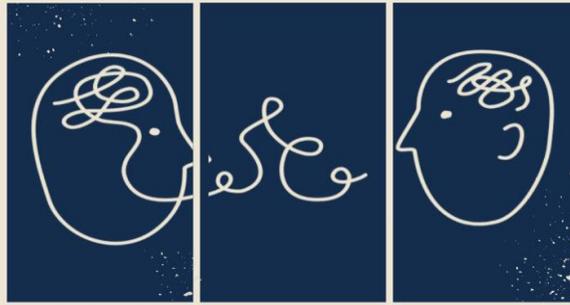
Londrina. Ao longo do semestre, tivemos contato com diversos textos psicanalíticos, com ênfase na obra de Freud. As leituras dos textos, as aulas expositivas e as discussões em aulas forneceram a base para o desenvolvimento das ideias que estruturam esta pesquisa. Partimos do tema sobre a melancolia maníaco depressiva para relacionar com a arte em seu sentido mais amplo, abrangendo diferentes formas de expressão, como música, poesia, pintura e literatura. Nesta intersecção, recorreremos ao texto *Luto e melancolia* de Freud (1917) para analisar a crônica *Pertencer* de Lispector (1999). A escolha desse material se justifica tanto pelo já estabelecido diálogo entre a obra de Lispector e a psicanálise quanto pela riqueza simbólica e metafórica de seus textos, que permitem delinear uma subjetividade marcada pelo empobrecimento psíquico e o desejo de pertencimento. Dessa maneira, iniciamos o trabalho apresentando a vida e a obra de Lispector, contextualizando sua escrita e principais temáticas. Abordamos a melancolia na perspectiva psicanalítica, para estabelecer a relação com a crônica *Pertencer*. Por fim, reunimos nossas reflexões e conclusões a partir da análise realizada.

DISCUSSÃO

O artigo *Luto e Melancolia* caracteriza a melancolia como a perda inconsciente de um ideal do objeto, sendo que, nesse processo, a libido se volta para o próprio ego do sujeito. Entende-se que a melancolia é marcada por inúmeras lutas e conflitos gerados pela ambivalência entre o amor pelo objeto perdido e a impossibilidade de renunciar a ele, levando o indivíduo a buscar refúgio na identificação narcísica. Logo, “o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo [...] fazendo-o sofrer” (Freud, 1917, p.148). Por consequência, o melancólico sente uma falta constante, sem compreender exatamente o que perdeu, resultando em uma profunda insatisfação e autodepreciação. Contextualizando com a crônica de Lispector, essa dinâmica se

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

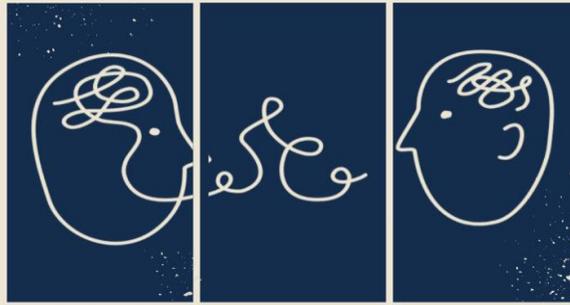
manifesta na idealização do nascimento do protagonista, visto como uma possível cura para a doença da mãe. No entanto, como a idealização posta antes mesmo do nascimento não foi alcançada, houve uma perda da natureza ideal, conseqüentemente um empobrecimento do ego (Freud, 1917). Isto pode ser evidenciado, ao decorrer da crônica, na descrição do não pertencimento diante da falta gerada pela perda do ideal. Além disso, a culpa de não pertencer - “sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei” (Lispector, 1999, p.134) - evidencia uma autodepreciação que é direcionada ao objeto e volta-se ao ego, ocasionando também em um rebaixamento da autoestima. A perda idealizada e internalizada, típica da melancolia freudiana, se reflete na sua insatisfação consigo mesma e no embate entre ego e superego, evidenciado pela impossibilidade de se perdoar. A narrativa apresenta um afastamento do mundo externo e um aprisionamento na própria dor, características desse quadro. A solidão e o sentimento de não pertencimento se intensificam à medida que o protagonista lida com a culpa e a frustração por não atender às expectativas impostas. Assim, quando menciona, metaforicamente, que bebe sôfrego os últimos goles de água, como se estivesse em um deserto, mas a sua sede volta (Lispector, 1999), a autora simboliza os pequenos pertencimentos que acaba experimentando, mas que não saciam a melancolia: há um desejo incessante de recuperação do objeto perdido, mas, por ser uma perda internalizada, a falta nunca é satisfatoriamente preenchida.

CONSIDERAÇÕES

A crônica *Pertencer* pode ser considerada uma exteriorização das características da melancolia conceituada pela teoria psicanalítica, relacionando os estudos de Freud com uma expressão artística moderna. Com esse material, identificamos a representação do sofrimento psíquico daqueles que perderam o ideal do seu objeto, o

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

qual detinha o amor que não poderia ser renunciado, e por isso, se refugiou na identificação narcisista. A partir disso, o ódio é direcionado a esse objeto substitutivo, ou seja, ao próprio eu do indivíduo (Freud, 1917). Nossa reflexão reflete a dinâmica da melancolia, onde a busca por conexão ou saciação é interminável, pois o objeto perdido está inconsciente e internalizado e a ambivalência emocional dificulta a resolução do conflito. Ainda, revela como a teoria de Freud permanece atual, apesar do tempo.

REFERÊNCIAS

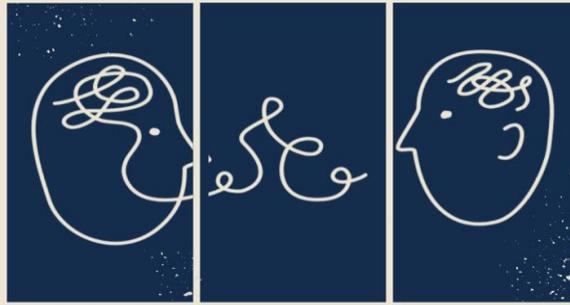
FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1917).

KOSOVSKI, Gisele Falbo. Psicanálise e arte: uma articulação a partir da não relação em Louise Bourgeois: o retorno do desejo proibido. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 19, p. 441-455, 2016.

LISPECTOR, C. Pertencer. In: LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 133 - 135.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO



20.03
21.03
2025

O ENCONTRO DA PSICANÁLISE COM A ARTE: REFLEXÕES SOBRE A PSICONEUROSE NARCÍSICA EM PRIMADONNA

Giovana Caroline de Hercules ¹

Anna Laura Pereira de Queiroz ²

Gabriel Mizakami Quinaglia³

Laura Simião de Oliveira⁴

Mariana Amaro Zangirolani ⁵

Josilene Aparecida Schimiti ⁶

RESUMO

Palavras-chave: *Psiconeurose narcísica; Análise Lírica, Primadonna, Freud.*

I. INTRODUÇÃO

A música se revela enigmática e sedutora, pois sua essência é abstrata e imaterial, evocando percepções subjetivas (Tavares, 2021). Além disso, segundo Seeger (2008, p. 239) a música é uma forma de comunicação, junto com a linguagem, a dança e outros meios. Dessa forma, com o objetivo de compreender a especificidade epistemológica do campo da psicopatologia psicanalítica, é possível tecer uma análise

¹ Discente de Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, giovana.hercules@uel.br;

² Discente de Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, annalaura.pereira@uel.br;

³ Discente de Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, gabriel.quinaglia@uel.br;

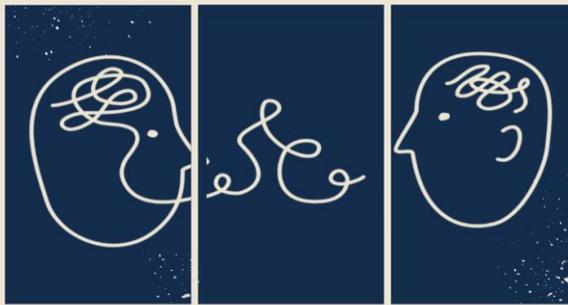
⁴ Discente de Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, laura.simiao.oliveira@uel.br;

⁵ Discente de Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, mariana.amaro.zangirolani@uel.br;

⁶ Docente de Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, josischimiti@uel.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

da música “Primadonna” de Marina Diamandis, lançada no ano de 2012 em seu álbum “Electra Heart”, explorando o narcisismo e suas nuances na lírica.

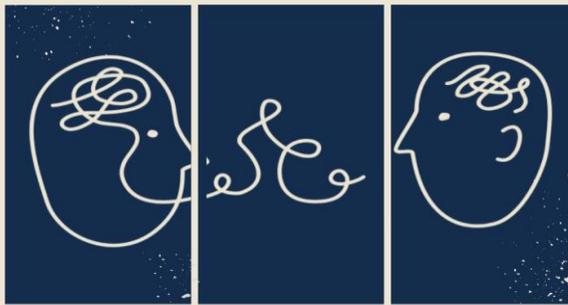
A cantora, em entrevista à ELLE Girl (2012), afirmou que a música trata de “viver para ser adorada”, refletindo a dependência do olhar do outro, como descrito por Freud em seu texto “Introdução ao Narcisismo” (1914). A canção foi inspirada em um ex-namorado que a chamava ironicamente de Prima Donna, referência a sua personalidade teatral. Nesse sentido, essa necessidade de admiração e validação externa pode ser compreendida à luz da psicose narcísica.

Conforme o Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis (1988), a psicose narcísica caracteriza-se pela retirada da libido do objeto e sua concentração no ego, evidenciando uma relação narcísica. Segundo os autores, do ponto de vista nosográfico, as neuroses narcísicas correspondem às psicoses funcionais, cujos sintomas não são efeitos de uma lesão somática. Embora Freud inicialmente tenha empregado o termo para abarcar quadros psicóticos, posteriormente restringiu seu uso a afecções melancólicas, como as maníaco-depressivas, diferenciando-as das neuroses de transferência e das psicoses clássicas (Laplanche e Pontalis, 1988).

Nesse sentido, a reflexão e o estudo de como a lírica musical reflete aspectos do narcisismo e suas implicações psicanalíticas tornam-se fundamentais para ampliar o entendimento de como as características da psicose narcísica são transmitidas à sociedade, especialmente quando interpretadas por uma cantora de relevância social como Marina Diamandis. Sendo assim, o estudo é relevante não apenas por permitir um diálogo entre a psicanálise e a música, mas também por contribuir para a compreensão dos efeitos do narcisismo na subjetividade contemporânea. Ao considerar a importância da cultura pop na formação do imaginário social, essa pesquisa possibilita uma reflexão crítica sobre a influência da música na construção

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

das relações interpessoais e na manifestação de traços psíquicos característicos da modernidade.

No presente estudo, foi adotado uma metodologia com abordagem bibliográfica, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de analisar e compreender o conceito de 'psiconeurose narcísica'. Para isso, foram utilizados textos de Sigmund Freud, proporcionando uma compreensão aprofundada dos conceitos psicanalíticos relevantes ao tema investigado.

Além da revisão bibliográfica, foi realizado uma análise lírica da canção 'Primadonna', de Marina Diamandis, investigando suas simbologias, metáforas e possíveis conexões com as teorias psicanalíticas freudianas, de modo a estabelecer um diálogo entre a música e a psicanálise. Para essa análise, adotou-se um viés interpretativo, considerando tanto o conteúdo explícito da letra quanto seus significados subjacentes, com base na perspectiva freudiana.

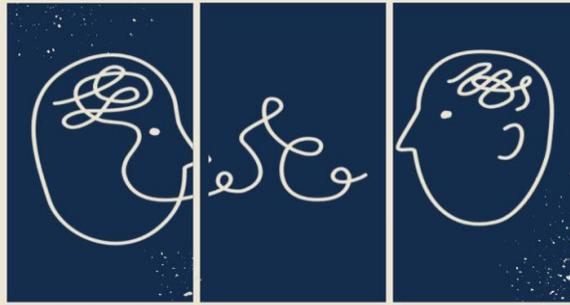
II. RESULTADOS

No texto A Introdução ao Narcisismo (1914), Freud descreve a parafrenia, marcada pela megalomania que se caracteriza pela mania de grandeza e pela perda de interesse no mundo externo, com a libido concentrada no Ego. Na música Primadonna, essa dinâmica se manifesta no verso "Primadonna girl, yeah, all I ever wanted was the world" (Garota Primadonna, tudo que eu sempre quis foi o mundo), que ilustra a mania de grandeza ao expressar o desejo de ter "o mundo", uma metáfora para querer tudo e ser o centro das atenções.

A crença na grandiosidade leva a personagem lírica a viver em constante performance, buscando ser idolatrada. O verso "Living life like I'm in a play, in the limelight I want to stay" (Vivendo a vida como se estivesse em uma peça, no centro das atenções eu quero ficar) reflete essa necessidade de atenção e teatralidade. Esse

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

comportamento remete à megalomania descrita por Freud (1914), que aponta traços como a “superestimação do poder de seus desejos e atos psíquicos”, a “onipotência dos pensamentos” e a crença na “força mágica das palavras”. Nesse contexto, a protagonista na música, ao adotar uma postura teatral e buscar constantemente o centro das atenções, manifesta esses traços megalomaniacos, onde suas crenças e desejos moldam sua percepção da realidade de forma grandiosa e fantasiosa.

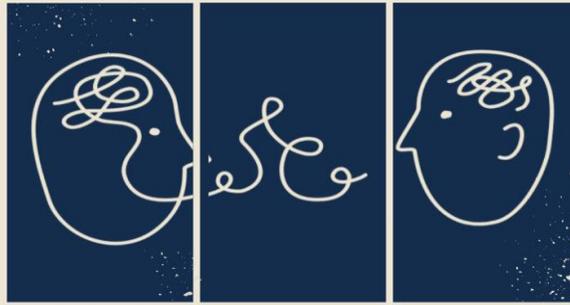
Essa postura teatral da cantora também reflete uma tentativa de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com o desejo dela, característica neurótica para fugir da realidade. Freud discute no texto *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose* (1924) que isso ocorre pela criação de um mundo de fantasia, separado do mundo externo real. Esse espaço psíquico, mantido como uma "reserva", oferece ao ego um refúgio em que a neurose retira o material para suas novas construções de desejo, frequentemente através da regressão a experiências passadas reais mais satisfatórias.

Além disso, no verso “You say that I'm kinda difficult, but it's always someone else's fault” (“Você diz que eu sou meio difícil, mas é sempre culpa de outra pessoa”), a protagonista evidencia a dificuldade de criar vínculos autênticos, característica do narcisismo patológico. Para Freud (1914), o narcisista redireciona a libido para o próprio ego, evitando relações emocionais genuínas como defesa contra a fragilidade interna e o medo de rejeição. Sendo assim, nota-se que o narcisismo é a liberação da libido do vínculo com os objetos externos e seu redirecionamento para o próprio eu.

Em *Totem e Tabu* (1912-1913/2013), Freud associa o narcisismo a uma fase primitiva do desenvolvimento psíquico e às sociedades totêmicas, onde figuras de poder são veneradas. A "Primadonna" da canção assume esse papel, exigindo submissão e adoração, como nos versos: "Você faria qualquer coisa por mim? Compraria um grande anel de diamante para mim?". Nos sistemas tribais analisados

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

por Freud, a obediência irrestrita garante a estabilidade do grupo, assim como a personagem da música depende do reconhecimento alheio para manter sua posição e evitar a insegurança.

Ademais, Freud ainda em Totem e Tabu (1912-1913/2013), observa que a fase animista das sociedades primitivas corresponde à fase narcísica do desenvolvimento individual, caracterizada pela crença na onipotência dos pensamentos. Isso reforça a construção da "Primadonna" como alguém cuja percepção de si mesma e do mundo gira em torno da adoração e do controle.

III. CONCLUSÃO

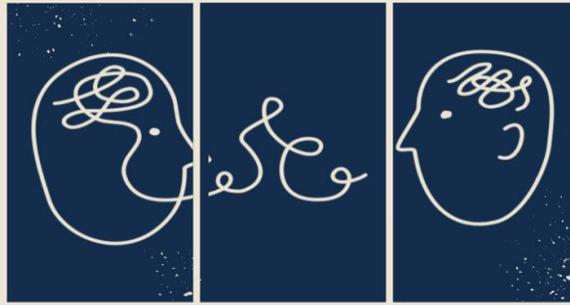
Dessa forma, a análise da música Primadonna à luz das ideias de Freud evidencia a dinâmica do narcisismo, em que a grandiosidade da personagem lírica e sua busca por adoração coexistem com a fragilidade do ego. Ela manifesta traços da psicose narcísica (Laplanche e Pontalis, 1988), retirando a libido do objeto e concentrando-a no próprio ego, o que dificulta a formação de vínculos autênticos. Sua necessidade de idolatria e controle remete à onipotência dos pensamentos descrita em Introdução ao Narcisismo (Freud, 1914) e à estrutura social totêmica de Totem e Tabu (1912-1913/2013), evidenciando a relação entre o desejo de poder e a insegurança subjacente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Estadual de Londrina por proporcionar eventos científicos enriquecedores, que servem de base para o desenvolvimento de nossas pesquisas e reflexões acadêmicas.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

REFERÊNCIAS:

DIAMANDIS, M. 2012c. Primadonna. On Electra Heart [Album]. Atlantic Records. Acesso em 5 de fev. 2025.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50. (Obras completas, 12).

FREUD, S. (1925/ 2011). A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose. In: FREUD, S. **Obras completas, v. 16, O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das letras.

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: FREUD, S. **Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p.114-122 (Obras completas, 11)

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. (1988). **Vocabulário da psicanálise** (pp. 707-707).

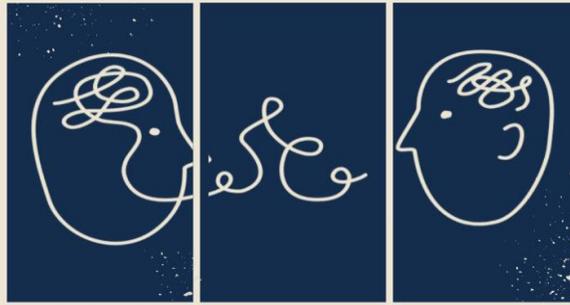
SEGGER, A. **Etnografia da Música**. Cadernos de campo. São Paulo: Ethnomusicology : an Introduction. Trad.: Giovanni Cirino. 2008.

STERN, C. Marina of Marina And The Diamonds says new album personifies heartbreak. **ELLE Girl**, 19 abr. 2012.

TAVARES, L. A. T. **Psicanálise e musicalidades: Sublimação, invocações, laço social**. Editora Unifesp, 2021.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

INTERLOCUÇÕES ENTRE O DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO LACANIANO, A OBRA “O PEQUENO PRÍNCIPE” E OS EFEITOS DA PÓS- MODERNIDADE

Nome Autor(a) Principal ¹: Ítalo Bitencourt Ciccotti

Nome Autor(a) Secundário ²: Leandro Anselmo Todesqui Tavares

RESUMO

Palavras-chave: *pós-modernidade; psicanálise; o pequeno príncipe; desenvolvimento subjetivo.*

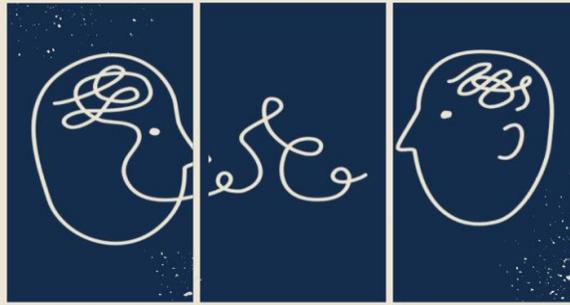
Sabe-se, apesar de equivocadas críticas à psicologia profunda, que a psicanálise sempre abordou o sujeito e seu desenvolvimento subjetivo através de uma ótica completa, considerando tanto as dinâmicas psíquicas, quanto as influências externas. Freud (1921/2011), em sua obra “Psicologia das massas e análise do Eu”, afirma que “na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também desde o início, psicologia social [...]” (Freud, 1921/2011, p. 14). Outrossim, Lacan expande essa perspectiva freudiana, elevando o Outro a um status simbólico, de alteridade absoluta. Esse é completamente distinto de nós, não nos é semelhante em nada, pois não se figura como sujeito e sim como linguagem, sendo imbuído em nós através de cada inscrição nos registros simbólico e imaginário ao longo do desenvolvimento infantil.

¹ Graduando em Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, italo.bitencourt@uel.br;

² Psicólogo; Doutor em Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, leandro.todesqui@uel.br;

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Outrossim, constata-se que, nas últimas décadas, um número grande de mudanças sociais levaram vários autores a compreender o momento em que vivemos como apartado da modernidade, sendo considerado um período “pós-moderno”. A pós-modernidade se caracteriza, fundamentalmente, pela ascensão de modos de subjetivação baseados no hedonismo e no narcisismo cultural, em consonância com o capitalismo tardio, acarretando no empobrecimento simbólico e na depreciação do laço social (Ciccotti; Tavares, 2024).

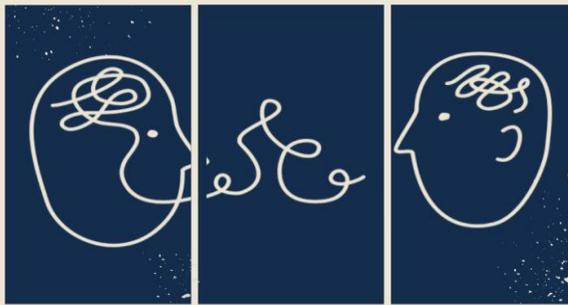
Frente a esse contexto, objetiva-se, através das considerações dispostas neste trabalho, sintetizar alguns dos impactos da pós-modernidade no desenvolvimento subjetivo mediante à ótica lacaniana apresentados no artigo “O Ser Criativo na Pós-Modernidade: O Convite em O Pequeno Príncipe” de Ciccotti e Tavares (2024). Para isso, utilizar-se-á uma metodologia qualitativa de revisão bibliográfica, com ênfase teórico-reflexiva, alicerçada nas contribuições freudianas, lacanianas e de autores da sociologia, ressaltando a importância da invocação do desejo do pesquisador na pesquisa teórica, incorporado na transferência (Tavares; Hashimoto, 2013). Além disso, lançamos mão da obra “O Pequeno Príncipe” (Saint-Exupéry, 1943/2015) para coordenar as construções propostas. A decisão estilística de convocar uma obra de arte para subsidiar a elucidação de fenômenos psíquicos não é incomum à psicanálise, haja vista que Freud utilizou-se de Shakespeare, Da Vinci, Homero e muitos outros para fundamentar suas descobertas. Por sua vez, ressalta Lacan (1965/2003):

[...] a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição é de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho. (p. 200)

Desta forma, temos que a interlocução entre psicanálise e cultura sempre constituiu parte importante de sua episteme.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

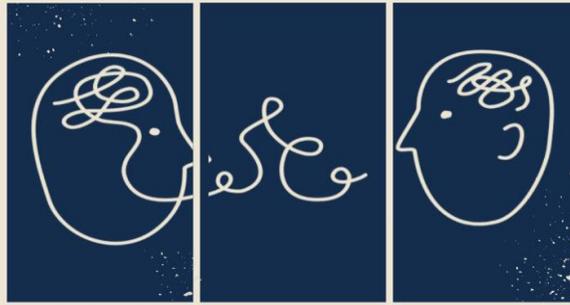
Todavia, para compreender os impactos que a pós-modernidade tem sobre o desenvolvimento subjetivo, vê-se indispensável uma compreensão mais aprofundada de como tal desenvolvimento se dava em condições anteriores ao presente estado de coisas. Para a psicanálise, a infância sempre tomou um lugar de primazia nas interpretações e construções em análise, mais que isso: Freud, em suas primeiras obras, aponta-nos a imprescindível importância dos primeiros anos de vida para a estruturação psíquica do sujeito e, por conseguinte, a relevância dessa para a compreensão das neuroses. Portanto, a infância toma na psicanálise freudiana um ponto central na estruturação neurótica e no desenvolvimento do trauma.

Outrossim, Lacan, em seu Retorno a Freud, retoma o caráter basal da infância no desenvolvimento subjetivo. Para o autor, em concomitância com as fases freudianas - oral, anal e fálica - tem-se também dois estádios, nomeados Estádio do Espelho e Nome-do-Pai, que nos inscrevem em registros de representação do mundo interno e externo, respectivamente o registro imaginário e simbólico. Esses processos de inscrição são *alienantes*, isto é, alienam o sujeito em desenvolvimento a seu desejo, substituindo-o pelo desejo do Outro, que nesses momentos iniciais da vida, estão condensados nas figuras paterna e materna.

À vista do disposto acima, cabe compreender os pormenores dos dois estádios dispostos por Lacan. O ponto de partida do desenvolvimento subjetivo do sujeito - ou o protótipo de sujeito, tendo em vista que, a priori, não o há - é o Estádio do Espelho, e esse encarrega-se de inserir o infante no registro do imaginário e na linguagem. No decorrer desse processo, a figura materna da criança passa a delimitar e nomear as experiências dela, além de objetos externos, nomeando a dor na barriga como fome, o choro como sono, a idosa que a segura como vó e outros inúmeros elementos. Assim, ressalta-se que o estádio do espelho:

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

[...] evidencia a insuficiência do infante e a necessidade da inserção desse em um condensado ideativo e representativo que possa dar sentido e significado à suas experiências. Isto é, o estágio do espelho delimita, através da intermediação do Outro, o registro imaginário do bebê, possibilitando-o diferenciar o si e o outro. (Ciccotti; Tavares, 2024, p. 8)

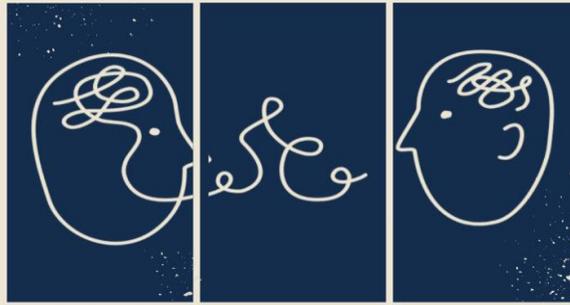
Ao fim do estágio do espelho a criança se encontra dentro de contextos típicos, em uma trama edípica, no qual ela se identifica com o desejo da mãe, arauta do Outro. Todavia, ao passo que há esse contexto edípico, emerge também a figura paterna com o dever de interditar e delimitar o acesso à mãe. Ao longo desse processo de castração a criança passa a internalizar a lei simbólica paterna, passando a abandonar determinados objetos, mudança paradigmática do princípio de prazer para o de realidade, fundando a possibilidade de repressões e de simbolização (Campos; Sakiyama, 2016).

Ora, nota-se que ambos os processos são fundamentados em relações sociais, tanto o estágio do espelho, eminentemente dependente de uma figura maternal que abarque o pequeno sujeito em um berço de linguagem e representações imagéticas, quanto a dissolução edípica demarcada pelo Nome-do-Pai são calcados na interação com o Outro e os outros, demarcando a indispensável importância do laço social na formação subjetiva. À vista disso - compreendendo a importância das frustrações, do registro simbólico, das relações com o núcleo familiar, seja ele qual for - cabe analisar o contexto pós-moderno para observar se há os elementos necessários para um satisfatório desenvolvimento.

Para apreender essas informações, usaremos duas passagens de O Pequeno Príncipe como ferramentas elucidativas. A primeira é o encontro entre o pequeno príncipe e o rei, que se desdobra assim: O pequenino, após algum tempo de viagem encontra um pequeno planeta com um único homem, vestido de púrpura e armínio, sentado em um majestoso trono, esse declara-se rei e conversa com o pequenino, e após certo tempo o principezinho lhe pergunta: “Majestade... sobre quem reinas?”

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

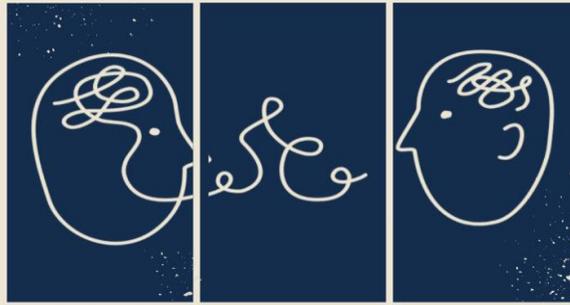
(Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 39), o rei, em toda sua grandeza, lhe responde que reina sobre todas as coisas. Impressionado com tamanho poder, o pequenino pede-lhe que faça com que o sol se ponha, dado que amava o admirar; o rei, por sua vez, diz que o fará, mas, somente por volta das sete e quarenta ainda naquela noite. Desencantado com a falsidade do rei, o pequenino decide ir embora, apesar da insistência do rei que, de último recurso, nomeia-o Embaixador para que ele continuasse sobre “suas ordens”. O príncipezinho vai pensando “As pessoas grandes são muito esquisitas.” (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 41).

O próximo encontro que nos interessa é do pequeno príncipe com o homem vaidoso. Após chegar no planeta desse, o pequeno príncipe, admirado pela beleza do homem, elogia-o por alguns minutos e, após uma breve conversa, questiona-o sobre o que seria “admirar”, e o vaidoso lhe responde: “Admirar significa reconhecer que eu sou o homem mais belo, mais bem-vestido, mais rico e mais inteligente de todo o planeta” (Saint-Exupéry, 1943/2015, p. 44). Novamente o príncipezinho espantou-se com o mal-estar das pessoas grandes, somente o vaidoso estava naquele mundinho, a quem ele se comparava?

Esses dois exemplos condensam, para nossa análise, alguns dos elementos da pós-modernidade. Primeiramente, ambos estão aprisionados em uma espécie de performance: o rei atua sua majestade e o vaidoso é adicto por admiração. Pode-se, aqui, traçar um panorama com Birman (1999), segundo o autor o sujeito moderno tem seu agir regulado pela performance, a imagem é, para ele, fundamental, dando-o sentido ao ser visto e tirando-o ao ser ignorado. Outrossim, a contemporaneidade esvazia o caráter *aurático* da vida, empobrecendo a relação *para-além* com os objetos, isto é, depredando a capacidade do sujeito pós-moderno de se relacionar com o mundo de forma simbólica (Han, 2023).

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Esses dois processos, a valorização do caráter imagético da vida e o empobrecimento das relações simbólicas, tendem a produzir uma cultura narcisista e hedonista, que repudia a frustração e idealiza a fruição plena dos desejos (Ciccotti; Tavares, 2024).

Conclui-se, a partir de algumas características apreendidas sobre a pós-modernidade e pela elucidação das etapas de desenvolvimento subjetivo, que a contemporaneidade prejudica elementos fundamentais do desenvolvimento, favorecendo o caráter performático da vida em detrimento do laço social. As limitações que a pós-modernidade nos impõe acabam perturbando a fundamental relação entre os sujeitos e é, quiçá, somente através da retomada do laço social que esses danos podem ser remediados.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e à Liga Acadêmica de Psicanálise da UEL pela oportunidade de comunicar as construções presentes neste resumo.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. A psicopatologia na pós-modernidade. As alquimias no mal-estar da atualidade. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 2, n. 1, p. 35-49, 1999.

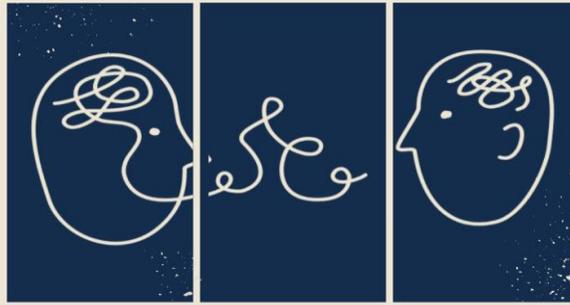
CICCOTTI, Ítalo Bitencourt; TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. O ser criativo na pós-modernidade: o convite em “O Pequeno Príncipe”. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, [S. l.], v. 14, p. 01–18, 2024.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu (1920-1923)**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

LACAN, Jacques. (1965) Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

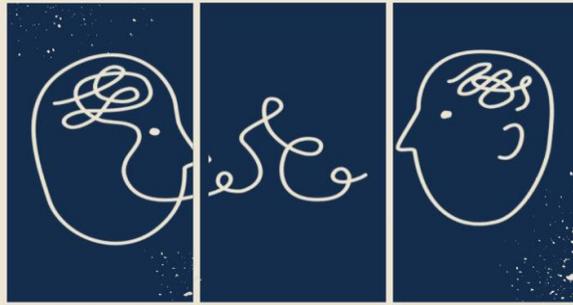
TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui; HASHIMOTO, Francisco. A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 166-178, 2013.

SAKIYAMA, Carolina; CAMPOS, Érico Bruno Viana. Alienação e criatividade na constituição da subjetividade: contrapontos entre Lacan e Winnicott. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 15, n. 1, p. 26-39, 2016.

SAINT- EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. 49. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



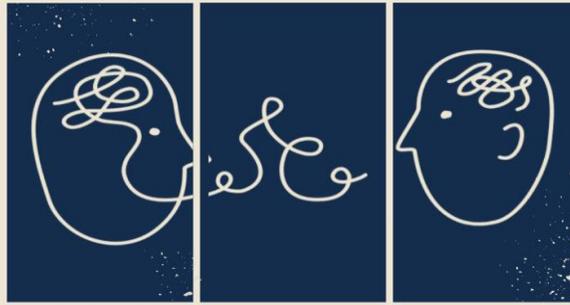
20.03
21.03

2025

EIXO 4: PSICANÁLISE E TRANSFORMAÇÕES NO SISTEMA SOCIAL: IMPACTOS DA ERA DIGITAL E PÓS-MODERNA

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

A INFLUÊNCIA DO ÂMBITO VIRTUAL E DA PÓS-MODERNIDADE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA SUBJETIVIDADE

João Victor Fernandes Candido¹

Katya Luciane de Oliveira²

RESUMO

Palavras-chave: *virtual; subjetividade; cyberbullying; personalidade; psicanálise.*

Desde o nascimento, somos incluídos em contextos sociais, participando de vínculos familiares, grupos de amizades e vivências que, somadas, moldam o indivíduo. Todo indivíduo é constituído a partir de grupos, com personagens introjetados em seu mundo interno (Zimmerman e Osório, 1997). Como primeiro contato extrafamiliar, pode-se citar as instituições de ensino, sendo ela uma escola, ou uma creche. Tal local possibilita um contato a primeira mão com indivíduos possuintes de uma própria bagagem histórica.

Em conjunto a isso, podemos citar, como evidenciou Sigmund Freud (1920 – 1923), em sua obra “A Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos”, sobre o Instinto Gregário:

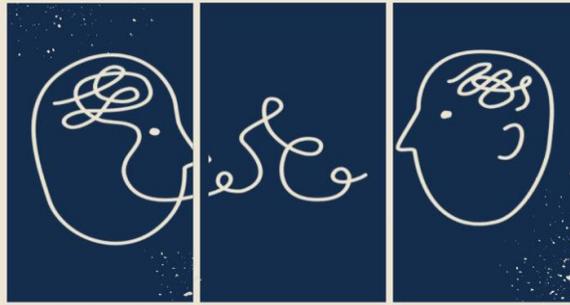
O indivíduo sente-se incompleto (incomplete) quando está só. O medo da criança pequena já seria a expressão desse instinto gregário. Contradizer o rebanho equivale a separar-se dele, e por isso é evitado angustiosamente.

¹ Graduando em Psicologia; Universidade Estadual de Londrina, joaov.psicologia@uel.br.

² Professora Doutora do Depto. de Psicologia e Psicanálise; Universidade Estadual de Londrina, katya@uel.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Mas o rebanho rejeita tudo o que é novo, inusitado. O instinto de rebanho seria algo primário, que não pode ser decomposto (which cannot be split up) (Freud, p.61).

A personalidade se apresenta como um processo produzido a partir das relações sociais que a pessoa estabelece ao longo da vida, logo, “[...] A personalidade não nasce, a personalidade se faz” (Leontiev, 1978a, p.137). Nesse sentido, pode-se evidenciar a importância do saber social durante a fase do desenvolvimento da personalidade, tal como a influência da internalização dos personagens em seu mundo interno.

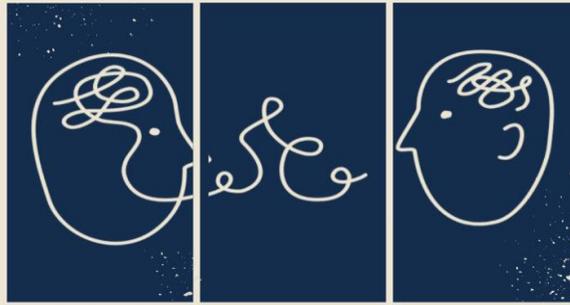
Atualmente, o contato social com indivíduos adversos ao círculo familiar acontece de forma ainda mais antecipada, considerando o contato que ocorre de forma virtual com o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), algo que possibilitou a abertura de um leque de oportunidades para obtenção e compartilhamento de informações de forma digital. Com apenas um smartphone, é possível ter acesso a informações, se comunicar em tempo real em todo o mundo, criando uma realidade conhecida como ciberespaço. (Carvalho, 2019).

Enquanto a maioria dos bens antigamente era representada por átomos, hoje boa parte deles é representada por bits. No passado, era necessário tinta, papel, cola, selo, envelope e correios para se comunicar, hoje, para o envio de uma mensagem eletrônica, basta que cada indivíduo a digite em seu teclado e clique em enviar. Mais modernamente, basta falar. Hoje, os *smartphones* fazem às vezes de computador pessoal e auxiliam e facilitam atividades rotineiras como pesquisar o melhor preço, traduzir frases em outras línguas e até mesmo, ajudar a encontrar um endereço. A informação é a marca da atualidade (Machado, 2014, p. 01)

Slonje e Smith (2008), Tokunaga (2010) e Garaigordobil et al. (2015), apresentam que devidas atividades interativas praticadas dentro das TDICs podem ser utilizadas para práticas antissociais, buscando oprimir, ofender, perseguir e/ou incitar a violência contra os outros.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO



20.03
21.03

2025

Quando esses comportamentos predatórios e hostis praticados de forma online se apresentam, podemos denominá-lo como *cyberbullying* ou *bullying virtual* (Slonje, 2008; Smith, 2008; Tokunaga, 2010). O *bullying* tradicional está normalmente associado ao contexto acadêmico/escolar, onde os agressores apresentam comportamentos hostis contra a vítima, de forma sistemática e durante um longo período.

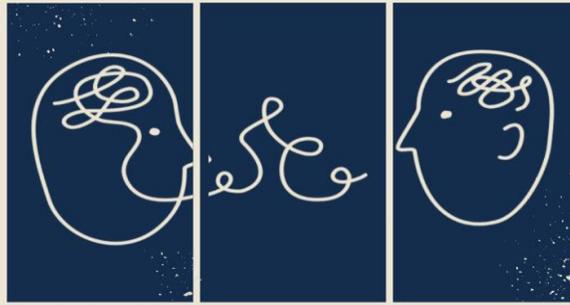
Já com relação ao *cyberbullying*, podemos destacar seu contexto específico sem o uso de força física para atacar a vítima fragilizada, precisando apenas de algum aparelho que se conecte a internet, como smartphones, tablets e/ou computadores (Slonje, 2008; Smith, 2008). Podemos então definir aqui o *Cyberbullying* como “*bullying* exercido de maneira on-line, que seja efetiva com o uso de equipamentos diversos conectados à internet” (Campell e Mergler 2014; Slonge e Smith, 2008; Tokunaga, 2010).

De acordo com Calvete, Orue, Estévez, Villardón & Padilha (2010), a falta de contato pessoal com as vítimas de agressão, alimentadas pelo anonimato pode, de certa forma, incitar crenças de imunidade em relação aos atos cometidos dentro do ambiente virtual, dificultando a sensação de empatia por parte do agressor, levando ao declínio no desenvolvimento de algumas habilidades sociais, proliferando cada vez mais comportamentos agressivos na internet.

Rondina, Moura e Carvalho (2016), descrevem que as práticas de *cyberbullying* estão intrinsicamente relacionadas à precariedade em determinadas funções psicológicas e a questões sociais, podendo também, acarretar menor qualidade de vida dos agressores, visto que dentro desse ambiente não existe nenhum tipo de prejuízo social ou individual, muitas vezes sendo utilizado como uma forma de lidar com angústias internas, estresse e com sofrimento.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

O aspecto mais comum na vivência da criança se dá através dos jogos digitais, que tem ganhado um grande espaço ao longo de seus quase sessenta anos de existência. (Marra; Reis, 2021). A internet possibilitou uma conexão de jogadores onde quer que eles estejam, agregando assim, diversas possibilidades de socialização, lazer, trabalho, educação, entre outros.

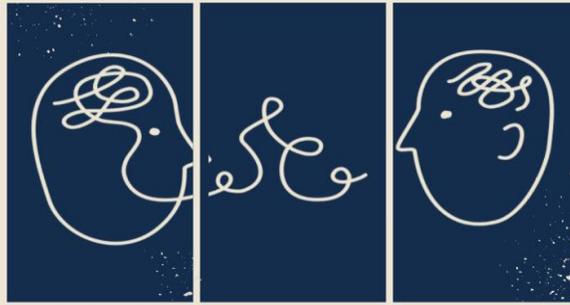
Segundo Lima (2021), o ambiente da internet é carregado por bagagem social advinda do mundo real (físico), por vezes se apresentando de maneira mais hostil, difundindo preconceitos, e conseqüentemente causando conflitos, angústias, ansiedades ao sujeito físico, no mundo real. (Marra; Reis, 2021), Tal ato se viabiliza, por vezes, devido sentimento de impunidade gerado pelo anonimato, e a falsa ideia de que as ações no domínio on-line não serão punidas, os usuários podem reproduzir comportamentos tóxicos (Carvalho, 2022).

Como ponto principal, posso destacar a masculinidade hegemônica, como descrito pelos autores (Marra; Reis, 2021), a manifestação do tipo ideal de homem, que afirma sua superioridade sobre as pessoas que distinguem desse padrão, seja por gênero, diferenças étnicas ou classes sociais, tendo como representado o homem, branco, cisgênero, sexualmente ativo, de classe média e jovem, sendo nomeado como “nerd ou gamer”³⁶ (Aragão, 2012; Connell, 2013; Ribeiro, 2019).

Huizinga (2000), em seu livro *Homo Ludens*: o Jogo como elemento da Cultura, realiza uma análise acerca do jogo enquanto elemento psicológico e social, fundamental ao homem. O autor destaca que as brincadeiras são antecedentes ao próprio conceito social que jogos são inatos em seres humanos e animais. Ele evidencia as características essenciais dos jogos, tais como a liberdade de participação, conseqüentemente auxiliando na autonomia do sujeito. Além disso pode-se citar a evasão da vida real, levando o jogador a assumir papéis diferentes da realidade (Marra; Reis, 2021).

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Um game é uma atividade lúdica composta por uma série de ações e decisões, limitado por regras e pelo universo do game, que resultam em uma condição final. As regras e o universo do game são apresentados por meios eletrônicos e controlados por um programa digital. As regras e o universo do game existem para proporcionar uma estrutura e um contexto para as ações de um jogador. As regras também existem para criar situações interessantes com o objetivo de desafiar e se contrapor ao jogador. As ações do jogador, suas decisões, escolhas e oportunidades, na verdade, sua jornada, tudo isso compõe a “alma do game”. A riqueza do contexto, o desafio, a emoção e a diversão da jornada de um jogador, e não simplesmente a obtenção da condição final, é que determinam o sucesso do game. (Schuytema, 2007, p. 7)

A partir do observado, vê-se necessário novas pesquisas que explorem fatores tais como as consequências mais evidentes da exposição prolongada a agressões virtuais, bem como os motivos que levam indivíduos a sentir a necessidade de rebaixar e diminuir as vítimas no ambiente online. Isso permitirá entender melhor as dimensões afetadas e desenvolver intervenções para monitorar e, assim, reduzir a incidência de cyberbullying entre estudantes e o público em geral que utiliza a internet para entretenimento. É crucial destacar que, independentemente da maneira como o cyberbullying se apresenta, todas as suas formas são prejudiciais para as vítimas, podendo levar a consequências negativas duradouras que podem persistir desde a adolescência até a vida adulta.

AGRADECIMENTOS

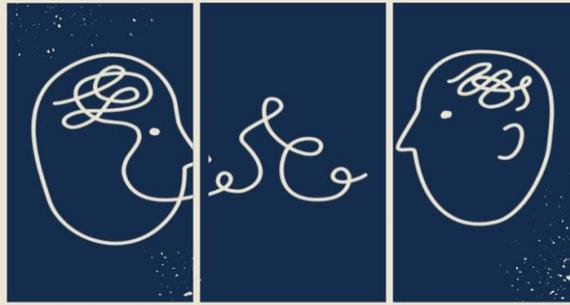
À Universidade Estadual de Londrina e à Fundação Araucária, pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rafael. O hegemônico não existe ou por que os homens querem ser playboys. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A*

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 6., 2012, Salvador. Anais [...]. Salvador: **ABEH**. p. 1-17, 2012.

BELUCE, Andrea. Estudantes e as tecnologias digitais: relações entre cyberbullying e motivação para aprender. 2019. Disponível em: http://www.uel.br/pos/ppedu/images/stories/downloads/teses/2019/BELUCE_http://www.uel.br/pos/ppedu/images/stories/downloads/teses/2019/BELUCE_-_Andrea_Carvalho.pdf [Andrea Carvalho.pdf](http://www.uel.br/pos/ppedu/images/stories/downloads/teses/2019/BELUCE_-_Andrea_Carvalho.pdf)

BELUCE, Andrea; RONQUI, Daniele; OLIVEIRA, Katya. Cyberbullying entre estudantes: um modelo para compreensão. **Revista de Instrumentos, Modelos E Políticas Em Avaliação Educacional**, 2(2), e021013. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51281/impa.e021013>

CALVETE, Esther et al. Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 5, p. 1128-1135, 2010.

CAMPBELL, Marilyn; COMPTON, Louise; MERGLER, Amanda. Teacher, parent and student perceptions of the motives of cyberbullies. **Social Psychology of Education: An International Journal**, v. 17, n. 3, p. 1-36, 2014.

CARVALHO, Andrea; OLIVEIRA, Katya; ALMEIDA, Leandro . A prática do cyberbullying nos ensinos médio e universitário: revisão de literatura. 17(1). 2022. <https://doi.org/10.7867/1809https://doi.org/10.7867/1809-03542022e934603542022e9346>

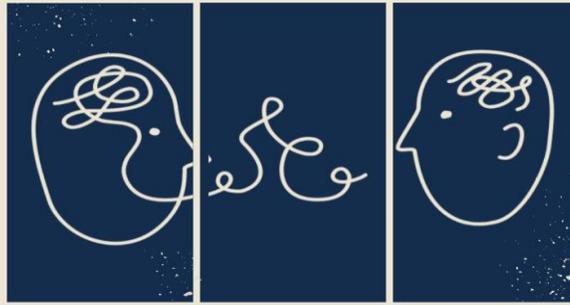
FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923), São Paulo: **Companhia das Letras**, v. 15, p.61, 2011.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. ed. [S. l.]: **Perspectiva**, 2000.

Leontiev, Alexei. Actividad, conciencia y personalidad. Buenos Aires: **Ciencias del Hombre**. (1978).

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

LIMA, Leandro. O potencial político dos videogames para o debate sobre gênero e sexualidade. **Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 129-143, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2017.191.12>. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.191.12>.

Acesso em: 15 nov. 2021.

MARRA, Arthur; REIS, Matheus. Personalizando o Avatar: Discutindo a Masculinidade Hegemônica dentro dos Jogos Digitais. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia. 2021) –Pontifca Universidade Católica, Minas Gerais, 2021.

SCHUYTEMA, Paul. Design de games: uma abordagem prática. São Paulo: **Cengage Learning**, 2007.

SLONJE, Roberth; SMITH, Peter. Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 49, n. 2, p. 147-154, 2008. doi: 10.1016/j.chb.2012.05.024

SLONJE, Roberth; SMITH, Peter; FRISEN, Ann. The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. **Computers in human behavior**, 29, 1, 26-32, 2012.

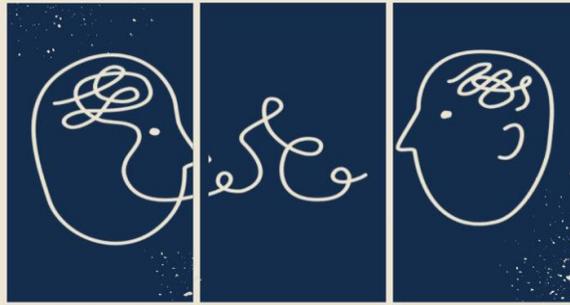
SLONJE, Roberth; SMITH, Peter. Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 49, n. 2, p. 147-154, 2008. doi: 10.1016/j.chb.2012.05.024

Tokunaga, Robert. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 3, p. 277-287, 2010.

ZIMERMAN, David; OSÓRIO, Luiz. e colaboradores. Como Trabalhamos com Grupos. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1997.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO



20.03
21.03
2025

A MODALIDADE ON-LINE AFETA A PSICOTERAPIA DE CASAL? A VISÃO DOS PACIENTES

Henry Derwood Mills¹

Maíra Bonafé Sei²

RESUMO

Palavras-chave: *Psicoterapia de casal; psicoterapia on-line; follow up; psicanálise.*

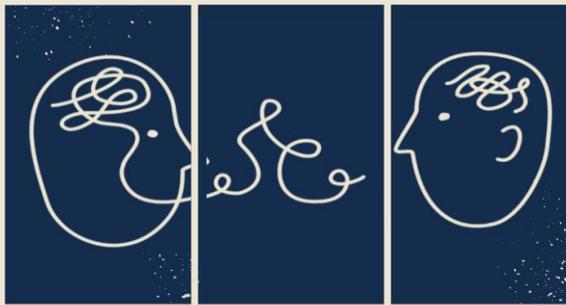
A psicoterapia de casal e família, intervenção nem sempre presente nos serviços-escola de Psicologia, é disponibilizada na Clínica Psicológica da UEL desde 2012 por meio de projetos de extensão coordenados pela segunda autora (Sei, 2017). Busca-se, com este tipo de intervenção clínica, ofertar uma modalidade de atenção em saúde mental a usuários da rede pública de saúde, atendendo membros da comunidade interna e externa à universidade. Almeja-se, igualmente, oferecer a possibilidade do estudante de Psicologia ampliar e aprofundar as habilidades e competências no campo da Psicologia Clínica, por meio de um atendimento que acolhe mais de um indivíduo na sessão. Tal experiência faz com que o terapeuta se veja face a uma dinâmica de transferências cruzadas (Correa, 1998), fomentando um olhar crítico, atento à contratransferência, especialmente nos casos da psicoterapia de casal, onde

1 Psicólogo, mestrando no programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGPSI-UEL), henry.derwood.mills@uel.br;

2 Psicóloga, pós-doutorado em Psicologia Clínica pelo IP-USP, professora associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina, orientadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGPSI-UEL), mairabonafe@uel.br.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



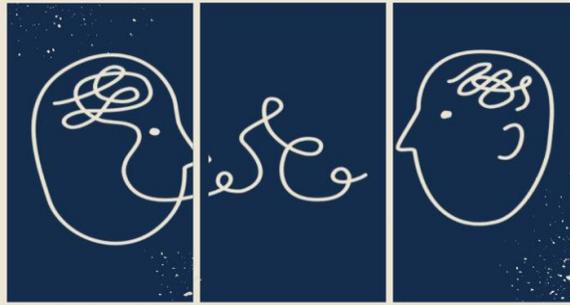
20.03
21.03

2025

frequentemente se vê uma polarização com o terapeuta sendo convidado a tomar partido da perspectiva de um ou outro cônjuge. A psicoterapia de casal e família sofreu múltiplas alterações com o passar dos anos. Apresenta-se como uma intervenção clínica que frequentemente faz uso de recursos artístico-expressivos para favorecer a emergência de conteúdos inconscientes, disponibilizando-se outra forma de comunicação, algo interessante no caso da presença de crianças e adolescentes ou face à abordagem de temáticas difíceis, traumáticas ou vergonhosas. Acredita-se também que o uso destes recursos trazem uma concretude para as sessões com produções que podem ser revisitadas em outros momentos do processo terapêutico (Sei, 2011), bem como na supervisão clínica, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem do futuro psicoterapeuta. Todavia, a pandemia da COVID-19 implicou numa mudança metodológica, ao que os atendimentos passaram - entre os anos de 2020 e 2022 - a serem realizados na modalidade on-line por meio de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), única alternativa segura de acordo com as normas sanitárias. A adaptação forçada a este novo modelo gerou impactos em todos os âmbitos da prática clínica no mundo inteiro, não previstos pela literatura sobre telepsicoterapia existente até então. No âmbito do projeto de extensão, um exemplo de mudança foi a suspensão temporária da psicoterapia familiar, centrando-se na psicoterapia com casais (Gouveia; Sei, 2022). Esta escolha decorreu da dificuldade de agregar crianças e adolescentes em uma sessão com diversos familiares, que nem sempre contavam com mais de um dispositivo eletrônico para acessar a sessão. Além disso, foi feita uma adequação forçada do uso de recursos artísticos mediadores ao modelo on-line, questionando-se: Como se desenha junto a uma família quando mediados apenas por telas? Havia uma complexidade a mais, qual seja, o uso dos dispositivos eletrônicos, da presença das tecnologias de informação e comunicação nas sessões cujos terapeutas eram profissionais ainda em

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



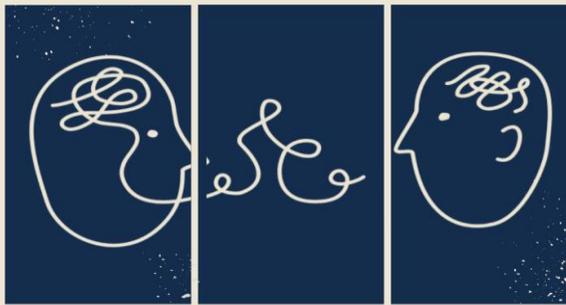
20.03
21.03

2025

formação. Com isso, a psicoterapia de casal, com ambos participantes já sendo adultos, com uma fluência da linguagem escrita nem sempre presente nas crianças, minimizava-se as dificuldades que os discentes que atuavam como terapeutas de casal viriam enfrentar. No que se refere à qualidade do serviço prestado, especialmente em um serviço público, destinado ao atendimento à população, mas também à formação profissional, entende-se ser relevante investigar como aqueles que são atendidos percebem este atendimento. No contexto da psicoterapia psicanalítica de casal, nota-se uma escassez de literatura advinda de pesquisas que investiguem a visão dos pacientes sobre a intervenção, realizam um seguimento do atendimento prestado, algo que aponta para a relevância de investigações com esse objetivo. Realizou-se, assim, uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, empreendida por meio de entrevistas semidirigidas on-line de *follow up*, com ex-pacientes, que foram então gravadas e transcritas na íntegra. Almejou-se apreender a visão dos usuários quanto à psicoterapia de casal realizada de forma on-line durante o período pandêmico. O projeto de pesquisa foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição junto à qual a pesquisa foi realizada. Todos os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) permitindo o uso de material para pesquisa. Vinte casais foram atendidos no período em questão, sendo que catorze cumpriam o critério de inclusão, qual seja, realização de, ao menos, sete sessões de atendimento, e apenas quatro indivíduos consentiram com a entrevista individual, sendo dois deles casados entre si e dois advindos de diferentes casais que se separaram após a terapia. Os dados foram categorizados por meio da análise de conteúdo temática (Bardin, 2011), por meio da qual realizou-se a leitura flutuante na íntegra do material transcrito, diversas vezes, marcando-se trechos relevantes e delineando unidades temáticas, considerando o objetivo da investigação. Por meio desse delineamento, foram realizados agrupamentos, estabelecendo-se categorias a

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



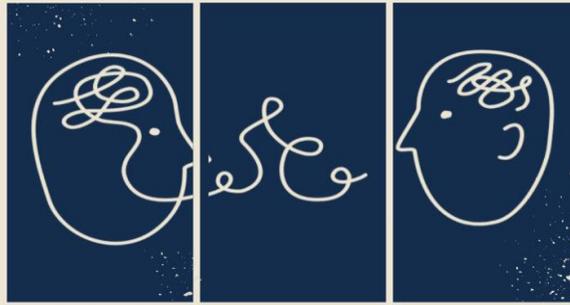
20.03
21.03

2025

posteriori com base no conteúdo exposto nas falas dos participantes, por frequência e/ou relevância implícita dos dados (Bardin, 2011), que foram então discutidos a partir da literatura psicanalítica. Para fins deste resumo, apresentar-se-á parte dos resultados obtidos referente à questão: “A imposição do modelo on-line afetou de alguma forma essa relação ou o tratamento?”, com as respostas tendo sido categorizadas no eixo temático: “As percepções dos usuários sobre a terapia e o terapeuta”. No que se refere aos resultados, observou-se que, quando perguntados, nenhum dos pacientes afirmou ter sentido diferença entre a modalidade on-line e a presencial para além das dificuldades iniciais de ajuste, como o manejo dos aparelhos celulares. Soma-se também a experiência de um participante que discorreu sobre a terapia de casal ter sido seu primeiro contato com psicoterapia, e que após sua separação escolheu realizar um atendimento individual também na modalidade on-line, sinalizando não possuir outro referencial de terapia com o qual comparar. Marca-se a ascendente presença do on-line na oferta dos serviços de psicoterapia, tanto públicos quanto privados, e cresce a porcentagem de usuários cujo único contato com a psicologia foi mediado por uma tela. Na literatura psicanalítica clássica, encontra-se imensa valorização quanto ao conceito de *setting*, que pode ser entendido como o ambiente em que a terapia ocorre, o que historicamente faz referência à clínica tradicional em espaço físico com poltrona e divã como melhor condição para que a análise aconteça. Urge-se, no entanto, que os atendimentos psicoterapêuticos de forma geral tenham de acompanhar o ritmo e as modalidades com as quais sujeitos se relacionam, e que a pandemia alavancou a transição ao on-line de forma irrefreável. Considera-se, assim, caber aos espaços de formação e pesquisa acompanhar essa novidade técnica e cultural para que se possa ter melhor dimensão quanto à pergunta de se há impacto em um atendimento se realizar na modalidade on-line, visto que, contrariando talvez o senso comum e a literatura clássica, os ex-pacientes de

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

psicoterapia de casal consultados não demarcam diferenças quanto ao *setting*, discorrendo sobre os benefícios obtidos com a psicoterapia realizada, mesmo no enquadre on-line.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e ao CNPq pelo financiamento da pesquisa de iniciação científica.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CORREA, O. R., Aspectos da transferência e contratransferência na abordagem psicanalítica do grupo familiar e casal. In: RAMOS, M. (Org.) **Terapia de casal e família: o lugar do terapeuta**. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 61-72.

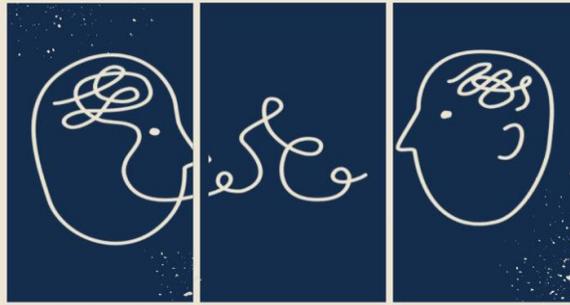
GOUVEIA, E. C.; SEI, M. B. Extensão universitária pré e pós-pandemia: retratos da psicoterapia de casal na Clínica Psicológica da UEL. In: 40º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul - 40º SEURS, 2022, Chapecó. **Anais do 40º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul**. 40º SEURS. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2022.

SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise**. São Paulo: Zagodoni, 2011.

SEI, M. B. O atendimento a casal e família em serviço-escola de Psicologia. In: SEI, M. B.; GOMES, I. C. (Orgs.) **Formação, pesquisa e a clínica psicanalítica de casais e famílias**. Londrina: UEL, 2017. p. 35-53.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

ENTRE FREUD E A FRAUDE: O PROTAGONISMO DA SUBJETIVIDADE HUMANA NA ERA DAS INVESTIGAÇÕES MEDIADAS POR IA

Airton Carlos Patzlaff¹

RESUMO

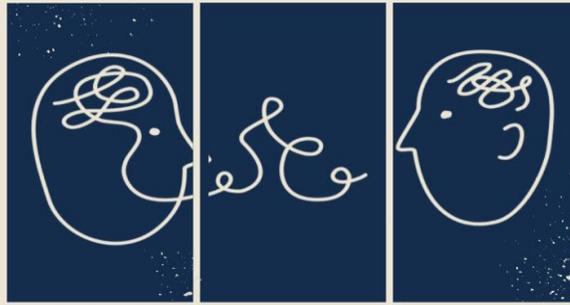
Palavras-chave: *subjetividade; inteligência artificial; pós-modernidade; identidade profissional.*

Em primeira instância, nota-se que a pós-modernidade traz em seu âmago transformações profundas nas estruturas socioeconômicas, subjetivas e interpessoais, redefinindo papéis sociais e ressignificando identidades no mundo contemporâneo. Um dos fenômenos mais recentes desta Era atual é a ascensão da Inteligência Artificial (IA), a qual tem gerado transformações no mercado de trabalho e – inevitavelmente – alterado o senso de identidade profissional. De acordo com o último relatório emitido pelo Fórum Econômico Mundial (Relatório Sobre o Futuro do Trabalho, 2025a), profissões tradicionais, tais como aquelas ligadas à auditoria e à investigação, estão entrando em declínio devido à otimização proporcionada por ferramentas de Business

¹ Mestre em Desenvolvimento pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, especialista em Neuropsicologia pela Universidade Anhanguera, pós-graduado em Personal Branding pela Universidade Norte do Paraná e em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Especialista (lato sensu) em Auditoria, Perícia e Investigação pela Escola Superior do Ministério Público. Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade de Franca e Bacharel em Administração pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Ministério Público do Estado do Paraná, e-mail: airtonpatz@gmail.com.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

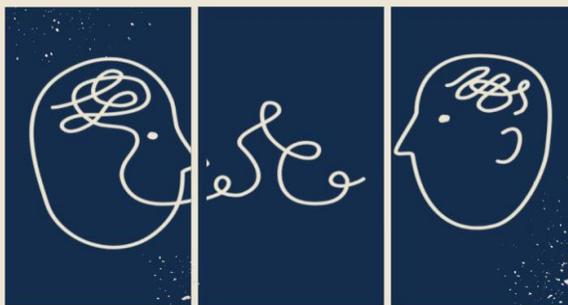
2025

Intelligence e IA, como o Power BI e o ChatGPT. Este cenário levanta indagações centrais quanto ao papel do ser humano em um mundo cibernético cada vez mais dominado pela interface homem-máquina. Neste desiderato, este trabalho se propõe a refletir criticamente sobre o protagonismo da subjetividade humana na Era das investigações mediadas por IA. Como objetivo principal, vislumbra-se demonstrar que, embora a racionalidade toyotista/neoliberal tenha promovido uma subjetividade capitalística (produtivista/concorrencial), a crise de identidade profissional provocada hodiernamente pela IA oferece uma oportunidade única para o resgate da essência humana. Com efeito, este itinerário acadêmico articula conceitos de autores consagrados, tais como: Freud, Guattari, Giddens e Solms, além de refletir acerca de evidências empíricas atuais, a exemplo dos estudos de Ramamoorti, Morrison e Koletar (2014), bem como Cardoso (2024).

Quanto aos aspectos metodológicos da pesquisa, os avanços teóricos presentes neste estudo resultaram de uma ampla pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, realizada no intuito de oferecer uma maior compreensão acerca dos efeitos de subjetivação trazidos pela Inteligência Artificial no mercado profissional, tendo como delimitador contextual o universo da auditoria/investigação destacado pelo Fórum Econômico Mundial (2025b). Por meio de uma revisão bibliográfica crítica e interdisciplinar, selecionaram-se obras de referência na área da psicanálise, filosofia, sociologia além de estudos recentes sobre Inteligência Artificial. As etapas metodológicas incluíram: levantamento de fontes teóricas relevantes; análise crítica dos impactos da IA no mercado de trabalho e na subjetividade humana; interpretação dos dados à luz da perspectiva filosófica, psicanalítica e sociológica. Ademais, destaca-se que este trabalho não envolve pesquisa com seres humanos ou animais, estando isento de aprovação pelo Comitê de Ética. Por derradeiro, infere-se que a presente análise emanou de textos científicos, relatórios institucionais e reflexões

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

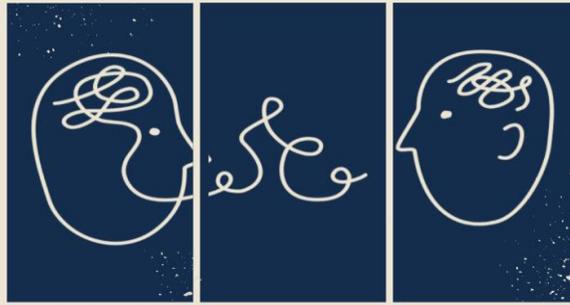
2025

teóricas, buscando compreender – entre outras problemáticas contemporâneas – como os dispositivos de subjetivação pós-modernos têm afetado a identidade profissional e a subjetividade humana.

Os resultados deste estudo revelam que a ascensão da IA tem provocado uma crise de identidade profissional significativa, especialmente em áreas como auditoria e investigação. Por conseguinte, é natural que tais circunstâncias desencadeiem um sentimento de angústia por parte deste grupo de profissionais, os quais gradativamente visualizam seu prestígio e seu senso de utilidade serem substituídos pelo uso de máquinas, capazes de replicar – individualmente – o trabalho de centenas de humanos. Neste sentido, Freud (1930/1996, p.83) já alertava: “a vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós, proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis”. Ao revés de tais pulsões, evidências empíricas sugerem que a capacidade humana de captar traços comportamentais e subjetividades inconscientes permanece insubstituível. Ramamoorti, Morrison e Koletar (2014) argumentam que a mente humana possui uma singularidade inerente, sobretudo na identificação de dinâmicas de poder e na percepção de nuances afetivas que impulsionam o ato criminoso, destacando-se dentro da psicanálise forense: o traço de personalidade narcisista e a racionalização de comportamentos criminosos. Essa capacidade de apreender sutilezas emocionais é crucial para dismantelar esquemas complexos de corrupção e fraude, algo que as máquinas ainda não conseguem realizar de forma autônoma. Ademais, Cardoso (2024) destaca que a IA carece de meta-aprendizagem, autorregulação e consciência, limitando sua eficácia em contextos que exigem uma compreensão subjetiva mais profunda. Na perspectiva de Guattari (2009), a subjetividade capitalística aliena o ser humano de sua condição ontológica, impondo anseios e desejos inalcançáveis, sendo a pretensão de igualar-se às máquinas uma delas. Segundo já preconizava Bauman (1998, p. 23), exige-se do homem

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

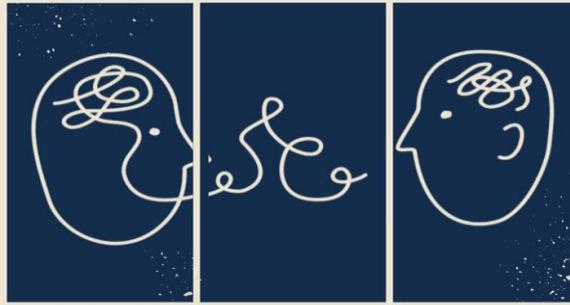
2025

contemporâneo: “mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades”. Contudo, o paradoxo da ambivalência evidencia que a mesma tecnologia moderna que fere a identidade profissional também oferece uma oportunidade para o resgate da essência humana subjetizável. Tal como proposto por Giddens (1991), a dupla hermenêutica ilustra como as estruturas sociais são constituídas pela ação do homem, mas – inexoravelmente – também moldam estas mesmas ações. Nesse sentido, a subjetividade humana emerge como um processo em espiral, onde “eu afeto e sou afetado”. Em uma perspectiva lacaniana, entendemos que sempre haverá um interacionismo simbólico entre “significado e significante”. Sob um viés neuropsicanalítico teorizado por Solms (2017), verifica-se que a busca natural do inconsciente pela homeostase oferece uma chave interpretativa valiosa para compreender como os sujeitos podem encontrar equilíbrio neste novo contexto pós-moderno. A dinâmica do “afetar e ser afetado” sugere que a própria crise provocada pela IA pode catalisar um processo de reintegração, abarcando aspectos mais profundos da subjetividade humana outrora subjugada pela racionalidade instrumental.

Por derradeiro, conclui-se que o protagonismo da subjetividade humana na Era das investigações mediadas por IA emerge como consequência inevitável desta “Dupla Hermenêutica”. Enquanto a IA otimiza processos e identifica padrões típicos, sua incapacidade de captar nuances emocionais e psíquicas reforça cada vez mais a importância – exclusiva – do ser humano neste novo cenário. A crise de identidade profissional provocada pela ascensão da Inteligência Artificial deve ser vista como uma oportunidade e não como uma ameaça, haja vista as limitações tecnicamente implícitas das IA’s que culminam no resgate das virtudes essencialmente humanas, onde atributos emocionais e afetivos assumem o protagonismo. Parafraseando Sartre

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

(2016): o homem é um projeto inacabado, e é nessa incompletude que reside sua singularidade. A subjetividade humana, inerente e axiologicamente única, deve ser valorizada como um domínio exclusivo do ser humano. Destarte, no horizonte temporal e espacial da pós-modernidade, vislumbra-se a emergência de uma nova subjetividade humanizada, onde os valores ontologicamente humanos voltam a ocupar um papel central no “vir-a-ser”.

AGRADECIMENTOS

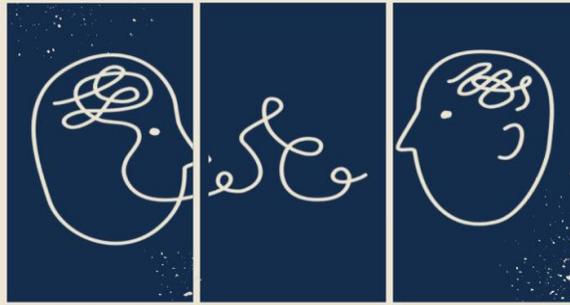
À Universidade Estadual de Londrina e à Liga de Psicanálise da UEL por oportunizar a disseminação do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CARDOSO, F. C. É possível uma subjetividade artificial? Algumas considerações filosóficas sobre os recentes avanços tecnológicos da inteligência artificial a partir do problema difícil da consciência. **Revista Filogênese**. Marília: UNESP, v. 19, n. 1, 2024.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1930).
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. 20 ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009.
- RAMAMOORTI, S.; MORRISON, D.; KOLETAR, J. W. Bringing Freud to Fraud:

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Understanding the State-of-Mind of the C-Level Suite/White Collar Offender through “A-B-C” Analysis. **Journal of Forensic & Investigative Accounting**. Texas: Texas A&M University, v. 1, 6 ed., n. 1, 2014.

SARTRE, J.-P. **O Ser e o Nada: ensaio de uma ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

SOLMS, M. What is “the unconscious,” and where is it located in the brain? A neuropsychanalytic perspective. **Annals of the New York Academy of Sciences**. Wiley-Blackwell: New York, v. 1, 1406 ed, 2017.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Relatório sobre o Futuro dos Empregos 2025**.

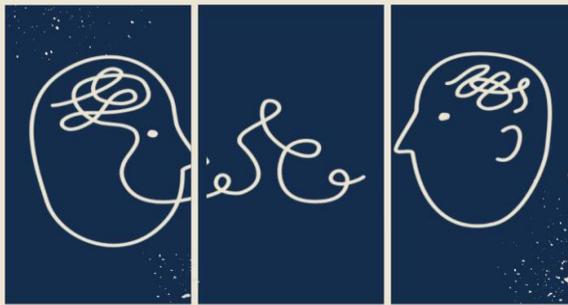
Disponível em:
https://reports.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2025_Press_Release_PTBR.pdf. Acesso em: 23 fev. 2025a.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The Future of Jobs Report 2025**. Disponível em:

<https://www.weforum.org/publications/the-future-of-jobs-report-2025/>. Acesso em: 23 fev. 2025b.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

ENTRE OS EXCESSOS DE FALA E OS VACÚOLOS DE SILÊNCIO: POSSIBILIDADES ANALÍTICAS NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Clara Iwai Baracat¹

Sonia Regina Vargas Mansano²

RESUMO

Palavras-chave: *silêncio; distanciamento; clínica.*

Os processos de subjetivação são transpassados por elementos discursivos, o que implica a presença de dispositivos ditos e não-ditos (FOUCAULT, 1977 [2014]). Dada a variedade de dispositivos ofertada pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), a rede que se tece entre eles compreende velocidades e reatividades próprias. Com o avanço dessas tecnologias e as consequentes mudanças no modo de produção de subjetividade, a vida na pósmodernidade é bombardeada de imagens e narrativas de mundo, que promovem alívios fugazes da sensação de fragilidade e de precariedade, ao mesmo tempo em que dificultam o contato com dores e mal-estares emergentes.

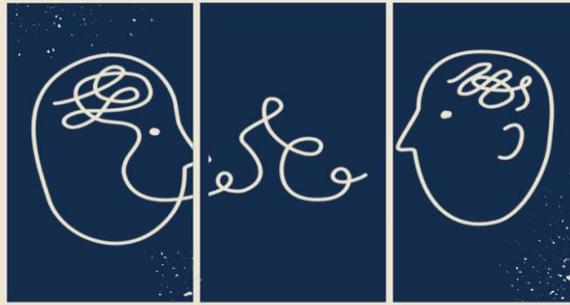
Rolnik (2018) concebe esses elementos atuais enquanto componentes subjetivos de um período de convulsão. Para ela, este momento da vida humana apresenta imensas dificuldades e, ao mesmo tempo, a vida grita mais alto, a pulsão se

¹ Graduanda em Psicologia. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação Araucária ; Universidade Estadual de Londrina, mariaclara.baracat@uel.br

² Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP; Universidade Estadual de Londrina, mansano@uel.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

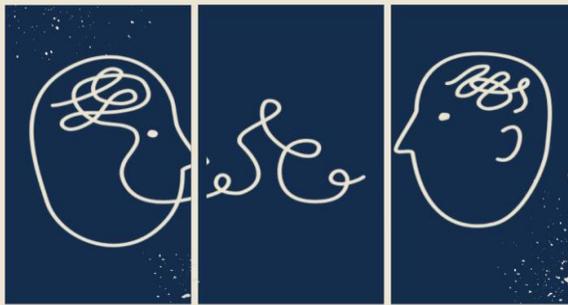
movimenta e o desejo é convocado. É nessa convocação desejante que um complexo movimento subjetivo pode aliar-se a experimentação de si, a fim de caminhar na contramão do sequestro da pulsão vital pelo regime capitalístico atual, que propaga o consumo deliberado de imagens, objetos e modos de vida.

Diante da abundância de objetos ofertados pelo mercado e da consequente velocidade de comunicações rasas, possibilitar momentos marcados pelo vácuo de silêncio, nos quais se pode pensar a própria existência e a do outro, realizando-o calmamente, torna-se uma raridade e até mesmo um desafio (ORLANDI, 2007). Tais vácuos, neste estudo, dão ênfase aos momentos em que se produz silêncio e, a partir desse vazio, aberturas para experimentação e criação de vida. A pesquisa objetiva, assim, analisar as possibilidades de produção de existências a partir do silêncio, resistindo ao contexto de aceleração extrema e às tentativas mercadológicas de sequestro do desejo. Para tanto, adotamos metodologicamente a estratégia teórica pautada no diálogo entre a Esquizoanálise e a Psicologia Social, uma vez que as tentativas de apropriação do desejo pelo capital (ROLNIK, 2018) – assumindo formas variadas – resultam em uma vida subjugada a regras e normativas mercadológico-informacionais que distanciam a escuta ativa dos afetos, tão necessários para mobilizar uma experiência analítica.

Como resultados destacamos que os processos de subjetivação compostos em meio às instituições são constituintes da vida em sociedade, mas, ao mesmo tempo, abrem espaços para diferentes formas de assujeitamento. A concretude desses processos gera a sensação de familiaridade, a partir do compartilhamento de semelhantes formas de linguagem, valores, sensações e de reconhecimento entre sujeitos. Por outro lado, a dimensão experimental e criadora da vida ocorre de modo imanente, sem um contorno definido que proporcione familiaridade ou controle. No lugar das formas de nomeação, a dimensão criadora se dá por ressonância, momento

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

em que os sujeitos se misturam e se atravessam afetivamente. Desses encontros plurais e por vezes silenciosos, emerge a estranheza da diferença e do fugaz.

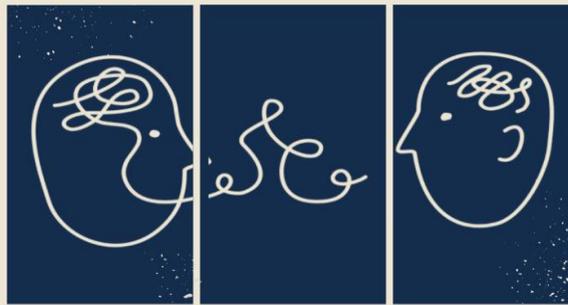
Acolher o estranho que é despertado pelo silêncio implica um trabalho analítico desafiador. Os resultados desta pesquisa sinalizam que é pela aproximação e instigação do silêncio que se pode, aos poucos, iniciar uma produção de si pela via da criação, uma vez que essa distância promovida pelo estranho, em larga medida inominável e silencioso, possibilita as composições dos modos de vida (FUGANTI, 2022). Daí a relevância de poder silenciar e distanciar para acessar apreensões afetivas desconhecidas e inusitadas.

Fuganti (2025) aponta que a vida é constituída pelo intervalo dos movimentos, acontecendo entre instantes. Em outras palavras, o silêncio é um momento necessário para que a vida aconteça de modo fluido, indeterminado e autônomo. Isso porque a vida, para Fuganti (2025), se diferencia a partir desses vacúolos, sendo eles a condição para analisar os movimentos e torná-los mais complexos. Assim, as fugas anestésicas do mundo contemporâneo, que preenche todos os espaços com a linguagem, as imagens e a representação, inevitavelmente deparam-se com a barreira do silêncio, enquanto um vazio impossível de ser preenchido e que, desse modo, abre espaços para que a análise de si e do outro possam ser realizadas.

Na contramão da velocidade estabelecida capitalisticamente no contexto contemporâneo, o silêncio marca uma temporalidade própria. Em aliança ao tempo que se dispõe à proximidade do desejo, se refina a escuta, a fim de ouvir as urgências do corpo e dessa forma buscar modos de expressão que desatam os nós na garganta. Esses nós, para Rolnik (2018), são sinais de adoecimento, uma vez que aquilo que pede passagem pela via da expressão é barrado por uma lógica de ensurdecimento dos afetos, face à busca por preencher todos os vazios com a linguagem, as imagens e a representação.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

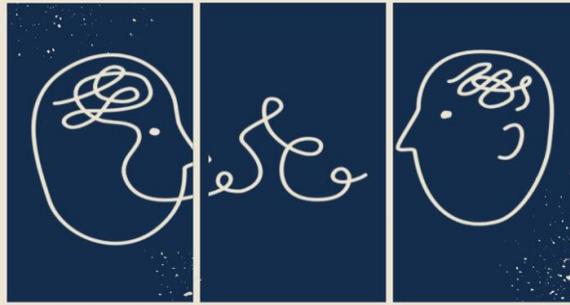
Tal barreira tende a substituir o pensamento ativo por uma ânsia por revelações e certezas do que seria a verdade e pelo controle que supostamente se poderia exercer a partir disso. Nota-se, assim, que uma política de subjetivação que circula na contemporaneidade ainda é alicerçada na primazia da verdade, ou seja, buscam-se verdades que expliquem e solucionem problemas definitivamente. Nessa expectativa idealizada, os afetos são encarados enquanto algo a ser recoberto, negado e submerso, à medida que despertam ligações que vão além da familiaridade proporcionada pelo raciocínio vinculado à busca de verdades e de nomeações.

A pesquisa mostra ainda, como resultado, que os momentos de silêncio possibilitam outra via de existência – para além do reativo e ressentido – que são vinculados às formas de controle e manutenção do instituído. O silêncio, enquanto possibilidade de distanciamento do excesso de fala, pode gerar uma escuta dos afetos, fecundar mundos e anunciar uma implicação com os processos de criação (ROLNIK, 2018). Na contramão das prescrições contemporâneas que se colocam como capazes de resolver os problemas, deparamo-nos, no silêncio, com outro modo de se relacionar com o estranho que emerge nos encontros com a diferença. Isso porque, buscar explicações meramente conscientes enquanto única estratégia clínica e de cuidado resulta em anestesiamento dos corpos diante dos movimentos vitais dos afetos.

Desse modo, o silêncio permite se relacionar com o outro sem saber o que pode surgir, à medida que não se controla o vazio indeterminado (FUGANTI, 2022). Isso só é possível pela capacidade analítica de criar distâncias dos acontecimentos. A distância, para Fuganti (2022), é condição para a composição da vida, uma vez que é investindo no vazio que o sujeito se torna mais capaz de acessar os afetos e suas intensidades. A distância promovida pelo silêncio pode servir como operador de produções que contrapõem ao imperativo da fala e da completude, característico do tempo presente.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Apesar de estar em andamento, a presente pesquisa já aponta para algumas conclusões parciais. Primeiro, o distanciamento gerado no silêncio implica em maior investimento no tempo presente. Este se torna um território subjetivo fecundado por afetos, nos capacitando a relações vivas e intensas com o outro, ainda mais em tempos de intolerâncias e de brutalidades. Viver no presente implica uma aposta na possibilidade de o sujeito assumir sua posição desejante e se responsabilizar pelas relações que compõe (LANDI; CHATELARD, 2015) em sua trajetória de vida.

Uma segunda consideração é a relevância de privilegiar a dimensão não verbal dos processos analíticos a fim de atender às novas demandas da clínica (LOPES; KLAUTAU, 2018). Nesse sentido, o vazio exercido no silêncio se mostra como condição para elaboração das experiências cotidianas apesar de, em larga medida e defensivamente, ser vivenciado enquanto insuportável ante as exigências capitalísticas de produção contemporâneas.

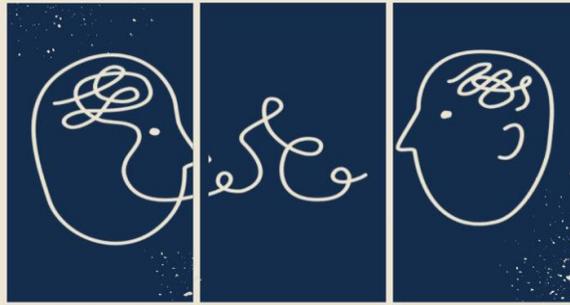
Por fim, enfrentar as consequências afetivas e libidinais do regime atual é um desafio para a prática clínica, pois é pela via do desejo que o sujeito pós-moderno é capturado (ROLNIK, 2018) nas armadilhas da produção e dos excessos de linguagem e imagens. Isso deixa entrever as possibilidades de implicação dos terapeutas com os processos afetivos micropolíticos que se fazem presentes em sua prática clínica, se aproximando do silêncio como oportunidade de acolher, sustentar afetivamente e analisar a vida de seus pacientes em sua complexidade.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e à Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. Sobre a História da sexualidade. *In*: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz & Terra, 1977 [2014]. p. 363 – 406.

FUGANTI, L. **28 pílulas para aprender a pensar**: Aprendendo a pensar: quem pensa em nós? [S. l.]: Instituto Mojo, 2022.

INVESTINDO na indeterminação. Luiz Fuganti. [S. l.: s.n., 2025]. 1 vídeo (11min. 48s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=baI3oMYNhdc>. Acesso em: 8 fev. 2025.

LANDI, E. C.; CHATELARD, D. S. O lugar do analista e a ética do desejo. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 2, p. 156-170, 2015.

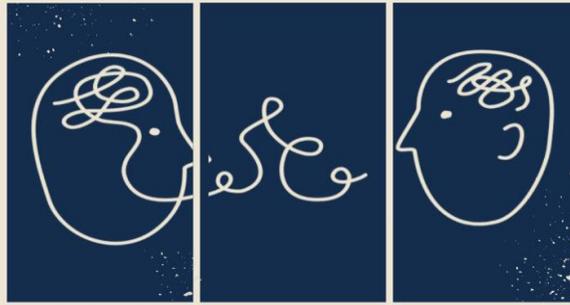
LOPES, G. G.; KLAUTAU, P. O trabalho de perlaboração e suas implicações para os sofrimentos narcísico-identitários: uma contribuição de R. Roussillon. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 309-328, 2018.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetizada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO



20.03
21.03

2025

JOGOS ELETRÔNICOS, FENÔMENOS TRANSICIONAIS E A CONTRIBUIÇÃO DOS GAMES PARA O PROCESSO DE AMADURECIMENTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Diego Conrado Bernardo¹

Ricardo da Silva Franco²

Maíra Bonafé Sei³

RESUMO

Palavras-chave: *jogos eletrônicos; desenvolvimento emocional; objeto transicional.*

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da sociedade ao longo dos anos possibilitou o progresso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS) que, conseqüentemente, impulsionaram a criação de diversos dispositivos eletrônicos. Tais dispositivos se tornaram parte integrante da vida cotidiana do homem por proporcionarem melhoras significativas na sua qualidade de vida. Entre esses dispositivos, destaca-se o videogame, criado inicialmente como uma ferramenta de lazer, mas alcançando

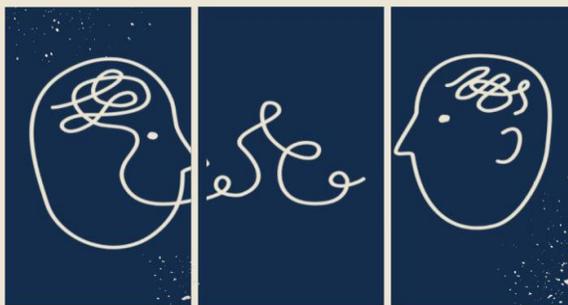
¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos – Unifio, di.cbernardo36@gmail.com;

² Psicólogo e mestre em educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor e supervisor de estágio no curso de psicologia do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos – UniFio, rs_franco@hotmail.com;

³ Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, mairabonafe@uel.br.,

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

inúmeras outras funções que produziram transformações nas relações humanas. O videogame consiste em um aparelho eletrônico com a capacidade de executar jogos eletrônicos, entendendo-se jogos eletrônicos “como um conjunto de informações visuais disponíveis para um ou mais jogadores, em diferentes formatos como computadores, consoles, dispositivos móveis” (Ramos; Fronza; Cardoso 2018, p. 218).

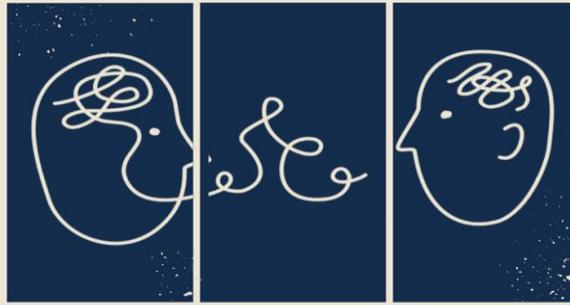
Com o crescimento contínuo do mercado de games, a presença dos jogos eletrônicos se tornou constante na vida das pessoas, justificando a importância de estudos científicos para compreender esse fenômeno e seus impactos nas relações sociais. Destarte, objetivou-se investigar como jogos eletrônicos podem contribuir para o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes, a partir da hipótese de o jogo eletrônico poder funcionar como objeto transicional no processo de amadurecimento.

METODOLOGIA

Trata-se de em uma revisão sistemática da literatura (Galvão; Pereira, 2014), que almejou investigar o papel dos jogos digitais como objetos transicionais nos processos de subjetivação. A busca foi realizada em três bases de dados: SciElo, PePsic e Google Acadêmico. Utilizou-se combinações de termos de busca para ampliar a abrangência dos resultados, como: “jogos eletrônicos” e “Winnicott”, “jogos eletrônicos” e “objeto transicional” e “jogos eletrônicos” e “desenvolvimento emocional”. Delineou-se os seguintes critérios de inclusão: trabalhos científicos publicados no formato de artigo, artigos científicos publicados em periódicos nos últimos 20 anos (2004-2024) e artigos de psicanálise winnicottiana. Foram encontrados cinco artigos publicados em periódicos, que serviram de base teórica para a discussão deste trabalho: ““O brincar e a realidade”... virtual: videogame,

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

assassinatos e imortalidade” (2009); “A mágica do jogo e o potencial do brincar” (2010); “O brincar e a realidade virtual” (2012); “O brincar e o espaço potencial no ambiente virtual” (2018); e “Os jogos virtuais e as novas realidades: o uso possível do objeto” (2023).

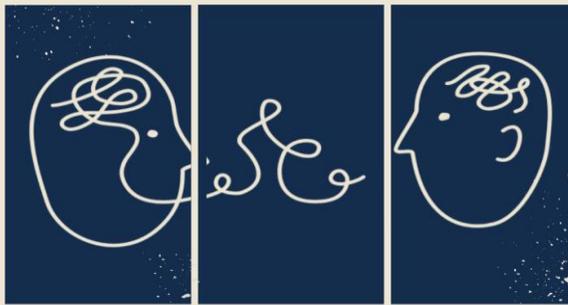
DISCUSSÃO

Crawford (1982) identificou quatro elementos fundamentais que o design de games podia oferecer: representação, interação, conflito e segurança. Os jogos eletrônicos fornecem representações subjetivas da realidade, mesmo que simplificadas. Assim, nota-se que conteúdos psíquicos criados a partir dos encontros sociais, estão também presentes nos games. A interação é uma característica que diferencia e potencializa os games em relação a outros instrumentos como a própria literatura, onde o leitor está mais num papel passivo, de espectador da trama que vai se desenrolando sem que ele tenha realmente alguma influência nos acontecimentos. Já os games proporcionam justamente a possibilidade de escolhas que têm consequências concretas para que a trama possa se desenrolar, colocando o jogador num papel muito mais ativo e não de mero espectador. Essa maior possibilidade de interação faz com que o conflito possa surgir naturalmente, uma vez que o jogador tem que fazer escolhas que vão alterar os destinos de toda a trama da história que está sendo experienciada. O conflito tende a criar situações de risco e perigo, porém o jogo permite que o jogador possa se submeter à experiência psicológica dos conflitos que surgem sem a possibilidade de sofrer realmente os seus danos, ou seja, o jogador pode experienciar tais conflitos com segurança.

As características destacadas podem evidenciar uma aproximação com o conceito de objeto transicional. Segundo Winnicott (2019), o objeto transicional serve de ponte entre o mundo interno e o mundo externo, permitindo à criança vivenciar o

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

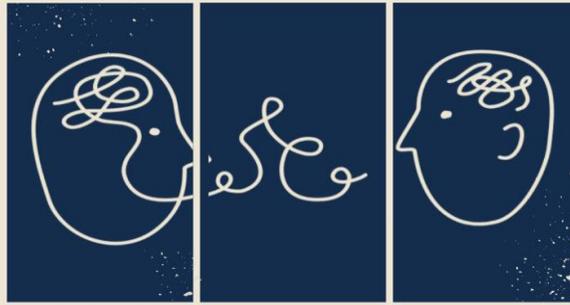
mundo de maneira gradual, sem que precise se distanciar completamente de um ou de outro. Nos jogos eletrônicos, podemos entender que os ambientes e personagens do jogo desempenham um papel análogo ao deste objeto, pois criam um espaço simbólico que permite ao jogador explorar suas emoções, desejos e fantasias de maneira controlada e sem as consequências diretas de uma transgressão no mundo real.

Com isso, podemos expandir nossa análise para os jogos virtuais, que permitem interações entre múltiplos jogadores e a exploração de desejos através de um espaço potencial. Nesse sentido, quando se observa um jogo de enredo violento, a morte de outro personagem no ambiente virtual não representa uma violação direta à civilização, pois a ação ocorre dentro do mundo digital. Assim, os jogos virtuais, com sua exploração da violência, criam uma fronteira entre o inconsciente e a realidade virtual, funcionando como um espaço simbólico que permite ao jogador satisfazer desejos reprimidos sem que isso afete a realidade social. A morte no jogo representa, então, um dos desejos mais profundos e ocultos da psique humana, realizado dentro da fantasia, sem prejudicar a sociedade real (Martinez, 2009; Brandão; Bittencourt; Vilhena, 2010; Romão-Dias; Nicolaci-daCosta, 2012; Gregório; Amparo, 2018; Turkiewicz, 2023).

Contudo, os jogos virtuais não se limitam a serem apenas mecanismos de exploração individual dos desejos. Representam igualmente uma dinâmica de interação social, evidenciando a capacidade do espaço virtual de funcionar como um meio de construção de vínculos e identidades coletivas. Observa-se que jogos como os de RPG online, por exemplo, criam comunidades de jogadores onde a colaboração e a comunicação são essenciais. Esses jogos exigem que os jogadores desempenhem papéis complementares, gerando um ambiente colaborativo, com base na interação e no trabalho em equipe. Essa interação facilita o desenvolvimento de habilidades

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

sociais, especialmente em contextos de timidez ou dificuldades de interação. A virtualidade pode se configurar não apenas como um meio de explorar o self, mas também como uma arena de socialização e construção de relações interpessoais que têm impacto no desenvolvimento emocional e psicológico dos jogadores (Martinez, 2009; Brandão; Bittencourt; Vilhena, 2010; Romão-Dias; Nicolaci-da-Costa, 2012; Gregório; Amparo, 2018; Turkiewicz, 2023).

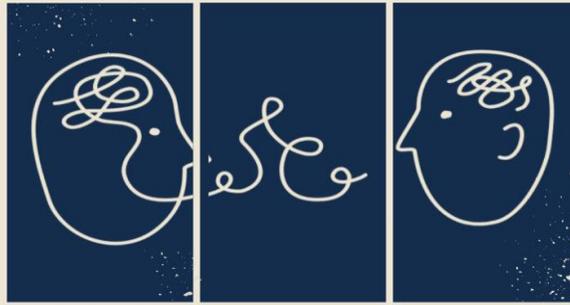
De forma análoga ao que Winnicott (2019) descreve sobre a criança e seus objetos transicionais, os jogos virtuais, com suas dinâmicas simbólicas e interativas, podem ser entendidos como um meio de transição entre o mundo interno do jogador e a realidade externa da sociedade. O ambiente virtual oferece um espaço simbólico onde o jogador pode se engajar em um processo de autoexploração, lidar com desejos reprimidos e experimentar diferentes identidades, sem romper completamente com a realidade social. Esse espaço transicional é importante, pois permite ao jogador um processo de adaptação entre os seus impulsos internos e as normas sociais, funcionando como um espaço simbólico em que ele pode explorar o que está fora do alcance na realidade cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta revisão de literatura, observou-se que a produção científica sobre a análise dos videogames como fenômeno transicional e suas contribuições para o desenvolvimento ainda é escassa. A pesquisa realizada sugere que os videogames podem desempenhar um papel significativo no desenvolvimento psicológico e social de crianças e adolescentes. A partir das teorias de Freud e Winnicott, foi possível identificar que os jogos digitais funcionam, em muitos aspectos, como ambientes simbólicos de exploração, permitindo aos jogadores vivenciar emoções e expressar desejos reprimidos de forma controlada e segura. Nesse sentido, esses espaços digitais

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

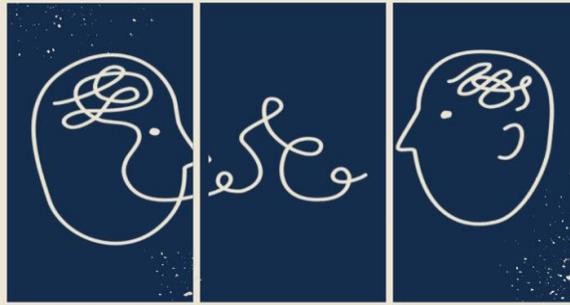
podem ser vistos como um território no qual os jovens têm a oportunidade de refletir sobre suas vivências internas sem enfrentar as consequências diretas da realidade social. A natureza colaborativa dos jogos online também se destaca, sendo uma ferramenta relevante para o aprimoramento de habilidades sociais, especialmente em indivíduos que apresentam dificuldades de interação em contextos presenciais.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, R. P.; BITTENCOURT, M. I. G. F.; VILHENA, J. A mágica do jogo e o potencial do brincar. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 10, n. 3, p. 835-863, 2010.
- CRAWFORD, C. *The art of digital game design*. Vancouver: Washington State University, 1982. GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para a sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 23, n. 1, p. 183-184, 2014.
- GREGÓRIO, G. S.; AMPARO, D. M. O brincar e o espaço potencial no ambiente virtual. *Revista Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. XXI, n. 1, p. 71-82, 2018.
- MARTINEZ, V. C. V. “O brincar e a realidade”... virtual: videogame, assassinatos e imortalidade. *Estilos da Clínica*, v. 14, n. 26, p. 150-173, 2009.
- RAMOS, D. K.; FRONZA, F. C. A. O.; CARDOSO, F. L. Jogos eletrônicos e funções executivas de universitários. *Estudos de Psicologia*, v. 32, n. 2, p. 217-228, 2018.
- ROMÃO-DIAS, D.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O brincar e a realidade virtual. *Cadernos de Psicanálise*, v. 34, n. 26, p. 85-101, 2012.
- TURKIEWICZ, G. Os jogos virtuais e as novas realidades: o uso possível do objeto. *TRIEB*, v. 22, n. 1, p. 83-96, 2023.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



**20.03
21.03**

2025

O REAL DO CAPITAL: O HÁBITO DE MAIS-GOZAR

Primeiro Autor: Luciano de Paula e Silva Ferreira da Rosa¹

Segundo Autor: Luísa Knott Oliveira Silva²

Terceiro Autor: Leandro Anselmo Todesqui Tavares³

RESUMO

Palavras-chave: *Mais-gozar; hábito; discurso; capitalismo.*

O Mais-Gozar em Lacan apresenta sua consolidação enquanto conceito na realidade capitalista, contudo, busca-se demonstrar, para melhor compreensão da conceitualização mencionada, o modo como esse é efetivado pelo capital através do hábito e do discurso. Para tal, a partir da compreensão de Real para Lacan, da definição de hábito para Žižek (2013) e Benjamin (2017), seguiu-se uma revisão bibliográfica não-sistemática. Para demonstrar como essa época se constitui é necessário introduzir a diferença entre realidade e Real, sendo aquela a realidade social compartilhada das pessoas que interagem no processo de produção, e que por sua vez, este processo denota a lógica espectral do capital que determina o que ocorre na realidade social (Žižek, 2016). Pois, ressaltada essa distinção, pode-se entender a ascensão do discurso do universitário como sequencial à mercantilização do saber; ou sua unificação em um único “mercado”- a entender, a ciência - o qual dispõe da

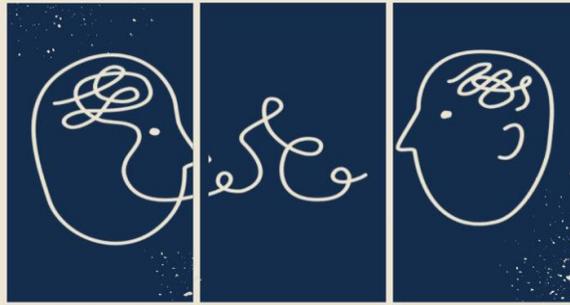
¹ Graduando de Psicologia, Universidade Federal do Paraná (UFPR), lucianopsf.rosa@gmail.com

² Graduanda de Psicologia, Universidade Estadual de Londrina (UEL), luisa.knott.oliveira@uel.br

³ Psicólogo/Doutor em Psicologia; Universidade Estadual de Londrina (UEL), leandro.todesqui@uel.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



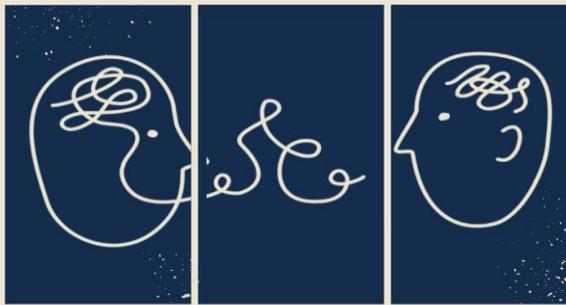
20.03
21.03

2025

capacidade de comparar, e portanto, valorar diferentes categorias de saberes (Oliveira, 2008). Por discurso do universitário (Lacan 1991/1992), entende-se a crítica de MacIntyre (1981/2020) à modernidade como aquela que, após o iluminismo, tentou unificar racionalmente todo conhecimento e para tal situou todos os saberes em uma única designação conceitual - ou, em um “único mercado” -, tornando esse conhecimento, portanto, como um novo Mestre (Lacan 1991/1992). O cenário histórico, aquele da propulsão da ciência e do deslocamento do saber para sua posição de mestre, utiliza da conjuntura para a ascensão do capital enquanto fato histórico. Isso é, na lógica espectral do capital, o real enquanto gozo psíquico passa a funcionar no momento que o produto do labor abstrato é equiparado ao produto do labor concreto através da troca (Žižek, 2021): é a partir da transformação do trabalho em mercadoria (Marx, 1844/2004), e da hierarquização do valor do saber pelo seu valor de troca (Žižek, 2021), que se pode afirmar a mais-valia como produto do discurso capitalista (Oliveira 2008). Ou seja, o sistema capitalista é o sistema de produção de mais-valia/mais-gozar, pois necessita desta para colocar em funcionamento toda a sua produção (Oliveira, 2008); enquanto o discurso do capitalista advém como o modo de tornar a força de trabalho em mercadoria ao ascender o mercado ao campo do Outro. A regência da realidade econômica passa a ser efetivada pela exploração do proletariado que, por sua vez, está já adequado a tal dada constituição linguística do inconsciente, vez que: “O inconsciente é estruturado como linguagem” (Lacan, 1973/1985, p. 27). Lacan (1973/1985) procede em observar que antes do nascimento de cada sujeito, existem significantes que organizam o modo inaugural das relações humanas, “[...] lhe dão as estruturas” (p. 28); disso, deriva-se na contemporaneidade, a ascensão do discurso do capitalista como a verdade totêmica das subsequentes relações no real do capital. Contudo, determinada conjectura não esclarece como o mais-gozar é instaurado na ordem do prazer, ou do além do prazer pelo trabalho.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



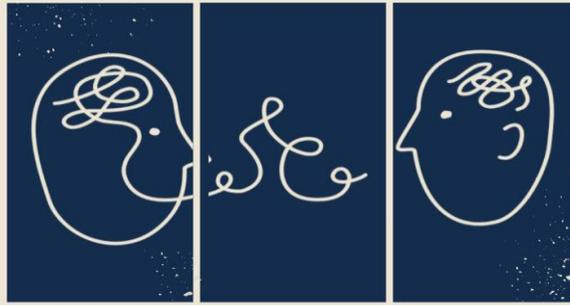
20.03
21.03

2025

Afinal, enquanto conceito, o mais-gozar surge a partir de uma dupla constatação: a de que o discurso do capitalista pressupõe a perda de um objeto que deve ser recuperado pelo mercado, o gozo perdido que volta como mais-gozar (Oliveira, 2008); e a de que o que está para além do princípio do prazer é o gozo em si, ou seja, a *jouissance* funciona apenas como produto da repressão, dando corpo ao mais-gozar e seu paradoxal *prazer na dor* (Žižek, 2013). Dessas duas definições, tira-se da segunda uma compreensão fenomenológica independente do funcionamento próprio do capital, de modo que Žižek (2013) segue descrevendo tal funcionamento a partir de leituras de Hegel -, mas que está em função da estrutura do prazer de seu tempo. De modo complementar, ainda que se situe no coração da estrutura capitalista, a primeira, a definição de que há um objeto perdido a ser recuperado pelo mercado, está em relação de necessidade com um mais-gozar próprio do capital, mas será argumentado que este apenas se concretiza pelo hábito. A definição hegeliana de hábito pode ser posta como um “[...] vir a ser essencial do acidente” (Žižek, 2013, p. 192), algo que de modo contingente se repete até ser levado à universalidade do sujeito, passando a pertencer àquilo que se nomeia essência. A partir dessa definição, vale discriminar a vívida liberdade que advém da suposta “falta de vivacidade” que os hábitos trazem: apesar de serem comportamentos mecanizados e retirados da esfera da consciência para sua realização, é a partir dessa perda que ascende qualquer liberdade possível. Isso decorre do “pano de fundo” da liberdade que se torna um hábito (Žižek, 2013), ou seja, quando automatizadas as atividades mecânicas e as linguísticas, é que o sujeito passa a “[...] possuir a si mesmo” (Žižek, 2013, p. 197), permitindo-se expressar os movimentos internos sem a necessidade de consciência, e conseqüentemente, complexificar essas atividades para novas esferas. Contudo, uma vez que o humano torna-se si mesmo pelo hábito, como o mais-gozar instaura-se como um em-si próprio do capital? Benjamin (1936/2017) define o hábito, arraigado

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



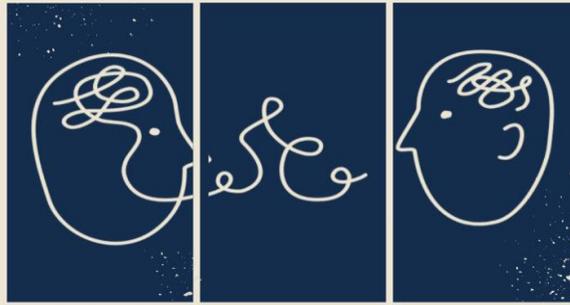
20.03
21.03

2025

no materialismo marxiano, ou seja, como consequência aos modos de produção de uma época: "As tarefas que são apresentadas ao aparato perceptivo humano em momentos de transformação histórica não podem de modo algum ser resolvidas por meio da mera óptica, isto é, da contemplação. Guiadas pela recepção tátil, elas são paulatinamente dominadas pelo hábito" (Benjamin, 1936/2017, p. 69). Tal noção do engajamento constante com atividades lábeis, que ainda estão em processo de consolidação histórica - por elas entende-se novidades materiais como movimentos sociais, modalidades culturais, sistemas econômicos etc. -, indica uma paulatina construção da identidade que surge dos antagonismos e tensões naturais de uma sociedade e de seu trabalho nesta (Žižek, 2013). Disso, considera-se lógico que os hábitos potenciais são reverberações do Real, isso pois aqueles estão em função daquilo que uma época não simboliza suficientemente. De modo similar, o espírito hegeliano é definido pelo trabalho social (Adorno, 1963/2013) - sendo o último causa e consequência da extração do significado dos próprios objetos pelo Outro, uma vez que se torna o que é [trabalho] apenas como trabalho para outro, transcendendo a continência individual (Adorno, 1963/2013) - ou seja, o próprio absoluto (Adorno, 1963/2013), a própria verdade é, assim como o sujeito que a apreende, fruto de sua época; ou, como compõe Marx: "A grandeza da "Fenomenologia" hegeliana [...] é que compreende a essência do trabalho e concebe o homem objetivo, verdadeiro, porque homem efetivo, como o resultado de seu próprio trabalho" (Marx, 1844/2004, p. 123). Doravante, a própria verdade, sendo ela constituída pelas contradições de seu tempo, é efetivada enquanto Outro, ou seja, enquanto "[...] lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda *tudo que* vai poder presentificar-se do sujeito" (Lacan, 1973/1985, p. 200). O discurso, portanto, não desemboca apenas em uma realidade específica, mas possibilita - e é possibilitado pelo Real, neste caso, do Capital. Ou seja, o mais-gozar pode ser considerado territorializado para as razões do

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

capital, não meramente pelo fruto necessário do discurso do capitalista, mas pelo discurso do universitário ter, antes, concretizado o solo da mercantilização dos saberes, e então encontrou na realidade nascente do mais-valor sua materialidade, a qual permite a adsorção das práticas, e da realidade do capitalismo e seu trabalho exploratório para a esfera do hábito. Dessarte, o discurso do capitalista é causa e consequência da mais-valia (Oliveira, 2008), enquanto o gozo-em-si é apreendido pelo capital e transportado para a ordem mercadológica, formatando, consequentemente, o mais-gozar enquanto efeito próprio do discurso. Assim, concluiu-se o mais-gozar do capitalismo como resultado indireto do discurso do universitário; este que funda o mercado de saberes e dá materialidade (através do hábito) à possibilidade da mais-valia. Uma vez a mais-valia instaurada pela transformação do trabalho em mercadoria, esta mantém a expansão do próprio capital enquanto habitua a população à interação em função da ordem mercadológica, resultando no discurso do capitalista e na precificação do prazer perdido. O mais-gozar, portanto, é uma possibilidade que se efetiva na ascensão do capitalismo enquanto a realidade material possível.

AGRADECIMENTOS

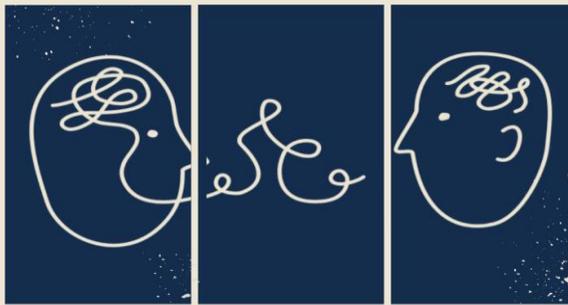
À Universidade Estadual de Londrina.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. (1963) *Três estudos sobre Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BENJAMIN, W. (1936) *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017.
- LACAN, J. (1991) *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

LACAN, J. (1973) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MACINTYRE, A. (1981) *Depois da virtude: um estudo sobre a teoria moral*. São Paulo: Ubu, 2020.

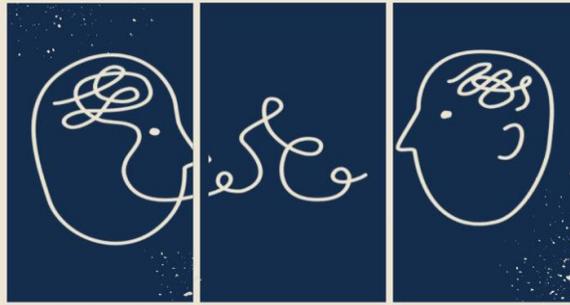
MARX, K. (1844) *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2004.

OLIVEIRA, C. *O chiste, a mais-valia e o mais-de-gozar*. Revista Religião e Liberdade, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2008.

ŽIŽEK, S. *A atualidade do Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2021.

ŽIŽEK, S. *Menos que nada: a sombra do materialismo histórico*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

ŽIŽEK, S. *O absoluto frágil: ou por que vale a pena lutar pelo legado cristão?*. São Paulo: Boitempo, 2016.



QUEIXAS CLÍNICAS DE CRIANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE: DADOS DE UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA PÚBLICO NO INTERIOR PAULISTA

Ananda Kenney da Cunha Nascimento¹

Gabriele de Sousa Salvador de Araujo²

RESUMO

Palavras-chave: *criança; psicologia clínica; saúde mental.*

As Instituições de Ensino Superior (IES) comprometidas com a formação de profissionais psicólogos – profissão regulamentada em 27 de agosto de 1962, no território brasileiro (Brasil, 1962) – deve prever um currículo que tenha vistas a formar egressos competentes teórica, técnica e atitudinalmente a fim de que os psicólogos possam atuar nas distintas áreas de atuação da Psicologia e seja capaz de lidar com as demandas contemporâneas, de acordo com a sua área de especialidade (Nascimento; Caldas, 2020).

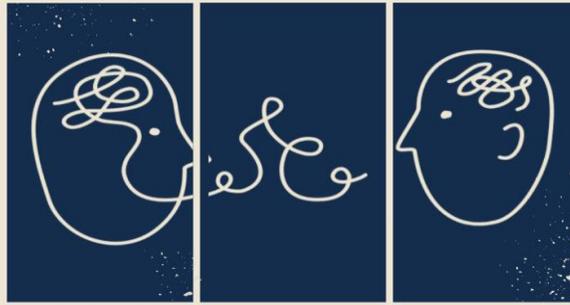
Nesta direção, nota-se a importância dos cursos de graduação de cada região levar em consideração, desde o seu planejamento, o que há de emergente no território de abrangência e que possa ser campo fértil para a atuação dos profissionais. Assim,

¹ Psicóloga/Doutora em Psicologia Clínica; Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, ananda.kenney@unesp.br;

² Psicóloga/Graduada em Psicologia; Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, salvadorgabriele845@gmail.com.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

os serviços-escola servem de ambiente facilitador para o exercício profissionalizante de estagiários que desenvolvem ações supervisionadas por docentes experientes na área, no âmbito de práticas com ênfase em processos clínicos. Além destes terem, sobretudo, a função social de ofertar atendimento psicológico à comunidade, independente da faixa etária (Conselho Federal de Psicologia; Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Associação Brasileira de Ensino de Psicologia, 2013; Firmino, 2011).

Pesquisas desenvolvidas por Porto, Valente e Rosa (2014) e Sei, Skitnevsky, Trevisan e Tsujiguchi (2019) ilustraram um índice expressivo de crianças (de 0 até 11 anos e 11 meses) no cômputo geral, sendo o segundo público que mais busca os serviços-escola; o que fora ainda mais problemático no contexto pandêmico da Covid-19 que impôs as crianças isolamento social, afetando a saúde mental destas (Gruber *et al.*, 2021).

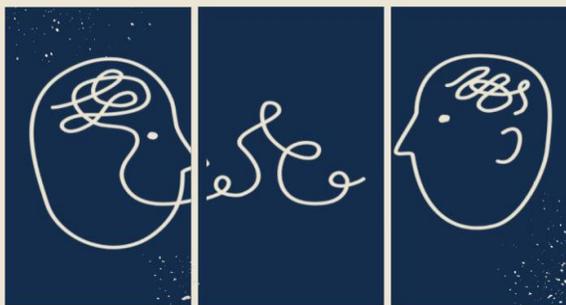
Logo, por entender que a infância ocupou um lugar central nas dinâmicas familiares e sociais ao longo dos processos sócio-históricos, evidencia-se a necessidade de prover cuidados básicos (Abrão, 2001; Bock; Teixeira; Furtado, 2015), garantindo seus direitos previstos em legislação (Brasil, 1990); bem como dedicar modos de cuidados psicológicos, visando o desenvolvimento social e emocional, em direção de uma saúde integral.

Para isso, Winnicott (1975) salienta a necessidade das crianças estarem inseridas em ambientes, familiares e sociais (Fulgencio, 2008), que sejam suficientemente bons, favorecendo o desenvolvimento saudável e o amadurecimento de cada pessoa com o intuito de que sejam sujeitos que partam da dependência e sigam rumo à independência, de modo integrado.

No entanto, diversas crianças lidam com obstáculos nesse processo e apresentam queixas de ordem psicológica e social, chegando aos serviços-escola.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

Assim, é no processo de coleta de dados inicial, por meio de uma triagem psicológica, que os psicoterapeutas poderão escutar as problemáticas e os sofrimentos verbalizados e expressos pelos pacientes e seus familiares – obrigatoriamente, no caso de menores de idade –, levando-os a procurarem atendimento psicológico; quando, efetivamente, poderão trabalhar as suas demandas clínicas, indo para além dos conteúdos manifestados no início do processo, isto é, lidarão com os conteúdos latentes associados à queixa (Silva *et al.*, 2019).

Visto isso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as principais queixas clínicas da infância na contemporaneidade, as quais chegaram a um serviço-escola de uma IES pública, localizada no interior do estado de São Paulo, entre os anos de 2018 e 2023.

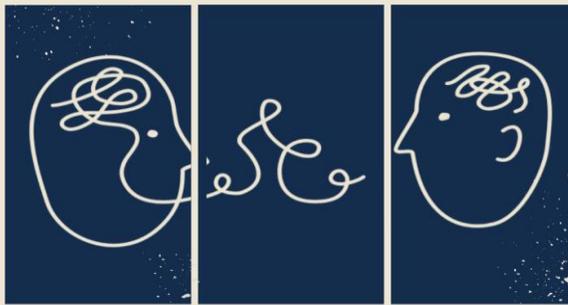
Metodologicamente, este trabalho é decorrente de uma pesquisa quanti-qualitativa e do tipo documental (Lakatos; Marconi, 2021), pois partiu-se dos registros dos prontuários psicológicos dos pacientes atendidos no serviço-escola, tendo estes documentos escritos como fontes primárias e configuraram-se como instrumento desta pesquisa.

O setor de prontuários do serviço cedeu todos os 158 prontuários arquivados e catalogados às pesquisadoras para que fossem analisados em um espaço sigiloso dentro do próprio local, após assinarem uma declaração de autorização de documentos e uso de infraestrutura. Frente ao exposto, os achados nos documentos foram tratados com base em uma análise estatística dos dados e seus conteúdos foram analisados e interpretados por meio do método de análise temática (Minayo, 2014) que proporcionou a leitura analítica e a síntese dos resultados.

Inicialmente, obteve-se dificuldade, por parte do serviço-escola, em localizar todos os prontuários, haja vista ter sido informada a existência de 170 registrados no sistema, porém foram localizados fisicamente n=158 prontuários. Todos estes foram

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

analisados de modo que foi possível conhecer o perfil das crianças que buscaram aquele serviço-escola no intervalo de tempo supracitado e identificar as principais queixas clínicas verbalizadas, objetivo central deste trabalho.

Corroborando outras pesquisas, como a de Freire, Borges e Rodrigues (2019), notou-se a presença de 56,77% crianças do sexo masculino. Neste local, a faixa etária da maioria dos pacientes foi entre 8 a 9 anos, sendo seguida por crianças de 6 a 7 anos; na sequência crianças entre 4 e 5 anos, e de 10 a 11 anos. O menor intervalo de idade foi de 2 a 3 anos e não foi registrada nenhuma criança entre 0 e 1 ano.

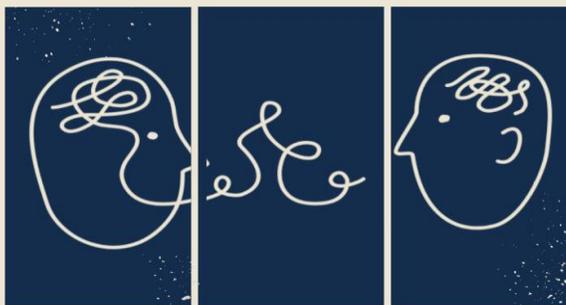
No tocante às queixas registradas em prontuários pelos entrevistadores, o que se refere à expressão do sofrimento psíquico que pode ser verbalizada pelos pacientes e seus responsáveis legais, notou-se uma variedade de temáticas. A problemática mais evidente foram conflitos familiares, versando sobre situações de dinâmicas familiares com casos de separação e disputa de guarda da criança, assim como brigas e outras complicações.

Na sequência, identificou-se as dificuldades relacionadas ao outro grupo social significativo na infância, além da família: a escola. Foram relatadas dificuldades escolares associadas a questões comportamentais e dificuldades em processos de leitura e escrita, refletindo em atrasos pedagógicos. De modo tão expressivo quanto as questões previamente apontadas, foi queixa frequente o quadro clínico de hiperatividade, com destaque para o sintoma de agitação e dificuldades com adaptação e regulação emocional. Também foi queixa recorrente a agressividade, seja no contexto familiar ou escolar e ainda contra si próprio. Em menor quantitativo, mas ainda sim significativo, apreceram as queixas relativas a déficit de fala e linguagem, acarretando prejuízos à comunicação verbal ou ao desenvolvimento da fala.

Neste ínterim, destaca-se que a ocorrência da pandemia da Covid-19 afetou significativamente os atendimentos que o serviço-escola vinha prestando à

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

comunidade infantil, pois foram atendidas apenas 7 crianças no ano de 2020, quando decretou-se o estado de calamidade pública decorrente desse contexto pandêmico; o que desencadeou em apenas 1 criança atendida no ano de 2021. Logo, com o aumento dos casos atendidos no ano subsequente, identificou-se muitas consequências desse fenômeno social, sobretudo com o aumento significativo da queixa relacionada à ansiedade, aparecendo o diagnóstico de ansiedade generalizada, bem como queixas de terrores noturnos e medo de ficar sozinho.

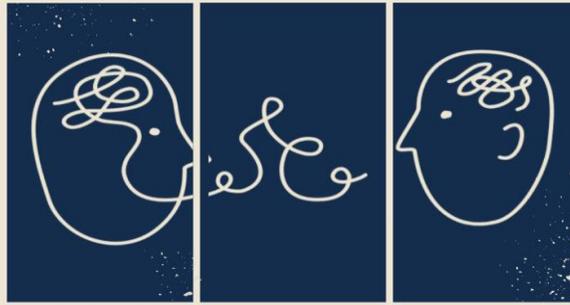
Nesse sentido, insta realçar que os serviços-escolas não atuaram em seu pleno funcionamento nesse período, pois estes seguem normativas acadêmicas de IES e não são serviços de saúde pública autônomos, demandando de regulamentos que regem práticas de estágio e atuação docente. Isto ficou evidente na análise dos prontuários que continham informações referentes a essa situação, assim como fizeram menção a greves demonstrando que situações trabalhistas e impasses com o Estado interferiram no atendimento prestado à comunidade.

Diante da contextualização sócio-histórica e apresentação dos dados deste trabalho, confirmou-se a necessidade recorrente de atualizar e contemporaneizar as informações acerca das queixas clínicas mais frequentes que envolvem a clientela infantil a fim de que seja possível conhecer melhor o público atendido em suas especificidades psicológicas. Isso possibilita refletir sobre os constructos teóricos e técnicos que estão sendo utilizados para intervir psicologicamente com as crianças neste dado tempo histórico.

Ademais, pesquisas documentais dessa natureza, possibilitam o aprimoramento dos serviços prestados ao público infantil no contexto clínico que é amplamente aprofundado em serviços-escola, assim como o serviço da IES em questão. Também salientam a notabilidade do preenchimento de informações relativas às queixas em documentos, sobretudo prontuários psicológicos que podem

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

ser acessados para compor pesquisas como esta. No mais, confirmar que as crianças seguem sendo o segundo maior público que busca serviços psicológicos, evidencia o necessário comprometimento da Psicologia na direção de ações que promovam saúde mental na infância, bem como práticas que previnam sofrimento psíquico e seus agravos.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, J. L. F. A história da psicanálise de crianças no Brasil. São Paulo: Escuta, 2001.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, A. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 15. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Câmara dos Deputados, 1990.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 4.119, de 5 de setembro de 1962, retificada em 10 de setembro de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Diário Oficial da União: seção 1, Poder Legislativo, Brasília, DF, p. 1, 10 set. 1962. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14119.htmhttps://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14119.htm. Acesso em: 7 fev. 2025.

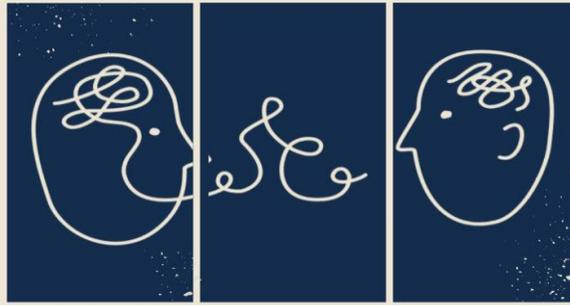
CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. Carta de serviços sobre estágios e serviços-escola. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2013.

FIRMINO, S. P. de M. Clínica-escola: um percurso na história e na formação em Psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FREIRE, M. M.; BORGES, I.; RODRIGUES, M; C. Caracterização do serviço-escola do Centro Universitário de Patos de Minas no período de 2009 a 2013. Revista do

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

COMCISA, Patos de Minas, n. 1, p. 15-27, 2019. Disponível em:
<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistadocomcisa/article/view/949/2757>.

Acesso em: 12 fev. 2025.

FULGENCIO, L. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. Rev. bras. psicanálise, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 123-136, 2008. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2008000100013&lng=pt&nrm=iso641X2008000100013&lng=pt&nrm=iso.

Acesso em: 10 dez. 2024.

GRUBER, J. *et al.* Mental health and clinical psychological science in the time of COVID-19: Challenges, opportunities, and a call to action.

American Psychologist, United States., v. 76, n. 3, p. 409–426, 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.1037/amp0000707>. Acesso em: 10 fev. 2025.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de Metodologia Científica. 9. ed. São Paulo: Grupo GEN, Atlas, 2021.

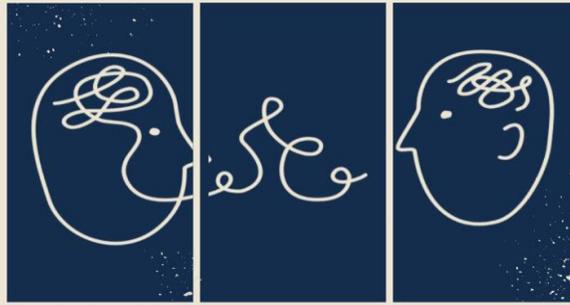
MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, A. K. C.; CALDAS, M. T. A formação acadêmica do psicológico atravessada pelos temas: religiosidade, espiritualidade e psicoterapia. Curitiba: Appris, 2020.

PORTO, M. A.; VALENTE, M. L. L. C.; ROSA, H. R. A construção do perfil da clientela numa clínica-escola. Boletim de psicologia, São Paulo, v. 64, n. 141, p. 159-172, 2014. Disponível em:
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006641X2014000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006641X2014000100013&lng=pt&nrm=iso641X2014000100013&lng=pt&nrm=iso).

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO



20.03
21.03

2025

59432014000200005&lng=pt&nrm=iso59432014000200005&lng=pt&nrm=iso.

Acesso em: 13 fev. 2025.

SEI, M. B. *et al.* Caracterização da clientela infantil e adolescente de um serviço-escola de Psicologia paranaense. *Rev. Psicol. UNESP, Assis*, v. 18, n. 2, p. 19-36, 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442019000300002&lng=pt&nrm=iso

90442019000300002&lng=pt&nrm=iso90442019000300002&lng=pt&nrm=iso.

Acesso em: 10 fev. 2025.

SILVA, A. C. M. *et al.* Incidência da escuta psicanalítica no processo de triagem no âmbito do serviço-escola de psicologia: um relato de experiência. *Revista Brasileira de Psicoterapia (Online)*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 77-91, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1223740>. Acesso em: 11 fev. 2025.

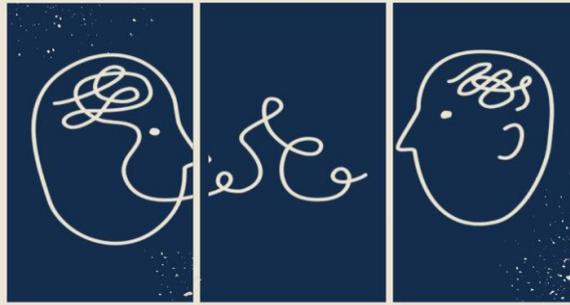
WINNICOTT, D. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis pelo apoio e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), conforme número de processo 2023/13724-9, pelo fomento da bolsa de pesquisa.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A ESCUTA CLÍNICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO BÁSICO

Mariana Guimarães Ulian¹

Josilene Schimitti²

RESUMO

Palavras-chave: *Psicanálise Contemporânea; Contratransferência; Supervisão;*

O papel do psicólogo e da psicanálise na contemporaneidade é frequentemente questionado, mas seu valor teórico-prático permanece central. Na Universidade Estadual de Londrina, a Psicanálise integra o currículo obrigatório de Psicologia e, embora o Estágio Básico no terceiro ano não tenha uma orientação teórica específica, as triagens na Clínica Escola UEL foram supervisionadas pelo projeto de extensão e pelo Grupo Catexia, ambos ancorados na abordagem psicanalítica adotada pela professora orientadora do grupo ao qual eu, aluna, pertencia.

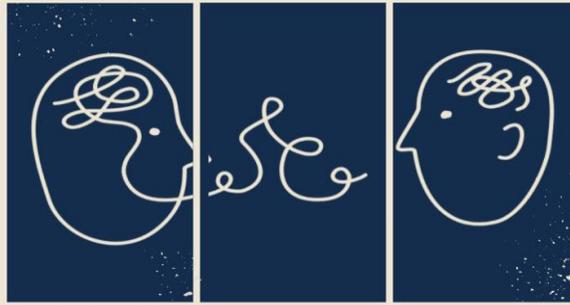
No andamento destas práticas, destacamos que o método de investigação psicanalítico dos processos psíquicos é maleável e não tem a intenção de ditar o que é certo ou errado, de forma que se caracteriza como um processo exploratório e investigativo da subjetividade de maneira que a prática clínica e a teoria psicanalítica se entrelaçam. Alguns trabalhos de Freud significativos a este tema são: *A introdução*

¹ Graduanda em Psicologia na Universidade Estadual de Londrina; ulian.mariana00@uel.br

² Mestre; Psicóloga Especialista em Clínica Psicanalítica pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Docente do Depto de Psicologia e Psicanálise da UEL. josischimitti@uel.br

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

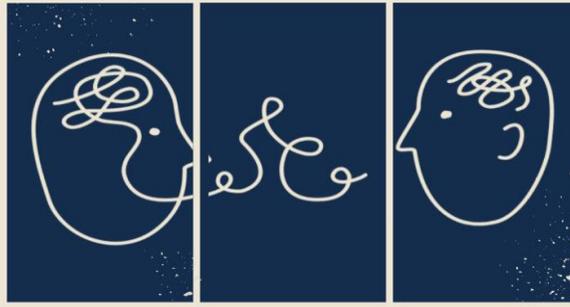
2025

ao narcisismo (1914), *O inconsciente* (1915), *Pulsões e seus destinos* (1915), *Esboço de psicanálise* (1940) e tantos outros configuram o entendimento de que “a psicanálise busca por saber do objeto inacessível diretamente, em que a abordagem, o método e o tratamento e o tipo de cientificidade são fusionados” (Ayouch, 2013, p. 86). Temos assim, uma justificativa da complexidade em delimitar uma razão de contemporaneidade em Psicanálise, ou como o próprio Freud (1932, p. 177) estabelece, não se trata de uma *Weltanschauung*, que significa concepção ou visão de mundo. Dessa forma, entende-se que a psicanálise não precisa e não pretende ser uma definição de mundo, mas antes uma investigação orientada pelos princípios do acontecer psíquico, dos “conflitos inconscientes opondo pulsões/desejos/fantasias e defesas – hipóteses que por sua vez orientam as intervenções do analista” (Mezan, 2007, p. 334). Partindo desse ponto de vista, desde o início de suas investigações, o método clínico é fundamental na construção teórica da psicanálise. E, Freud (1915/1996, p. 123) criteriosamente ergue sua dinâmica conceitual considerando que o verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Assim, mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas ideias abstratas ao material manipulado, temos assim, um sentido da contratransferência.

Neste relato de experiência, tratamos de uma sessão de triagem específica na qual a entrevistadora experimentou contratransferência com a paciente. Freud introduziu o termo contratransferência em 1910, no texto *As Perspectivas Futuras da Terapia Psicanalítica*, e descreveu a contratransferência como os sentimentos inconscientes que o analista desenvolve em resposta à transferência do paciente. Inicialmente, Freud via essa reação como um obstáculo ao tratamento, pois poderia distorcer a neutralidade do analista. Para Freud seria necessário reconhecer e dominar a contratransferência detectando e superando as suas próprias resistências.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

“Tornamo-nos cientes da contratransferência que nele surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes e estamos quase inclinados a insistir que ele reconhecerá a contratransferência em si mesmo e a sobrepujará.” (Freud, 1910, p.150)

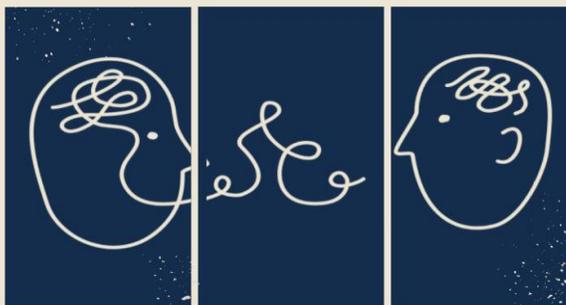
No andamento do desenvolvimento da compreensão sobre contratransferência, segue um breve recorte da triagem clínica que mobilizou esta reflexão e seus efeitos na escuta psicanalítica: A., 32a, trouxe como principal queixa uma série de crises depressivas sofridas há nove anos. Ao longo do processo de triagem, relata uma série de situações em que se posicionava frente suas relações sociais e profissionais de modo passivo e pouco obstinado. Este entendimento se organiza a partir das nossas observações ao longo da entrevista. Neste contexto, imediatamente a triadora, reconheceu uma interferência à escuta de A. Embora tenha cumprido todos os requisitos éticos e teóricos do processo de triagem, a estudante percebe sua resistência como uma manifestação contratransferencial, agindo como um obstáculo no setting de trabalho.

Já no andamento da supervisão dos trabalhos junto ao grupo, a estudante relatou sua experiência. Orientada pela supervisora do estágio a explorar quais seriam as motivações inconscientes que propiciaram a ação da resistência durante aquela sessão de triagem, na semana posterior, apresentou essa questão em sua terapia pessoal.

A supervisão constitui uma relação de ensino-aprendizagem que envolve a mobilização de sentimentos, incluindo manifestações inconscientes do analista, as quais se entrelaçam com a transferência do paciente e se expressam nas dinâmicas bipessoais. Assim, nos pautamos no entendimento trazido pelo próprio Freud (1919) e sistematizado pela IPA em 1925: a supervisão como uma condição de prática fundamental, para designar uma psicanálise conduzida com um paciente por um psicanalista que, por sua vez, encontra-se em análise didática, e que concorda em ser

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

supervisionado ou controlado, isto é, prestar contas dessa psicanálise a outro psicanalista (supervisor). A supervisão refere-se, de um lado, à análise que o supervisor faz da contratransferência do supervisionando para seu paciente, e de outro, à maneira como se desenrola a análise do paciente” (*apud* Roudinesco & Plon, 1998, p. 746).

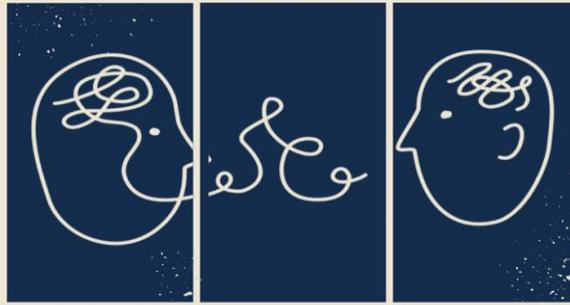
Posto isso, o relato de experiência do Processo de triagem durante a disciplina de Estágio Básico e supervisão como participante do Grupo Catexia, junto ao projeto de extensão 02812 na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, entre junho e dezembro de 2024. Durante esse período, foram realizadas duas entrevistas de triagem supervisionadas e orientadas no referencial teórico-prático psicanalítico pela Prof^a Ms. Josilene Schimiti. O grupo de trabalho composto por mais 7 estagiárias, onde desenvolveu as habilidades exigidas no programa da disciplina, contribuindo para o aprendizado do grupo. Para a análise da experiência, foram consideradas as anotações pessoais após cada processo de triagem, bem como as discussões e reflexões em grupo.

Esse processo de reflexão permitiu que a estudante ampliasse sua compreensão sobre a dinâmica transferencial e contratransferencial, percebendo que sua própria subjetividade também faz parte do setting psicanalítico. Além disso, a experiência reforça o papel da supervisão como um dispositivo fundamental para a sustentação do trabalho analítico, oferecendo um espaço de troca e elaboração no qual o futuro psicólogo pode desenvolver suas próprias habilidades e capacidades de escuta, bem como reconhecer e manejar suas próprias resistências.

Na prática contemporânea da psicanálise, a supervisão se mantém como um pilar essencial na formação de psicólogos, proporcionando um espaço para reflexão e elaboração das dificuldades encontradas não só na clínica. No contexto da triagem, onde a subjetividade do analista também está em jogo, o enfrentamento da resistência

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

– tanto do paciente quanto do próprio terapeuta – torna-se um aspecto central do processo. No que se refere à dinâmica contratransferencial o psicanalista, de fato, precisa reconhecer e considerar suas próprias reações internas ao que o paciente comunica, compreendendo-as como parte inerente da situação analítica e coerentes com o enquadre do tratamento (Dias & Berlinck, 2011). Este relato, evidencia-se a importância das supervisões, estudos teóricos e da análise pessoal tornam-se ferramentas fundamentais ao exercício profissional, em que reconhecer e trabalhar suas resistências, transformando-as em elementos de reflexão e instrumentalização na compreensão dos desafios impostos pela transferência e contratransferência, inerentes à formação de psicólogos orientados pela escuta psicanalítica.

Além disso, é possível constatar que o psicólogo, ao lidar com a resistência do paciente, também precisa estar atento às suas próprias defesas e à forma como essas influências inconscientes podem afetar sua prática clínica. Dessa maneira, a formação psicanalítica se mostra não apenas um processo teórico e técnico, mas um caminho de transformação subjetiva, no qual o psicólogo em formação aprende a reconhecer e elaborar os desafios que emergem nas relações humanas.

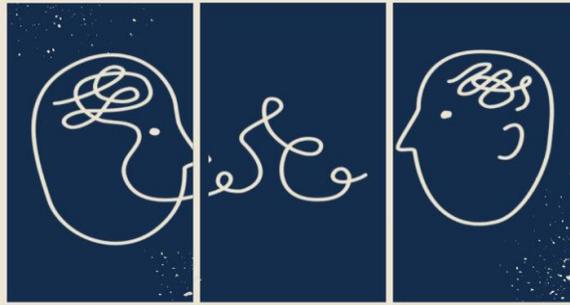
REFERÊNCIAS

AYOUCH, Thamy. Método e loucura da teorização em psicanálise: a busca de figurabilidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 83-96, 2013.

DIAS, Helena Maria Melo; BERLINCK, Manoel Tosta. Contratransferência e enquadre psicanalítico em Pierre Férida. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 221231, dez. 2011.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

FREUD, Sigmund. **O inconsciente**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

FREUD, Sigmund. **Pulsões e seus destinos**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

FREUD, Sigmund. **As perspectivas futuras da terapia psicanalítica**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.

FREUD, Sigmund. **Esboço de psicanálise**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 23.

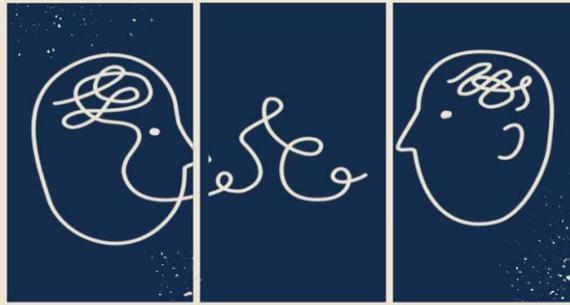
LIMA, Michael Henrique de Souza; FACHINI, Alexandre. Transferência e resistência em uma psicoterapia psicanalítica interrompida. **Aletheia**, Canoas, v. 49, n. 2, p. 38-46, dez. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942016000200005&lng=pt&nrm=iso

Acesso em: 24 fev. 2025.

MEZAN, Renato. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 319-359, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15172430200700020005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 fev. 2025.

I CONGRESSO DA LIGA ACADÊMICA DE PSICANÁLISE DA UEL

*PÓS-MODERNIDADE E
DISPOSITIVOS DE
SUBJETIVAÇÃO*



20.03
21.03

2025

ROUDINESCO, Élisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998